



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE

GUILHERME DUTRA ANTUNES

**A PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE A PRÁTICA EDUCATIVA
DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DO TIPO ETNOGRÁFICO EM UMA
ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ - SC**

Florianópolis - SC

2023

GUILHERME DUTRA ANTUNES

**A PERCEPÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE A PRÁTICA EDUCATIVA
DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DO TIPO ETNOGRÁFICO EM UMA
ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ - SC**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: Sociologia e História da Educação.
Orientador: Prof. Dr. Victor Julierme Santos da Conceição.

Florianópolis

2023

Ficha de identificação elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Antunes, Guilherme Dutra
A PERCEÇÃO DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE A PRÁTICA EDUCATIVA
DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DO TIPO ETNOGRÁFICO EM UMA ESCOLA
DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ - SC / Guilherme Dutra
Antunes ; orientador, Victor Julierme Santos da Conceição, 2023.
155 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Ciências da Educação, Programa de Pós-
Graduação em Educação, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Educação. 2. Identidade. 3. Educação Física Escolar. 4.
Educação. I. Conceição, Victor Julierme Santos da. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-
Graduação em Educação. III. Título.

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

NATUREZA DO DOCUMENTO: Dissertação de Mestrado.

INSTITUIÇÃO: Universidade Federal de Santa Catarina

ÓRGÃO/UNIDADE: Programa de Pós-Graduação em Educação no Centro de Ciências da Educação CED/UFSC.

LINHA DE PESQUISA: Sociologia e História da Educação.

TÍTULO DO PROJETO DE PESQUISA: A percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa da Educação Física: Um estudo do tipo etnográfico em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José – SC.

PROBLEMA DE PESQUISA: Qual a percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal no município de São José – SC ?

OBJETIVOS:

Geral: Analisar a percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal no município de São José – SC.

Específicos:

- Compreender como é formada a comunidade escolar da escola investigada;
- Analisar as diferentes percepções da comunidade escolar sobre a Educação Física na instituição;
- Analisar de que forma as diferentes percepções sobre a Educação Física atuam na construção das identidades desta disciplina;
- Compreender como a cultura escolar da instituição movimenta o processo identitário da disciplina de Educação Física.

INÍCIO: Agosto de 2021.

CONCLUSÃO: Setembro de 2023.

Guilherme Dutra Antunes

A percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa da Educação Física: Um estudo do tipo etnográfico em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José – SC.

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado no dia 04 de setembro de 2023, pela seguinte banca examinadora:

Prof. Dr. Victor Julierme Santos da Conceição
Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/CED/UFSC)
Orientador

Prof. Dr. Francisco Emílio de Medeiros
Universidade Federal de Santa Catarina (DEF/CDS/UFSC)
Examinador

Prof. Dr. Elison Antônio Paim
Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/MEN/CED/UFSC)
Examinador

Prof. Dr. Ademir Valdir dos Santos
(PPGE/EED/CED/UFSC)
Suplente

Certificamos que esta é a versão **original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Mestre em Educação.

Prof. Dr. Victor Julierme Santos da Conceição
Universidade Federal de Santa Catarina
(PPGE/CA/CED/UFSC)
Orientador

Prof. Dr. Ademir Valdir dos Santos
(PPGE/EED/CED/UFSC)
Coordenador do PPGE

Dedico esta pesquisa a minha esposa Juliana e
minhas filhas Alice e Lara, razões do meu viver...

AGRADECIMENTOS

Uma vez ouvi de uma pessoa que o sentimento mais bonito que o ser humano pode ter pelo outro é a gratidão. Nossa! Quantas pessoas passaram pela minha vida e ajudaram a moldar o sujeito Guilherme dos dias de hoje. Por isso, peço desculpas a aqueles que por acaso deixe de citar neste espaço de agradecimento.

Inicialmente, preciso agradecer a minha querida e amada esposa Juliana, a maior incentivadora, que me tirou da zona de conforto em que me encontrava e estimulou a todo momento a construção desta dissertação. Agradeço muito pela sua parceria, cumplicidade, amizade e principalmente todo amor e compreensão ao longo destes dois anos como mestrando e 9 anos de relacionamento. Te amo muito! E o fruto deste amor nos trouxe Alice e Lara, gêmeas, que vieram para alegrar e nos proporcionar a cada dia mais alegria e amor. Estas três mulheres representam a razão do meu viver e todas as minhas conquistas devo a elas. Amo muito vocês!

Agradeço imensamente aos meus pais, Almir e Magali, por sempre me apoiarem nas minhas escolhas de vida e carreira, dando todo o suporte possível para a realização dos meus sonhos. Muito obrigado mais uma vez por tudo o que vocês fazem por mim, por sua nora e suas netas. A minha irmã Mirela, com toda a sua quietude e sabedoria e que da sua forma sempre transmitiu seu carinho e apoio. Agradeço também aos meus avós, Aldo e Tereza, por me proporcionarem a convivência com toda a sabedoria e vivências que carregam ao longo dos seus anos e por me amarem como amam os seus filhos. Os meus tios também foram muito importantes neste processo, por todo carinho e incentivo que me trouxeram em suas palavras, gratidão!

Ao meu orientador, Prof. Dr. Victor Julierme Santos da Conceição, inicialmente por ter me acolhido no nosso grupo de estudos GEPPIFE a quatro anos atrás, e no exercício da sua função dentro desta pesquisa, por todos os ensinamentos, conhecimentos transmitidos e principalmente, por sua humanidade em lidar com as dificuldades por sérios problemas de saúde do qual minhas filhas e eu passamos durante o período de mestrado me dando toda a tranquilidade para realizar os tratamentos. Agradeço muito pela nossa amizade. A banca avaliadora que se dispôs desde o início a embarcar nesta viagem junto comigo, proporcionando tamanho aprendizado ao longo do percurso, muito obrigado Prof. Dr. Francisco Emílio Medeiros e Prof. Dr. Elison Antônio Paim.

Aos meus queridos amigos de GEPPICE, muito obrigado por todos estes anos que estamos juntos, seja nas nossas reuniões, nas orientações, nos estudos, nas festas e

confraternizações. Tudo ficou mais simples com a ajuda de vocês. Esta dissertação não é só do Guilherme, e sim do GEPPICE, pois através das nossas discussões e estudos, esta temática surgiu, portanto, muito obrigado Andresa, Francisco, Victor, Vitor, Sérgio, Emily, Kamylla, Raquel, Bruno, Gabrielle, Guilherme Viana, Leonardo, Leonardo Moraes, Gilmar, Darlan e todos os colegas que frequentaram o GEPPICE ao longo dos anos.

Agradeço imensamente a Secretaria Municipal de Educação do município de São José – SC por ter me concedido uma licença remunerada para estudo, proporcionando um ano de afastamento das minhas atividades profissionais para que me dedicasse a construção desta dissertação. Atitudes como esta, demonstra o incentivo a formação continuada dos professores, sendo os nossos alunos os maiores beneficiados. Deixo o meu obrigado ao “CEM Liberdade” pela autorização a realização da coleta de dados dentro da unidade bem como a todos os segmentos que participaram da pesquisa.

Sou grato ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSC e todos os professores que o compõe. Como foi bom retornar a esta universidade que já tinha “moldado” o sujeito Guilherme durante a graduação e agora, ao fim deste ciclo, continua interagindo e orientando a minha formação acadêmica, intelectual e pessoal. Como é bom estar em contato com o ensino público, gratuito e de qualidade, tão perseguido nos últimos quatro anos com negação a ciência e falta de investimentos a pesquisa e extensão. Todo este conservadorismo, extrema-direita e neo-liberalismo só trazem o mal ao povo e benefício apenas ao topo da pirâmide social. Espaços como estes, de produção de conhecimento, servem também para derrubarmos estas ideias retrógradas, fascistas e alienadas, em prol do povo. Assim, agradeço ao nosso presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, pelo retorno dos incentivos a ciência e pesquisa no Brasil e a volta da valorização do serviço público para o melhor atendimento a nossa população.

Sou extremamente feliz aonde cheguei e com quem vem caminhando comigo durante esta jornada o qual tenho certeza de que ainda está longe do fim. MUITO OBRIGADO!

RESUMO

O presente estudo se dedica a responder a seguinte questão norteadora: Qual a percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal no município de São José – SC? Para responder essa questão foi proposto o seguinte objetivo geral: Analisar a percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal no município de São José – SC; e os seguintes objetivos específicos: Compreender como é formada a comunidade escolar da escola investigada; analisar os diferentes olhares da comunidade escolar sobre a Educação Física na instituição; analisar de que forma os diferentes olhares sobre a Educação Física atuam na construção das identidades desta disciplina; compreender como a cultura escolar da instituição movimenta o processo identitário da disciplina de Educação Física. Neste sentido, para buscar responder a problemática do estudo foi realizada uma pesquisa qualitativa etnográfica em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José -SC. Como sujeitos, participaram da pesquisa professores de diferentes disciplinas e familiares de estudantes matriculados na escola. Para o processo de coleta de dados foi utilizada a observação participante, diário de campo, questionário e entrevista semiestruturada. A análise e interpretação dos dados se deu por meio do método da triangulação dos dados bem como a sua problematização a partir da ótica do paradigma da complexidade de Edgar Morin. Como considerações transitórias apresentamos uma série de fatores que contribuíram para a movimentação da identidade do componente curricular, como a experiência prévia enquanto estudantes, a interação com uma cultura esportiva que constrói o olhar atual de qual devem ser os conteúdos programáticos da Educação Física. Assim os diferentes olhares e percepções interagem com a cultural atual movimentando a identidade da Educação Física na escola.

Palavras-chave: Identidade; Educação Física Escolar; Educação.

ABSTRACT

The present study is dedicated to answering the following guiding question: What is the school community's perception of educational practice in the discipline of Physical Education in a municipal school in the city of São José – SC? To answer this question, the following general objective was proposed: Analyze the school community's perception of educational practice in the discipline of Physical Education in a municipal school. Community of the investigated school is formed; analyze the different perspectives of the school Community on Physical Education in the institution; analyze how different perspectives on Physical education act in the construction of the identities of this discipline; understand how the institution's school culture moves the identity process of the Physical Education discipline. In this sense, to seek to answer the problem of the study, qualitative ethnographic research was carried out in a school in the Municipal Education Network of São José – SC. As subjects, teachers from different disciplines and families of students enrolled at the school participated in the research. For the data collection process, participant observation, field diary, questionnaire and semi-structured interview were used. Data analysis and interpretation took place through the data triangulation method as well as its problematization from the perspective of Edgar Morin's complexity paradigm. As transitory considerations we present a series of factors that contributed to the movement of the identity of the curricular component, such as previous experience as students, interaction with a sports culture that builds the current view of what the programmatic content of Physical Education should be. Thus, different perspectives and perception interact with the current culture, moving the identity of Physical Education at school.

Keywords: Identity; School Physical Education; Education.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Foto aérea do CEM “Liberdade”	pág.17
Figura 02 – Foto da unidade escola	pág.18
Figura 03 - Foto quadra poliesportiva	pág.49
Figura 04 – Foto parque	pág.49
Figura 05 – Foto laboratório de informática	pág.49
Figura 06 – Foto elevador	pág.50
Figura 07 – Foto biblioteca	pág.50

LISTA DE TABELAS

- Tabela 01** – Tabela de resultados encontrados na base de dados de teses e dissertações da CAPES _____pág.23
- Tabela 02** – Número de unidades de ensino e de estudantes da Rede Municipal de Ensino de São José – SC _____pág.45
- Tabela 03** – Quantidade de turmas da unidade pertencente ao campo de observação ___pág.48
- Tabela 04** – Participantes da entrevista semiestruturada _____pág.52
- Tabela 05** - Cronograma de atividades acadêmica _____pág.59

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ACT – A caráter temporário.

BNCC – Base Nacional Comum Curricular

CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

CDS – Centro de Desportos.

CED – Centro de Ciências da Educação.

CEFID – Centro de Ciências da Saúde e do Esporte.

CRAS – Centro de Referência em Assistência Social.

GEPPICE – Grupo de Estudos e Pesquisa em Prática Educativa, Identidade Docente e Cultura Escolar.

CEI – Centro de Educação Infantil.

CEM – Centro Educacional Municipal.

EJA – Educação de Jovens e Adultos.

NEPEF – Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física.

PME – Plano Municipal de Educação.

PNE – Plano Nacional de Educação.

PPGE – Programa de Pós-Graduação em Educação.

PPP – Projeto Político Pedagógico.

RME – Rede Municipal de Ensino.

SME – Secretaria Municipal de Educação.

TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido.

UBS – Unidade Básica de Saúde.

UDESC – Universidade do Estado de Santa Catarina.

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina.

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	13
1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA DA TEMÁTICA	18
1.2 PROBLEMÁTICA DE PESQUISA	20
1.3 OBJETIVOS	20
1.3.1 Objetivo geral	20
1.3.2 Objetivos específicos	20
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	21
2.1 A IDENTIDADE DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS OUTROS: UMA ANÁLISE SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO	22
2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: SUAS TEORIAS PROGRESSISTAS E TRANSFORMAÇÕES	23
2.2.1 A origem e influências sofridas pela Educação Física escolar no Brasil	23
2.2.2 A construção das teorias e propostas pedagógicas para a Educação Física escolar	25
2.3 O RECOINHECIMENTO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA	27
2.4 O PAPEL DO CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR	30
2.5 AS IDENTIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: COMO ELAS SE MOVIMENTAM?	32
2.6 CULTURA ESCOLAR	35
3 METODOLOGIA, INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS	39
3.1 A PESQUISA ETNOGRÁFICA COMO PROCESSO METODOLÓGICO NO COTIDIANO ESCOLAR.	39
3.2 A ETNOGRAFIA COMO DESCRIÇÃO DE UMA REALIDADE HISTÓRICO-CULTURAL	42
3.3 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO.	43
3.3.1 Rede Municipal de Ensino de São José - SC	43
3.3.2 A Educação Física na Rede Municipal de Ensino de São José - SC	45
3.3.3 Apresentando o Centro Educational Municipal “Liberdade”	47
3.3.4 Descrição dos sujeitos de pesquisa no campo de observação	51
3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS	53
3.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.	55

3.6 O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE NA INTERPRETAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DOS DADOS.	56
3.7 ASPECTOS ÉTICOS E CRONOGRAMA DE ESTUDOS	58
4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS DE CADA SEGMENTO	60
4.1 ANÁLISE E PROBLEMATIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS	60
4.2 A COMUNIDADE ESCOLAR E SUAS PERCEPÇÕES QUANTO AO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA	60
4.3 A "MOVIMENTAÇÃO" DA IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE A SUA PRÁTICA EDUCATIVA E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA ESCOLAR	68
5 CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS	86
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	91
ANEXOS	95
ANEXO A - ROTEIRO ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	96
ANEXO B - TERMO DE AUTORIZAÇÃO A PESQUISA NA RME	97
ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - SEGMENTO PROFESSORES	99
ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - SEGMENTO TRABALHADORES DA UNIDADE ESCOLAR	103
ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO - SEGMENTO PAIS/RESPONSÁVEIS ESTUDANTES DA UNIDADE ESCOLAR	107
ANEXO F - ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO EM CAMPO	111
ANEXO G - QUESTIONÁRIO SEGMENTO PROFESSORES	112
ANEXO H – QUESTIONÁRIO SEGMENTO SERVIDORES DA UNIDADE ESCOLAR	116
ANEXO I – QUESTIONÁRIO SEGMENTO PAIS OU RESPONSÁVEIS PELOS ESTUDANTES DA UNIDADE ESCOLAR	120
ANEXO J – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA	124
ANEXO K – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS: SEGMENTO PROFESSORES	128
ANEXO L – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS: SEGMENTO TRABALHADORES DA UNIDADE ESCOLAR	136

**ANEXO M – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS: SEGMENTO PAIS/RESPONSÁVEIS
PELOS ESTUDANTES DA UNIDADE ESCOLAR _____ 144**

1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Durante anos o campo da Educação Física vem passando por transformações e questionamentos quanto ao seu papel, significado e, até mesmo, sua identidade. Ao longo de mais de uma década como professor de Educação Física escolar, em conversas informais com professores das mais diversas disciplinas, gestores, trabalhadores da escola, além de estudantes e pais/responsáveis, fui percebendo que estes ao relatarem as experiências das aulas de Educação Física na escola, as lembranças foram ou são de momentos mágicos, de liberdade, prazer, superação de desafios, brincadeiras, sorrisos, entre outros.

Contudo, esses dados empíricos destes diálogos, também mostrou momentos de desinteresse com os conteúdos propostos pela disciplina, falta de destreza ao realizar o gesto técnico, o desgosto pela atividade física e esportes. Mesmo na contemporaneidade de campos teóricos progressistas, cuja Educação Física opera por dentro da cultura corporal do movimento, ao invés de apenas padrões motores e gestos técnicos que, historicamente vem deixando marcas negativas nas experiências de uma parcela de educandos dentro das escolas.

Qual professor de Educação Física nunca ouviu as seguintes frases: “o estudante não se comportou por isso não irá para a Educação Física”, ou então “a aluna não entregou o trabalho, sendo assim não fará a aula de Educação Física”, como também “no meu tempo de estudante, Educação Física era jogar bola”. Essa forma de Educação Física como premiação merece uma crítica profunda, pois o conhecimento não pode ser delimitado. Ou seja, se forma apenas um espaço de lazer, sem conteúdo embasado no currículo da escola.

A disciplina, na sua constituição histórica, passa por uma ampla diversidade de propostas embasadas em diferentes perspectivas teóricas. Entendemos que no contexto atual, com olhares críticos e reflexivos, por dentro de uma educação progressista, adotamos como ponto de reflexão que a Educação Física na escola se debruça no papel sistêmico com as propostas do contexto escolar. Neste sentido, um olhar sobre a perspectiva que prioriza o gesto técnico e padrões de movimento, em detrimento do trato sobre a cultura corporal de movimento, perde o sentido da disciplina na escola básica pública.

Muitos colegas de trabalho na escola, de outros campos que não são o da Educação Física, dentre eles a equipe gestora das unidades de ensino (compreendendo no presente projeto como sendo os diretores, supervisores e orientadores), demais trabalhadores da instituição

escolar, bem como estudantes provenientes de outras escolas e pais da comunidade escolar enxergam a disciplina de diferentes formas¹.

A partir de observações sobre situações enfrentadas, como docente, no cotidiano educacional, percebe-se que uns enfatizam a importância do “se movimentar” na formação física e intelectual do indivíduo, outros pensam como forma de libertação das “amarras” da estrutura escolar. Com isso, é importante compreender que Kunz (2004) com suas perspectivas sobre o movimento humano, enfatizou a importância deste sujeito ou ser que se movimenta, deixando de lado a ótica de imitação ou cópia dos movimentos, caracterizando o “se movimentar”. Para Santos (2008, p.54)

Todos estes estudos e análises do “brincar e Se-movimentar” que se concentram mais no conteúdo padronizado do que no evento, da vivência e experiência do “brincar e Se-movimentar” tem uma finalidade pedagógica para o desenvolvimento da criança/aluno com perspectivas ao seu futuro. Porém, o “brincar e Se-movimentar” de forma livre e espontânea como é natural nas crianças, não tem nada a ver com o futuro. “Brincar e Se-movimentar” não devem ser vistos como uma preparação para algo, para o desenvolvimento de tais e tais dimensões humanas. É simplesmente um fazer...

Há aqueles que entendem como merecimento ou premiação a participação nas aulas em função da entrega de atividades ou bom comportamento durante o andamento das outras disciplinas; outros pensam a disciplina como hora da brincadeira ou um tipo de recreação. Estes dados, nos mostram a Educação Física como premiação pelo bom comportamento, sendo semelhante a libertação do prisioneiro que está em liberdade condicional. Neste sentido, as aulas em sala podem dar a impressão de serem prisões que delimitam os corpos dos estudantes.

Pode-se perceber desta maneira, que estes sujeitos (a comunidade escolar), expressam o tipo de Educação Física que os marcaram em suas experiências e interações enquanto estudantes do ensino regular, carregando esta herança para o cenário escolar no exercício da sua função (como gestores, professores e funcionários). Dessa forma, para Morin (2011, p.19):

A cultura, que caracteriza as sociedades humanas, é organizada/organizadora via o veículo cognitivo da linguagem, a partir do capital cognitivo coletivo dos conhecimentos adquiridos, das capacidades aprendidas, das experiências vividas, da memória histórica, das crenças místicas da sociedade.

Sendo assim, fatores condicionantes podem ser implementados pela comunidade escolar interagindo com a rotina educacional, inclusive nas disciplinas, através da cultura escolar que foi inserida enquanto estudantes. Essa mesma cultura vem carregada de significados

¹ Nesta dissertação, chamarei este grupo de comunidade escolar.

e valores, fornecendo condições para a formação, concepção e conceitualização (MORIN, 2011).

Historicamente, a Educação Física escolar passou por diversas fases e momentos, com a evolução do Ser Humano e da sociedade, deixando de ser apenas a prática esportiva e atividade física por si só, para uma formação humana sistêmica (integrada) do corpo nas suas relações com o meio e com o sistema. Em minhas vivências como professor da área percebi algumas situações que podem dificultar o andamento desta disciplina na escola, no planejamento dos conteúdos propostos, tirando o direito do estudante de vivenciar determinado conteúdo, podendo gerar sentimento de injustiça e frustração.

Com esta dita “crise de identidade” da Educação Física escolar, os sentimentos de injustiça e falta de reconhecimento pode interferir nas relações no ambiente de trabalho. Segundo Dubet (2014) o reconhecimento está ligado a sentimentos de justiça e exigências cruzadas de igualdade e autonomia. Ainda citando o mesmo autor, considera-se injustiças, situações e relações que privem os trabalhadores de sua criatividade, singularidade e/ou dignidade, ou seja, circunstâncias que podem diminuir a realização pessoal dos professores de Educação Física no trabalho. Então

[...] nesse caso, a norma do julgamento não é um princípio cultural do mesmo tipo que a igualdade hierárquica ou a equidade decorrente dos cálculos que estabelecem o mérito, mas remete a uma experiência própria e estritamente subjetiva, na qual o ator mede a qualidade de seu trabalho em relação a uma aspiração à autonomia e ao crescimento pessoal, cujo o único juiz é ele (DUBET, 2014, p. 30-31).

Com isso, podemos refletir, levando em consideração as ideias do autor e também da sociologia, que os trabalhadores (neste caso o professor de Educação Física) ao ter um bom convívio social e inter-pessoal no ambiente de trabalho (a escola), autonomia para administrar os conteúdos a serem ministrados bem como o reconhecimento da sua importância para aquele ambiente, traz consigo a realização profissional assim como o sentimento de justiça. Por outro lado, se formos pensar que quando este trabalhador não percebe o interesse por parte da comunidade escolar na disciplina de Educação Física, em todas as suas possibilidades de aprendizado e em sua importância para a formação dos sujeitos, carrega consigo o que Dubet (2014) chama de sentimento de alienação subjetiva. Caracterizado pela impotência, desprezo, falta de interesse, desânimo etc.

Portanto, o reconhecimento dos sujeitos é essencial no ambiente de trabalho. Onde, para Perez Gomez (2001), estes, no ambiente escolar, se reconhecem a partir do cruzamento de

culturas.

Assim, cultura é:

[...] conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, o qual facilita e ordena, limita e potencia os intercâmbios sociais, as produções simbólicas e materiais e as realizações individuais e coletivas dentro de um marco espacial e temporal determinado (PEREZ GOMEZ, 2001, p.17)

Sendo o “resultado da construção social, contingente as condições materiais, sociais e espirituais que dominam um espaço e um tempo” (PEREZ GOMEZ, 2001, p.17).

É importante frisar que os dados levantados nesta pesquisa serão analisados a luz do paradigma da complexidade de Edgar Morin. Qualquer aquisição de conhecimento irá selecionar os dados mais significativos e rejeitar aqueles que não são importantes para o que se deseja conhecer (MORIN, 2015). Sendo assim, a complexidade chega até nós, apresentando

[...] traços inquietantes do emaranhado, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza... Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar...(MORIN, 2015, p.13-14).

Uma das grandes dificuldades de pensarmos e observarmos o contexto de forma complexa é o risco de separarmos o sujeito pensante e a coisa entendida, conforme formulou Descartes neste paradigma essencial do Ocidente. Ou seja, separar a ciência da filosofia, caracterizando o pensamento simplificador. Assim, não se correlaciona as ideias que surgem no contexto a ser observado, analisando, de forma simplificadora, cada uma das informações que surgem individualmente.

Desta forma, com todo este emaranhado de informações que surge a partir do olhar do observador ou do pesquisador, a complexidade irá compreender as “incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios. A complexidade num certo sentido sempre tem relação com o acaso” (MORIN, 2012, p.35). A ciência tinha por objetivo eliminar qualquer tipo de imprecisão, tornando-se cada vez mais “confiável” e precisa. Mas, pensando a partir do olhar complexo, esta imprecisão precisa ser levada em consideração para (re)pensarmos os fenômenos e conceitos que surgem a partir do olhar do observador ou do pesquisador, quanto ao fenômeno que se pretende “conhecer”.

Pensando a ciência de forma complexa, fugimos da possibilidade de torná-la cega,

[...] em sua incapacidade de controlar, prever, até mesmo conceber seu papel social, em sua incapacidade de integrar, articular, refletir sobre seus próprios conhecimentos. Se, efetivamente, a mente humana não pode aprender o enorme conjunto do saber disciplinar, então é preciso mudar um dos dois (MORIN, 2012, p.51)

Este texto seguirá com a justificativa da temática que foi escolhida para a dissertação, com a problemática de pesquisa, onde os objetivos gerais e específicos, serão apresentados. Dando continuidade, chega-se a fundamentação teórica onde apresentaremos um estudo de acordo com a tema a ser pesquisada, relatando sobre a Educação Física, sua história e suas teorias norteadoras do conhecimento dentro do contexto escolar; caminhando pelos conceitos de identidade bem como uma revisão dos estudos realizados sobre o problema de pesquisa; uma compreensão sobre o papel do corpo na Educação Física escolar; assim como de que forma é caracterizado a cultura escolar no campo de observação.

Conforme a descrição do campo de pesquisa que será detalhado posteriormente, este estudo será realizado em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José – SC, que chamaremos de Centro Educacional Municipal (C.E.M) Liberdade².

É importante ressaltar que a unidade escolar está localizada no município de São José-SC (conforme mapa a seguir), este pertence a região da Grande Florianópolis.

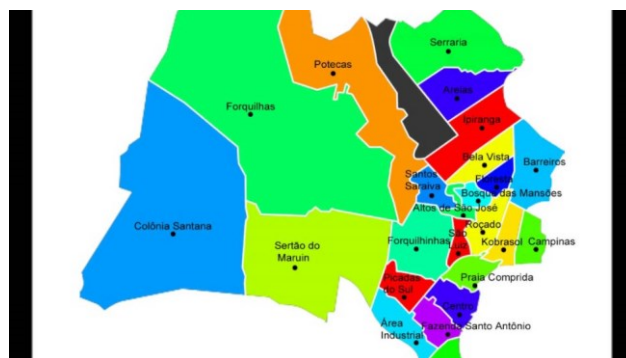


Figura 01: Mapa município de São José.

Observando o mapa anterior, percebemos que a sua esquerda se encontra o bairro em que a unidade escolar está localizada, conforme figura 02 a seguir:

² Nome fictício utilizado para não identificar nominalmente a instituição escolar investigada. É importante ressaltar que foi solicitado a autorização junto a secretaria municipal de educação e direção da instituição para a aplicação da pesquisa dentro da unidade. Após esta etapa, foi encaminhado ao comitê de ética para aprovação da metodologia deste projeto.



Figura 02: Foto da unidade escolar (google Earth)

Para finalizar, será apresentado a metodologia de coleta e análise dos dados, caracterizando o campo de pesquisa, inicialmente a Rede Municipal de Ensino do município de São José – SC, em seguida a proposta curricular desta rede, bem como de que forma a Educação Física é compreendida enquanto componente curricular. Em seguida, mostraremos como foram organizadas as observações do campo, a coleta dos dados e sua análise a fim de responder ao problema de pesquisa.

1.1 CONTEXTUALIZAÇÃO E JUSTIFICATIVA DA TEMÁTICA

Levando em consideração os objetivos da presente dissertação e toda a sua problemática envolvida, foi realizado um panorama de estudos científicos que tratam do tema, onde se identificou, nas buscas em plataformas de pesquisa, como no repositório de teses e dissertações da UFSC e portal de periódicos da CAPES, estudos com a temática de identidade docente na área de Educação Física. Também foi constatado a preocupação destes com a formação inicial e acadêmica do professor da disciplina e de cursos superiores, bem como com a cultura envolvida (seja ela dentro ou fora do contexto escolar). Porém, percebeu-se a escassez de estudos voltados a identidade da Educação Física escolar a partir da ótica de outros atores sociais e sua relação com a prática educativa da disciplina.

Considerando os atores, citado anteriormente, como a comunidade escolar do Centro Educacional Liberdade (equipe gestora, professores e pais), localizado no município de São José - SC, compreendido como diretora; supervisora escolar; orientadora educacional; professor de Educação Física; professor de outros componentes curriculares; secretária; estudantes; auxiliares de serviços gerais; cozinheira e pais dos estudantes; questiona-se até que ponto este grupo interfere na construção da identidade da disciplina de Educação Física no âmbito escolar.

Levando em consideração todas as transformações que a disciplina vem sofrendo com o passar dos anos³, como também analisando os estudos relacionados a temática, e os currículos das redes municipais de ensino, é possível perceber que este componente curricular passa por

³ Podemos dizer que uma das recentes mudanças que a Educação Física escolar vem sofrendo neste momento é a adoção por parte do município da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), modificando além dos conteúdos, também o termo disciplina para componente curricular.

uma crise de identidade do profissional, bem como com o olhar dos outros para a Educação Física.

Sendo este termo “outros” para Morin (2012, p.77) como “o semelhante e o dessemelhante”. Semelhante por se tratar de um ser humano com diversos traços culturais e dessemelhante pelas vivências étnicas e preferência/pensamentos/singularidades individuais (MORIN, 2012).

Com toda a experiência de doze anos como professor de Educação Física escolar, destes os dez últimos como professor do quadro de efetivos da Rede Municipal de Ensino de São José – SC, tive diversas situações e momentos de angústia e reflexão sobre ocorrências relacionadas a disciplina. Momentos em que foi solicitado que determinado estudante não participasse da aula de Educação Física do dia pois o mesmo não está realizando as tarefas das outras disciplinas conforme o previsto; bem como o mau comportamento em outras aulas, fazendo com que o estudante não vivenciasse a Educação Física; bilhetes encaminhados pelos pais contestando a forma como os conteúdos são ministrados, levando a compreensão de que Educação Física deveria ter apenas o caráter “recreativo”; fala de colegas de outras disciplinas dizendo que Educação Física é simples “é só dar uma bola”.

Situações como estas aconteceram durante minhas aulas em mais de uma década de magistério, deixando diversas dúvidas e reflexões a respeito de como pais, estudantes e colegas de trabalho de outras áreas percebem a Educação Física nas escolas enquanto componente curricular, participando da formação dos sujeitos enquanto atores sociais.

Por isso a importância desta dissertação para a comunidade acadêmica e na formação de futuros professores da área, onde foi possível compreender qual é a identidade da Educação Física escolar neste contexto, a partir da percepção da comunidade escolar desta unidade de ensino. Sendo assim, é importante ouvi-los enquanto sujeitos participantes do processo de ensino dentro das escolas, pois estes atores viveram diferentes contextos sociais e culturais, sendo moldados por isso, atuando e transformando a realidade que estão inseridos.

1.2 PROBLEMÁTICA DE PESQUISA

Através da pesquisa guarda-chuva⁴ que foi realizada pelo GEPPICE, e dos demais estudos organizados pelo grupo, tivemos como escolha temática abordar a identidade da disciplina de Educação Física na escola. Dentro de suas particularidades, especificidades e contextos culturais, buscamos responder no presente trabalho a seguinte pergunta: qual percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal no município de São José – SC?

1.3 OBJETIVOS

Este estudo apresenta os objetivos geral e específicos a seguir:

1.3.1 OBJETIVO GERAL

Analisar a percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal no município de São José – SC.

1.3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Para contemplar o objetivo geral proposto, definiu-se os seguintes objetivos específicos:

- Compreender como é formada a comunidade escolar da escola investigada;
- Analisar as diferentes percepções da comunidade escolar sobre a Educação Física na instituição;
- Analisar de que forma as diferentes percepções sobre a Educação Física atuam na construção das identidades desta disciplina;
- Compreender como a cultura escolar da instituição movimenta o processo identitário da disciplina de Educação Física.

⁴ Título: O trabalho docente na rede municipal de ensino de Florianópolis – SC: Construção da identidade e do fazer pedagógico de professores de Educação Física.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A ideia central deste capítulo é refletirmos sobre como a Educação Física escolar vem se constituindo historicamente até chegar aos dias de hoje, bem como compreender as suas teorias norteadoras do conhecimento, baseado nos estudos do Coletivo de Autores e do professor Valter Bracht. Em seguida, é importante compreendermos como se constituem os diferentes corpos que circulam por este espaço chamado ESCOLA, dialogando com o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty, através das suas reflexões fenomenológicas, onde o homem se observa e se percebe, a partir da sua capacidade reflexiva, em plena conformidade em sua forma de ser. Acreditamos que ele é um dos principais filósofos da temática do corpo que conversa com a realidade da Educação Física nas escolas.

Os conceitos relacionados a identidade serão utilizados de acordo com o paradigma da complexidade do autor Edgar Morin, como um tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o mundo de um fenômeno. Assim, pensar a identidade da Educação Física escolar dentro de uma ótica complexa, é correlacionar todas os olhares e percepções para ela dentro deste contexto. Desta forma, adicionaremos ao debate a ideia de identidade defendida por Zygmunt Bauman, nos mostrando que todo o caminho percorrido pelos sujeitos e suas ações durante este processo, vão moldando/movimentando a sua constituição identitária.

Será importante problematizar a ideia de cultura escolar, pois realizaremos uma pesquisa metodológica de caráter etnográfico, caracterizado pela descrição cultural de um contexto, sendo este a Educação Física dentro de um espaço escolar. Além do paradigma da complexidade de Edgar Morin, dialogaremos com a interpretações das culturas de Clifford Geertz, pensando a cultura como uma ciência interpretativa a procura de um significado. Vicente Molina Neto nos trouxe a necessidade de observarmos o significado que os professores dão a sua prática, considerando este (significado) como integrante da cultura, já que é resultado de uma ordem simbólica e material construída por eles. Além disso o diálogo continuou com a ideia de cruzamento de culturas presentes dentro das escolas, observado nos estudos de Angel Inacio Pérez Gómez.

Para iniciar esta fundamentação teórica, será apresentado no próximo subtítulo deste capítulo, uma análise sobre a produção do conhecimento referente a temática da pesquisa, buscando mostrar a legitimidade e importância deste projeto de dissertação.

2.1 A IDENTIDADE DA DISCIPLINA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DA PERCEPÇÃO DOS OUTROS: UMA ANÁLISE SOBRE A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO.

Com o propósito de situar o que o meio acadêmico do campo da Educação Física, no contexto escolar, vem produzindo referente aos objetivos propostos por este estudo, foi realizado uma busca bibliográfica nas bases de artigos, teses e dissertações no portal da CAPES, bem como no repositório de teses e dissertações da pós-graduação da UFSC.

Este exercício é de grande importância para o andamento da pesquisa, pois através dele podemos observar o que a comunidade acadêmica vem destacando em seus estudos sobre a temática a ser abordada. Nos apoiando as teorias de pesquisas qualitativas em Ciências Sociais de Mirian Goldenberg, onde é “possível ler uma sociedade através de uma biografia”

Como início das buscas referente a temática, na base de teses e dissertações da CAPES, utilizamos como descritores para a busca no portal *identidade e Educação Física Escolar*, com trabalhos referentes entre os anos de 1999 e 2022. Com estas características encontramos 168 resultados. Destes 166 artigos e 02 dissertações que tratam dos temas identificados pelos descritores. Em seguida a busca foi refinada a apenas produções em língua portuguesa, totalizando 37 resultados, sendo 35 artigos e 02 dissertações. É importante observar que os descritores que foram utilizados como fonte de pesquisa na plataforma de busca foram pensados a partir os objetivos deste estudo cujo tema norteador é como o olhar da comunidade escolar movimenta a constituição da identidade da disciplina Educação Física no contexto escolar.

Após esta pesquisa, foi possível realizar a leitura dos resumos das 37 produções encontradas, de forma a constatar e identificar aqueles textos que conversam com a temática proposta para este estudo. Sendo assim foram identificados 10 (dez) estudos, conforme tabela 01:

REVISTA	QUANTIDADE DE PRODUÇÕES
<i>Motrivivência</i> ⁵	02
<i>Movimento</i> ⁶	05
<i>Pensar a Prática</i> ⁷	03

Tabela 01 - Tabela de resultados encontrados na base de dados de teses e dissertações da CAPES.

Já no repositório de teses e dissertações da UFSC, inicialmente foi utilizado como descritor para a busca a palavra *identidade*. Com este termo 735 trabalhos acadêmicos foram encontrados, sendo necessário o refinamento com o termo *educação* e em seguida, produções entre os anos de 2010 e 2022. Com isso identificamos 32 produções com a temática identidade no contexto escolar. Em seguida, no mesmo portal, adicionamos os termos *Educação Física e Educação*, entre o período compreendido entre os anos de 2010 e 2022, encontrando 03 trabalhos com suas ideias centrais se relacionando com o objetivo geral deste estudo.

2.2 EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: SUAS TEORIAS PROGRESSISTAS E TRANSFORMAÇÕES

A Educação Física escolar, com o passar dos anos, encontra-se em processo de evolução, tanto nos conteúdos programáticos, teorias e metodologias, quanto na sua importância para os estudantes nas escolas e, na formação do cidadão crítico e autônomo, estando ela compreendida dentro do objeto deste estudo, sendo importante compreendê-la enquanto fenômeno social/cultural constituído historicamente dentro e fora da escola.

2.2.1 A ORIGEM E INFLUÊNCIAS SOFRIDAS PELA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR NO BRASIL

Sua origem enquanto prática pedagógica foi altamente influenciada pelo militarismo, perspectiva médico-biológica e higienista. Desta forma, os exercícios físicos tiveram novos “significados” por meio do conhecimento médico, onde um corpo forte promovia saúde.

⁵ <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia>.

⁶ <http://www.seer.ufrgs.br/Movimento>.

⁷ <https://www.revistas.ufg.br/fef>.

Segundo Bracht (1999, p. 73):

Essa saúde ou virilidade (força) também pode ser (e foi) ressignificada numa perspectiva nacionalista/patriótica. Há exemplos marcantes na história desse tipo de instrumentalização de formas culturais do movimentar-se, como, por exemplo, a ginástica: Jahn e Hitler na Alemanha, Mussolini na Itália e Getúlio Vargas e seu Estado Novo no Brasil.

Dados estes fatos, a Educação Física (brasileira) historicamente, enquanto disciplina escolar, tinha como missão mais relevante formar o cidadão forte e saudável que estava pronto para contribuir com a pátria nos âmbitos militar e industrial, alavancando a prosperidade e soberania nacional. Sendo assim, os professores de Educação Física escolar eram na verdade instrutores militares do Exército, que traziam consigo a rigidez e a hierarquização característica do meio militar para dentro das escolas, transformando toda a identidade desta disciplina a partir do militarismo.

O Coletivo de Autores (1992, p. 37) diz que “outras determinações do esporte podem ser observadas nos princípios da racionalidade, eficiência e produtividade, os quais serviram para o reordenamento da Educação Física escolar”, sendo muito difundido no Brasil na década de 70 a pedagogia tecnicista, tornando a disciplina mais objetiva e menos racional. Dentre tantas mudanças, uma delas foi a separação das turmas em homens e mulheres, fato este que mesmo no século XXI é recorrente em algumas escolas no Brasil (principalmente nas redes privada e religiosa).

Com a chegada das décadas de 70 e 80 surgem no Brasil os movimentos renovadores, formados por teóricos e estudiosos, os quais pensavam numa Educação Física escolar mais libertadora das amarras tecnicistas, com visão humanista, preocupada também com a criticidade e autonomia dos sujeitos. Como exemplo desta vertente tem-se a psicomotricidade e o esporte para todos, teorias estas que para o Coletivo de Autores (1992) ajudaram a formar uma perspectiva pedagógica superadora.

Ainda seguindo com este movimento, com o passar das décadas outras vertentes e teorias surgiram e são utilizadas pelos professores de Educação Física nas escolas como referenciais teóricos para a formação dos estudantes em sujeitos críticos e autônomos, e livre das amarras políticas do capital. Sendo assim, Oliveira (1983) deixa uma pergunta no ar, será que todos estes anos foram o suficiente para que a Educação Física escolar saísse do empirismo para merecer algum destaque no sistema educacional?

Percebe-se, pensando em toda a história da disciplina no contexto escolar, ocorre o que

Pérez Gómez (2001) chama de cruzamento de culturas, cuja

responsabilidade específica, que a distingue de outras instituições e instâncias de socialização e lhe confere sua própria identidade e sua relativa autonomia, é a mediação reflexiva daqueles influxos plurais que as diferentes culturas exercem de forma permanente sobre as novas gerações para facilitar o seu desenvolvimento educativo. (PÉREZ GÓMEZ, 2001, p.17)

Este cruzamento de culturas, entre discentes, professores e demais membros da comunidade escolar, que são propostos pelas culturas alojadas nas disciplinas de caráter científico, filosófico e artístico, que são apresentadas aos estudantes através de uma matriz curricular; bem como os aspectos que chegam ao contexto escolar vindo de uma cultura social ao qual a escola está inserida e; também a sua própria cultura institucional; com esse “entrelaçamento”, irá formar o rico e vasto aprendizado escolar dos educandos.

Assim, com todo este emaranhado cultural presente historicamente na Educação Física escolar e toda a sua interação educativa com o olhar da comunidade escolar, movimentando a sua identidade, nos faz pensar no que Morin (2005) chama de *imprinting cultural*, sendo ele as marcas produzidas pelas experiências advindas dos sujeitos, que desde o seu nascimento como um selo de cultura, e que também recebe influências das experiências vindas do cotidiano.

2.2.2 A CONSTRUÇÃO DAS TEORIAS E PROPOSTAS PEDAGÓGICAS PARA A EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Conforme foi citado no item anterior, a Educação Física teve suas influências nos campos militar e da saúde, refletindo nos conteúdos programáticos da disciplina dentro das escolas.

Levando em consideração os currículos das disciplinas nas escolas, bem como os mais variados Projetos Políticos Pedagógicos e planejamentos, se faz necessário compreender como surgiram as concepções pedagógicas norteadoras dos conteúdos a serem ministrados nas escolas.

O Coletivo de Autores (1992, p.34) aponta que “sendo a Educação Física uma prática pedagógica podemos afirmar que ela surge de necessidades sociais concretas que, identificadas em diferentes momentos históricos, dão origem a diferentes entendimentos do que dela conhecemos”.

Porém a partir da década de 70, com o que Bracht (1999) chama de “discurso (neo)cientificista da Educação Física”, este teve papel importante na efetivação dela no campo universitário, surgindo movimentos de ressignificação das teorias norteadoras do conhecimento, buscando um novo sentido para as aulas e suas relações com a escola.

É muito importante compreender como se deu e de que forma estas teorias são caracterizadas, pois a partir da aplicação delas na Educação Física escolar, as percepções, os olhares, e as identidades vão sendo construídas, moldadas e modificadas pela disciplina durante as aulas. Com isso a qualificação do corpo docente das Universidades se fez necessário, moldando e “criando” estas ideias de aplicação dos conceitos da Educação Física nas escolas.

Porém ainda hoje, as mudanças quanto a forma de se trabalhar os conteúdos da Educação Física sofre muita rejeição, levando em consideração a cultura da aptidão física e destreza técnica dos gestos e movimentos durante as aulas. Estando a presença das heranças militar, esportiva e médico-biológica na formação universitária e pessoal do professor.

Sendo assim, inicia-se a caracterizando das concepções de ensino com a abordagem conhecida como *Desenvolvimentista*, esta utilizada nas escolas da Rede Municipal de Ensino do município de São José - SC, defendida por autores como Go Tani, Edison de Jesus Manoel e Ruy Jornada Krebs, oportunizando as crianças por meio das atividades, experiências de movimento que atendam às suas necessidades.

Em seguida, um mero movimento na aula de Educação Física nas escolas, com preocupação focada na cultura infantil, caracteriza a *Psicomotricidade*, difundida pelo então professor da Unicamp, João Batista Freire.

Vale a pena destacar, que estas duas teorias citadas anteriormente não levaram em consideração as teorias críticas relacionadas a educação nas suas gêneses, dando total foco ao movimento humano.

A proposta *Crítico-superadora*, abordada pelo Coletivo de Autores (1992), é embasada em teorias neo-marxista, como por exemplo o pensamento de Demerval Saviani, onde a cultura corporal de movimento é o objeto de estudo e entendimento para a Educação Física nas escolas, atuando nos conteúdos, sejam eles esportes, jogos, lutas, danças, etc.

O professor Elenor Kunz, desenvolve o que conhecemos como teoria *Crítica-emancipatória*. Então docente da Universidade Federal de Santa Catarina, baseou-se nas teorias de Paulo Freire para pensar o movimento humano de uma forma dialógica, levando também em

consideração os pensadores da Escola de Frankfurt, onde o estudante terá possibilidades de se comunicar com o mundo através do movimento humano, buscando a sua auto-emancipação pelos conteúdos propostos.

Finalizando, porém não menos importante, o professor alemão Reiner Hildebrandt, então docente visitante na Universidade Federal de Santa Maria, apresenta a concepção de *Aulas Abertas à Experiência*, configurando a participação dos estudantes nas decisões didáticas e conceituais que permeiam as aulas de Educação Física nas escolas, sendo assim, o discente participa, junto com o professor, de todo o processo de construção das aulas.

Relacionando as teorias crítico-emancipatória, com a crítico superadora,

[...] ambas as propostas sugerem procedimentos didático-pedagógicos que possibilitem, ao se tematizarem as formas culturais do movimentar-se humano (os temas da cultura corporal ou de movimento), propiciar um esclarecimento crítico a seu respeito, desvelando suas vinculações com os elementos da ordem vigente, desenvolvendo, concomitantemente, as competências para tal: a lógica dialética para a crítico-superadora, e o agir comunicativo para a crítico-emancipatória (BRACHT, 1999, p.81).

Sendo assim, estas são consideradas progressistas, afirmando que o movimentar humano reproduz os valores e princípios da sociedade capitalista, como por exemplo o esporte de rendimento (BRACHT, 1999).

2.3 O RECONHECIMENTO SOCIAL DA EDUCAÇÃO FÍSICA.

Quando se pensa em reconhecimento, em qualquer esfera social (seja ela profissional ou pessoal), refletimos sobre a ideia de valorização de algumas habilidades, estratégias, características entre outros.

Em nosso cotidiano, na qualidade de um saber que é evidente a aqueles que estão no mesmo contexto, a integridade e reconhecimento do ser humano se deve a padrões de “reconhecimento e assentimento, pois na autodescrição dos que se veem maltratados por outros, desempenham até hoje um papel dominante de categorias morais, como as de ofensa ou de rebaixamento” (HONNETH, 2003, p.213), demonstrando todas as formas de reconhecimento que são recusadas.

Sendo assim,

Conceitos negativos dessa espécie designam um comportamento que não representa uma injustiça só porque ele estorva os sujeitos em sua liberdade de ação ou lhes inflige danos; pelo contrário, visa-se aquele aspecto de um comportamento lesivo pelo qual

as pessoas são feridas numa compreensão positiva de si mesmas, que elas adquiriram de maneira subjetiva. (HONNETH, 2003, p.213).

Após esta citação, fazendo o exercício de pensar o nosso contexto enquanto sujeitos participantes, percebe-se através da nossa linguagem referências empíricas de assentimento por parte do outro, seja no aspecto pessoal ou profissional. É do entrelaçamento interno de individualização e reconhecimento que “resulta aquela vulnerabilidade particular dos seres humanos, identificada com o conceito de desrespeito” (HONNETH, 2003 p.213) visto que a interação das pessoas com o desrespeito pode ser capaz de desmoronar a identidade pessoal/profissional inteira.

Portanto, as formas de desrespeito e de falta de reconhecimento resultam na privação de determinadas pretensões de identidade: “em relação ao amor, o desrespeito se dá nas formas de maus tratos físicos e violações; nas relações jurídicas, por privações de direito e exclusão; em relação à solidariedade, nas formas de degradação e ofensa” (BRACHT; FARIAS, 2014 p. 310).

Quando inserimos os nossos olhares para dentro da escola, levando em consideração todo o seu contexto, pode-se perceber dentro desta cultura⁸ relações muitas vezes conflituosas entre os professores e demais membros que neste espaço habitam. Assim, o interior da escola pode ser um local representativo de formas de negação do reconhecimento, com uma “tensão permanente entre o horizonte de valores construídos por um grupo inteiro, como é o caso da comunidade escolar, e processos de individuação dentro deste próprio grupo” (BRACHT; FARIAS, 2014, p. 313).

Problematizando as percepções de qual é o reconhecimento social do componente curricular Educação Física, percebe-se em algumas situações que o contexto cultural das escolas nos traz uma ideia de autonomia a partir do “livre para ensinar”, na qual o professor tem legitimado a sua ação, sem interferência da equipe gestora. Sendo assim, percebemos que a “autonomia concebida dessa forma estrutura-se nas práticas de aceitação livres de coerção pelos demais membros” (BRACHT; FARIAS, 2014, p.319). Com isso, o olhar da comunidade escolar, bem como as suas percepções, pode associar esta forma de ministrar conteúdos como a prática pela prática, sem qualquer embasamento teórico/crítico.

⁸ Cultura escolar será problematizada nesta dissertação no item 2.6.

Não obstante, quando orientamos as nossas percepções e olhares para a Educação Física nas escolas enquanto componente curricular, estas formas de ministrar aulas podem vir a causar uma imagem negativa no processo de construção e movimentação da sua identidade, resultando em um “*status* de segunda classe da disciplina” (BRACHT; FARIAS, 2014, p. 319). Ou seja, a Educação Física perde a sua importância ou legitimidade ao olhar dos observadores que compõe a comunidade escolar observada.

Sendo assim, percebe-se que esta autonomia que vem sendo criada por professores de Educação Física acaba por “destruir” todas os seus significados e essência. Talvez, aos olhos dos membros da comunidade escolar, seja a hora do “jogar bola”, de “brincar sem regras” ou da famosa “aula livre”. Isso nos faz pensar na colocação de Bracht (1995, p.02), dizendo que

Interpreto a pergunta em referência como uma pergunta a respeito de qual Educação Física que estamos construindo, ou seja, o que a Educação Física vem sendo. Isto se coloca na perspectiva que entende que é preciso recuperar a história social do conceito Educação Física. É preciso, na verdade, identificar os diferentes significados atribuídos ao termo Educação Física e o significado social concreto que vem assumindo.

Caso façamos esta pergunta (O que é Educação Física?) aos professores do componente curricular Educação Física, bem como aos acadêmicos dos cursos e aos demais membros da comunidade escolar, possivelmente suas respostas representarão aquele tipo de Educação Física o qual desejam (como professores ou como estudantes). Não necessariamente encontraremos respostas críticas relacionadas a esta pergunta. Desta forma, é possível perceber, o que representa socialmente a Educação Física para os diversos tipos de sujeitos que transitam dentro do contexto escolar.

Esta análise superficial, ou de senso comum, pode ser resultante de diversos fatores. Sendo um deles os currículos minimalistas, acríticos e sem protagonismo social que algumas instituições de ensino superior da área oferecem aos acadêmicos, da mesma forma que currículos e PPP's que não reconhecem a importância da Educação Física na formação físico-intelectual dos sujeitos. Creio que, atualmente, a busca pela relevância dos conteúdos para os estudantes, professores e sistema de ensino é histórica e constante. Assim, talvez tenhamos que responder a esta questão com a palavra SUPERACÇÃO, não é mesmo?

No próximo item, buscaremos problematizar a ideia de corpo e o seu papel durante as aulas de Educação Física nas escolas, levando em consideração que nelas transitam diferentes corpos, provenientes de diferentes culturas e particularidades.

2.4 O PAPEL DO CORPO NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Nas últimas décadas ocorreu uma (re)descoberta do corpo em suas perspectivas e possibilidades, sendo ele objeto de aprendizagem na história, filosofia, antropologia, psicologia etc. Toda esta interdisciplinaridade se fez necessária pois dentro da cultura ocidental, este corpo vem se vinculando em diversos status sociais do qual ele se insere.

Merleau-Ponty (1999) nos apresenta o corpo e o mundo unidos/reunidos dentro de uma mesma gênese, porém somente o corpo fará com que se perceba o mundo em que ele está inserido e todas as suas particularidades. É este corpo que irá demonstrar significados, gostos, ideias, escolhas. Ainda segundo o autor “a cada instante também eu fantasio acerca das coisas, imagino objetos ou pessoas cuja presença aqui não é incompatível com o contexto e, todavia, eles não se misturam ao mundo, eles estão adiante do mundo, no teatro do imaginário” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.05).

A “percepção do corpo próprio” (MERLEAU-PONTY, 1998, p.11) demonstra o significado de como é constituído fenomenologicamente o corpo humano, sendo necessário relacionar estes conceitos com a *corporeidade*. Não basta dividir o corpo em seus sistemas funcionais para poder conhecê-lo, mesmo sabendo que desta forma “facilitaria” a sua compreensão. Neste sentido “é necessário reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é um pedaço de espaço, um feixe de funções, que é um entrançado de visão e movimento” (MERLEAU-PONTY, 1997, p.19), buscando novas dimensões e significados para a os olhares referentes ao corpo.

Ainda para o autor, compreender a junção de corpo e mente se faz necessário para superar concepções mecanicistas tradicionais que focam na oposição destes (corpo e mente) sendo que o primeiro não se refere apenas a matéria e o seguinte ao cognitivo. Ambos devem caminhar juntos no processo de auto-conhecimento corporal, pois representando e movimentando é que se cria em nossa mente, percebe-se e compreende-se o corpo, caracterizando a corporeidade (MERLEAU-PONTY, 1997).

Considerando e dialogando com as Reflexões de Stuart Hall (2003)⁹, através das diásporas¹⁰, ocorrida principalmente no período da escravidão, os africanos tinham em seus

⁹ DA DIÁSPORA: Identidades e mediações culturais.

¹⁰ Dispersão dos povos pelo mundo, seja ela forçada ou não.

corpos como o último capital cultural que possuíam. Usurpando os seus corpos, fizeram (os escravistas) deles instrumentos de trabalho, interesse pessoais e políticos. Da mesma forma aconteceu com os corpos indígenas durante as grandes navegações. A partir disto concordamos com Antonacci (2016, p. 250) onde destes corpos usurpados “fluíram contra-narrativas, contra conhecimentos, filosofias e modos de ser”, trazendo à tona “elementos de um discurso diferente em sua expressividade, musicalidade, oralidade e, sobretudo, em seu uso metafórico do vocabulário musical” (HALL, 2003, p. 341-342).

Não podemos pensar ou tratar o corpo humano neste espaço chamado escola, dentro do componente Educação Física, sem trazermos para a discussão a corporeidade humana. Esta, segundo Morin (2008), tem sua origem a partir da cosmogênese, surgindo de uma nuvem de fótons que se dilatou no cosmo. Isto nos faz compreender que a corporeidade humana a luz da complexidade como um “depósito” de toda a herança evolutiva dos corpos, permitindo compreender o ser humano como sujeitos complexos, com suas características enraizadas em seus corpos. É através do corpo que, “podemos identificar a individualidade, a existência e o Ser, os quais remetem à organização” (JOAO & BRITO, 2004, p. 266).

Ainda para os autores, a corporeidade constitui-se das dimensões:

[...] física (estrutura orgânica-biofísica-motora organizadora de todas as dimensões humanas), emocional-afetiva (instintopulsão-afeto), mental-espiritual (cognição, razão, pensamento, ideia, consciência) e a sócio-históricocultural (valores, hábitos, costumes, sentidos, significados, simbolismos). Todas essas dimensões estão indissociadas na totalidade do ser humano, constituindo sua corporeidade. (JOAO & BRITO, 2004, p.266).

Daí a importância da complexidade neste processo de compreensão do corpo além da matéria e da mente, onde o pensamento complexo “tenta dar conta daquilo que os tipos de pensamento mutilante se desfaz, excluindo o que eu chamo de simplificadores e por isso ele luta, não contra a incompletude, mas contra a mutilação” (Morin 2008, p.176). Assim, da mesma forma que a corporeidade faz com que se supere a ideia do corpo apenas como matéria, a complexidade busca a “junção dos conceitos que lutam entre si” (MORIN, 2008, p.192).

A Educação Física, enquanto componente curricular nos sistemas de ensino espalhados pelo Brasil, além de prezar (ou pelo menos deveria) pela formação integral dos estudantes em corpo, mente e sociedade, por muitas vezes tem seu olhar voltado apenas para o primeiro item citado anteriormente e, infelizmente, priorizando a aptidão física. O papel do corpo e da corporeidade na história, foi deixado de lado e até mesmo negligenciado enquanto

sua atuação na formação dos sujeitos durante as aulas de Educação Física escolar.

Hoje, “é interessante perceber um movimento no sentido de recuperar a dignidade do corpo ou do corpóreo no que diz respeito aos processos de aprendizagem. Isso acontece, curiosamente, por intermédio dos desenvolvimentos nas ciências naturais” (BRACHT, 1999, p.71)

Isto faz com que os corpos estejam preparados para sofrerem com as diversas exigências necessárias para a sua “utilização” durante o cotidiano. Essas, segundo Bracht (1999) podem ser chamadas de produtivas, sanitárias, morais, adaptação e controle social. Assim, é possível perceber, que o corpo está muito além de ser uma matéria física, possível de tocá-la e de adorá-la, daí a importância da Educação Física escolar como processo formativo de vários “corpos” provenientes de inúmeras culturas, modificando e sendo modificado pelo contexto que está inserido, sendo que educando os seus corpos, os estudantes ao mesmo tempo educam seus olhares, percepções, preferências, costumes, ou seja, se educam enquanto seres humanos.

Em seguida, abordaremos a ideia de identidade, que será compreendida através do paradigma da complexidade de Edgar Morin e dos estudos de Zygmunt Bauman, a fim de problematizá-la levando em consideração os objetivos propostos por este estudo.

2.5 AS IDENTIDADES DA EDUCAÇÃO FÍSICA NA ESCOLA: COMO ELAS SE MOVIMENTAM?

Iniciamos este subtítulo com a seguinte interrogativa: Mas o que será identidade? Como ela está relacionada ao contexto escolar? Como relata Burke (2002, p. 84), “a identidade é única ou múltipla? O que exatamente contribui para um forte sentido de identidade?” Percebe-se que a incorporação de imagens, símbolos, memórias, olhares e inclusive “percepções”, podem vir a movimentar a constituição identitária de um grupo ou comunidade, assim como um sujeito (individual) caracterizado por suas heranças que traz consigo e, até mesmo, um profissional no seu local de trabalho (neste caso, o professor de Educação Física).

Com isso, observa-se que “a maioria dos dilemas inquietantes e das escolhas obsedantes que tendem a fazer da identidade um tema de graves preocupações e agitadas controvérsias” (BAUMAN, 2021, p. 16), os sujeitos, ao longo das suas jornadas em busca da

sua identidade, procuram diante de uma tarefa extremamente desafiadora e intimidadora, “alcançar o impossível” (BAUMAN, 2021, p.16). Citando novamente o mesmo autor,

É comum afirmar que as comunidades (as quais as identidades se referem sendo as entidades que as definem) são de dois tipos. Existem comunidades de vida e de destino, cujos membros (segundo a fórmula de Siegfried Kracauer) “vivem juntos numa ligação absoluta”, e outras que são fundidas unicamente “por ideias ou por uma variedade de princípios” (BAUMAN, 2021, p.17).

Devido a estas comunidades, os sujeitos necessariamente acreditam na ideia de que precisam realizar escolhas, necessitam compará-las, fazendo repetidamente e mesmo assim, para a construção deste processo identitário, é preciso reconsiderar as suas escolhas que foram realizadas em outros momentos, tentando reunir suas contradições e incompatibilidades.

Desse modo,

Tornamo-nos conscientes de que o pertencimento e a identidade não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o pertencimento quanto para a identidade. (BAUMAN, 2021, p. 17.)

Por isso, quando pensamos na ideia de se ter uma identidade, ou buscar observar e perceber a sua movimentação dentro de um contexto (seja ele pessoal, profissional ou comunitário), é preciso superar a ideia de pertencimento para a sua constituição.

A descoberta ou as descobertas referentes ao processo de movimentação identitária dos sujeitos gera um “monte de problemas, e não uma campanha de temas únicos” (BAUMAN, 2021, p. 18). Consequentemente, ao analisar a identidade no contexto profissional (enquanto professores), pode-se perceber diversas realidades, como locais de trabalho, a vocação, o contexto social que se está inserido etc. Estes e muitos outros fatores podem vir a construir e moldar a identidade docente do professor de Educação Física.

Dessa maneira,

a identidade só nos é revelada como algo a ser inventado, e não descoberto; como alvo de um esforço, um objetivo; como uma coisa que ainda se precisa construir a partir do zero ou escolher entre as alternativas e então lutar por ela e protegê-la lutando ainda mais [...](BAUMAN, 2021, p.21-22).

Pesquisando no paradigma da complexidade elementos para compreender a identidade e ao mesmo tempo dialogando com outros autores, percebe-se os indivíduos buscando a sua constituição identitária, inicialmente através da sua essência humana, trazendo consigo o amor, a amizade, a consciência e os seus pensamentos, comportando o todo da humanidade, sem

deixar de ser parte elemental desta mesma humanidade.

Desta forma, para Morin (2012, p.73)

O indivíduo é irreduzível, sendo aberrante qualquer tentativa de dissolvê-lo na espécie e na sociedade. É o indivíduo humano, vamos repetir, que dispõe das qualidades do espírito e mesmo de uma superioridade em relação à espécie e à sociedade, pois só ele tem a consciência e a plenitude da subjetividade.

Mesmo permanecendo inseparável do destino social e histórico, a chance de se ter autonomia individual será atualizada na emergência histórica do seu individualismo (MORIN, 2012). Ainda para Morin (2012, p.94), “o indivíduo não é a noção primeira nem a última, mas uma noção central da trindade humana”, sendo elas espécie/indivíduo/sociedade, elucidando toda a complexidade que compreende a formação do ser humano enquanto sujeito, onde a sua identidade é construída no relacionamento com o meio ou a cultura que está inserido, no caso desta dissertação, a cultura escolar.

Com isso, percebe-se a importância do “outro” neste processo de movimentação identitária, seja do professor e, demais componentes da comunidade escolar, ou até mesmo do componente curricular Educação Física. Ainda pensando de forma complexa, o outro para Morin (2012, p. 77) é o “semelhante e o dessemelhante”. Semelhantes pois a relação social de um contexto nos traz prioritariamente os seres humanos e todas as suas particularidades culturais, o que nos torna da mesma “espécie” biológica. Dessemelhantes pois cada sujeito tem suas singularidades (com gostos e preferências próprias) e diferenças étnicas e culturais. Sendo assim, os seres humanos são iguais apenas como indivíduos e perante a lei, porém diferentes por toda uma herança histórica que o constitui enquanto sujeito.

Ainda citando o mesmo autor,

O outro comporta, efetivamente, a estranheza e a similitude. A qualidade de sujeito permite-nos percebê-lo na semelhança e na dessemelhança. O fechamento egocêntrico torna o outro estranho para nós; a abertura altruísta o torna simpático. O sujeito é por natureza fechado e aberto (MORIN, 2012, p.77).

Essa relação do outro com um contexto cultural já presente movimentando o processo de constituição da identidade¹¹, seja ela docente ou do componente, nos faz pensá-la e interpretá-la de forma complexa através da teoria sistêmica. Sendo a “associação combinatória de elementos diferentes” (MORIN, 2015, p.19), como realidade físico e biológica que já conhecemos (como o átomo, o universo e os seres vivos) até a convivência dos organismos em

¹¹ Conforme o objetivo deste estudo.

sociedade, que poderá constituir e movimentar uma identidade. Com isso, este sistema se torna complexo pois irá oferecer incertezas ao observador externo do contexto e, para quem nele adentrar irá revelar faces e direções que não seguem um roteiro ou uma linha reta de informações, tornando-o um sistema complexo.

É importante perceber, de acordo com o processo metodológico desta pesquisa onde leva-se em consideração a descrição cultural da realidade para coleta de dados, que a cultura presente no local é caracterizada como sendo um sistema fechado. Por isso é relevante compreender que para a “identificação” de um processo de movimentação da identidade, deve-se analisar o contexto operando de acordo com o sistema aberto e sua reversão epistemológica. Assim, “as pessoas que vivem no universo classificatório agem com a percepção de que todo sistema é fechado, a menos que ele seja especificado de outro modo” (MORIN, 2015, p. 23).

Por isso a importância de pensar esta pesquisa sob os olhares de uma teoria sistêmica ‘aberta’, pois esta irá interagir com o meio externo, ou com o contexto investigado, provocando incertezas, acasos, desordem organizacionais, problematizando a ideia de construção identitária da Educação Física na escola. Diferentemente aconteceria de forma fechada, onde não seria oportunizado a interação com o ambiente externo, levando em consideração apenas as certezas e ideias já formadas, sendo impossível identificar os objetivos propostos pelo estudo desta forma.

Sendo assim, concordamos com a ideia de Dubar (2005), pois este diz que a identidade não é dada, é construída e (re)construída dentro de um processo de incerteza (complexa) mais ou menos duradoura, onde se dará das reações sociais/institucionais que o sujeito vivencia no seu cotidiano social e profissional.

O próximo item irá tratar da ideia de cultura escolar, pela pesquisa acontecer dentro de uma instituição básica de ensino, é importante compreendermos historicamente e culturalmente como este espaço é formado e de que forma a interação dele com o meio interno e externo movimenta a identidade do componente curricular Educação Física.

2.6 CULTURA ESCOLAR

A Educação Física, desde que se tornou componente curricular obrigatório nas escolas de ensino básico, como já dito anteriormente neste projeto, vem passando por grandes

transformações. Como causa dessas mudanças pode-se pensar na cultura escolar que ela está inserida, a partir do confronto cultural com os sujeitos que ali habitam, no caso a comunidade escolar, como fator determinante de modificação.

Morin (2012, p. 64) diz que:

A cultura constitui a herança social do ser humano; as culturas alimentam as identidades individuais e sociais no que elas têm de mais específico. Por isso, as culturas podem mostrar-se incompreensíveis ao olhar das outras culturas, incompreensíveis umas para as outras.

Dito isso, ao mesmo tempo que as culturas podem ser representadas das mais diversas formas, estas têm um mesmo fundamento (MORIN, 2012). Desta forma, percebe-se a necessidade interpretativa de se compreender a cultura, sobre esta temática, buscamos respostas conversando com Geertz (2008), o homem é um sujeito que está preso em significados através de teias que vem sendo produzidas por ele próprio, sendo a cultura “essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa, à procura do significado” (GEERTZ, 2008, p.4). Com isso, os seres humanos irão interpretar as suas experiências e guiar as suas ações, definindo a estrutura social que está inserido, como a forma que se adquire a ação, como uma rede de relações sociais.

Pensando cultura dentro de um ambiente escolar, é importante compreender o sistema educativo e o contexto educacional como um local de mediação de diversos significados, condutas e sentimentos das gerações que estão por vir. Estes sujeitos que frequentam este espaço (escola) chegam com todo um emaranhado de informações, habitando e se interrelacionando com aqueles que lá já estão.

Este “entrecruzamento cultural” das diferentes culturas que ocorrem dentro do ambiente escolar se encaixam no emaranhado de transações e resulta no desenvolvimento de relações, informações e significados de cada indivíduo. Sendo cultura um

[...] conjunto de significados, expectativas e comportamentos compartilhados por um determinado grupo social, o qual facilita e ordena, limita e potência os intercâmbios sociais, as produções simbólicas e materiais e as realizações individuais e coletivas dentro de um marco espacial e temporal determinado (PÉREZ GOMÉZ, 2001, p. 17)

A partir desta definição, cada sujeito “possui raízes culturais ligados a herança, à memória étnica, constituídas por estruturas, funções e símbolos, transmitidas de geração em geração por longos e sutis processos de socialização” (PÉREZ GOMÉZ 2001, p.13). Sendo assim, os sujeitos, da mesma forma que a disciplina Educação Física nas escolas, sofrem modificações e modificam o ambiente em que vivem, onde estes influxos, segundo Pérez

Goméz (2001), são mediados pelos interesses, símbolos e expectativas que se transmite através dos meios de convivência.

É papel dos professores, pensar e (re)pensar a sua prática no contexto escolar levando em consideração o intercâmbio de significados que simboliza a rede de informações que constituem os estudantes. Já a escola enquanto ambiente frequentado por todos estes grupos, deve buscar a reflexão crítica de si mesma e de sua plataforma de ensino, levando em consideração todas as interações culturais e sociais que iluminam este meio, do qual suas ações influenciará as futuras gerações.

Conforme nos traz Pérez Goméz (2001, p.18)

As diferentes culturas que se cruzam na escola sofrem, de forma indesculpável, as implacáveis determinações da complexa vida contemporânea: por isso, a pretensão de intervir educativamente no desenvolvimento das futuras gerações requer a compreensão de influxos sutis, onipresentes e frequentemente invisíveis, porque fazem parte do cotidiano.

Quando se pensa, investiga ou se estuda temas relacionados ao ambiente escolar, como a cultura docente, inclusive dos professores de Educação Física, estamos atraindo nosso olhar aos meios utilizados de socializar as informações aos estudantes, através de representações, regras sociais, símbolos e valores (MOLINA NETO 1998).

Nesse sentido, Molina Neto (1998, p.67) afirma:

O significado que os professores dão ao seu trabalho pode ser considerado como integrante de uma cultura, já que é resultado de uma ordem simbólica e material construída por eles, por sedimentação social, pois a cultura é construída dialeticamente e de forma interativa, nas relações dos homens com a natureza dentro de uma perspectiva acumulativa.

É importante perceber que tudo aquilo que os professores vêm fazendo nas escolas é a melhor forma de compreender a cultura docente dentro do ambiente escolar. Assim ela vai “tratar do trabalho, da formação e do desenvolvimento dos professores impregnados de interesses e necessidades sociais, políticas e econômicas próprias dos atores e dos grupos onde atuam” (MOLINA NETO, 1998, p. 69).

Hargreaves (1994) nos mostra que as culturas docentes ajudam a dar identidade, significado e apoio ao trabalho dos professores. No geral, os professores (incluindo de Educação Física) estão influenciados por orientações vindas de colegas de outras áreas, bem como da equipe gestora que compõe a unidade escolar. Nesse sentido, as relações entre os professores e outros trabalhadores são parte do aspecto formativo, muito importante na vida e no trabalho docente. Assim, o que vem acontecendo nas aulas, não pode dissociar-se do que se

sucedem fora (MOLINA NETO, 1994).

Ainda para o autor,

“a emancipação profissional, na escola, acompanha as propostas de reflexão e emancipação profissional no conjunto da sociedade e em relação à necessária autonomia dos indivíduos frente aos códigos de dominação, sejam esses de gênero, raça ou de classe social” (MOLINA NETO, 1998, p. 69)

Esta citação nos mostra a relevância que esta dissertação tem para a comunidade acadêmica, pois acreditamos que fatores externos à prática docente podem vir a modificar e movimentar a forma como a Educação Física é observada pela comunidade escolar como um todo.

Desta forma o componente curricular pode vir a alterar a sua visão dentro da cultura escolar, mas também pode ser transformada sob as interações e olhares dos sujeitos das mais diferentes realidades onde ela se apresenta, transformando a sua docência.

No próximo item desta pesquisa, caracterizaremos os aspectos metodológicos desta dissertação visando a resposta aos problemas propostos para o estudo.

3 METODOLOGIA, INSTRUMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS.

3.1 A PESQUISA ETNOGRÁFICA COMO PROCESSO METODOLÓGICO NO COTIDIANO ESCOLAR.

As decisões metodológicas foram tomadas para a construção desta dissertação foi um fator determinante para o processo construtivo de relevância acadêmica. Contudo, é importante frisar que este estudo teve caráter qualitativo, compreendendo a importância de usar a pesquisa qualitativa, tomando o cuidado de não a utilizar de forma vaga ou sem significados legítimos, pois “pode-se cair no extremo de chamar qualitativo qualquer tipo de estudo, desde que não envolva números, seja ele benfeito ou malfeito, o que me parece muito negativo para o reconhecimento da abordagem qualitativa de pesquisa” (ANDRÉ 2012, p.15).

Este tipo de estudo (qualitativo) teve sua origem por volta do século XIX, quando os cientistas da área das ciências sociais desconfiaram que os métodos de análises das investigações deveriam continuar sendo utilizados nos estudos relacionados à sociedade e à humanidade. Estes, que até então utilizavam a “perspectiva positivista de conhecimento” (ANDRÉ, 2012, p.16), passaram a pensar seus estudos levando em consideração a interpretação e os reais sentidos dos dados coletados através da hermenêutica, levando em consideração todas as inter-relações do problema a ser investigado. Podemos desta forma, dialogar com Morin (2005), pensando que este tipo de pesquisa acaba provocando, o que creio ser uma desordem metodológica, onde os fatos e temas do estudo acabam se interligando durante o processo, ao invés de caminhar em uma única direção (o que provocaria uma ordem dos fatos), caracterizando uma pesquisa complexa.

Percebemos estas relações na analogia feita por Morin (2005) onde

À primeira vista, o céu estrelado impressiona por sua desordem: um amontoado de estrelas, dispersas ao acaso. Mas, ao olhar mais atento, aparece a ordem cósmica, imperturbável — cada noite, aparentemente desde sempre e para sempre, o mesmo céu estrelado, cada estrela no seu lugar, cada planeta realizando seu ciclo impecável. Mas vem um terceiro olhar: vem pela injeção de nova e formidável desordem nessa ordem; vemos um universo em expansão, em dispersão, as estrelas nascem, explodem, morrem. Esse terceiro olhar exige que concebamos conjuntamente a ordem e a desordem; é necessária a binocularidade mental, uma vez que vemos um universo que se organiza desintegrando-se. (MORIN 2005, p.195)

A partir desta afirmação, podemos pensar na importância de compreender as ideias e os significados que irão aparecer dentro de um contexto a ser investigado, onde o foco das ações

será centrado na compreensão das definições atribuídas aos sujeitos nas suas ações (ANDRÉ, 2012), compreendendo os reais objetivos que irão caracterizar as pesquisas qualitativas. Sendo assim, os termos quantitativo e qualitativo devem ser usados caracterizando os dados coletados, empregando-os para identificar e diferenciar as modalidades da pesquisa (ANDRÉ, 2012). É importante relatar que uma pesquisa qualitativa vai se contrapor aos estudos quantitativos, pois irá seguir o seu caminho baseado nas teorias da fenomenologia, enfatizando o comportamento humano e o sentido que os sujeitos enfatizam as interações e acontecimentos no seu cotidiano, compreendendo a realidade através dessas experiências.

Com isso, foi utilizado neste estudo a etnografia como forma de descrever, compreender e interpretar, sob o olhar do observador, a realidade cultural que deverá ser investigada. Podemos desta forma, conversando com André (2012), relacioná-la com uma descrição cultural e antropológica de uma cultura. Pensando, de acordo com a antropologia, este termo possui duas vertentes: Um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas (ANDRÉ 2012, p. 27).

Geertz (2008) nos mostra que qualquer pesquisador em antropologia social, faz etnografia. Assim, praticar a etnografia é “estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante” (GEERTZ, 2008, p.4). Porém, devemos pensar que a etnografia não é apenas o processo de coleta de dados, mas também todo o esforço intelectual necessário para identificar e interpretar a descrição cultural do campo de observação.

Podemos perceber a importância dos estudos etnográficos voltados a área da educação quando Molina Neto (2010, p.113) diz que

Esse tipo de metodologia pode se constituir em um instrumento interessante para que os professores possam, além de produzir conhecimento a partir da prática cotidiana, refletir sobre sua intervenção nos centros escolares, como também sistematizá-la e torná-la pública.

Com isso, para a realização deste tipo de estudo se faz necessário compreender e identificar a existência de microinvestigações do contexto, que na verdade se tornará, como nos trouxe Molina (2004, p.95), "microetnografias", onde aspectos muito específicos de uma realidade maior deverão ser investigados. Já a etnografia no cotidiano escolar, abre possibilidades de formação do docente pesquisador, assim como aos demais docentes da escola,

em investigadores fenomenológicos do espaço escolar¹², construindo uma unidade dialética a partir da junção do ensino com a pesquisa.

Molina Neto (2010, p.113) traz que “este tipo de investigação vem sendo apropriado e utilizado por pesquisadores de várias fontes disciplinares vinculados a projetos de inovação educativa”, possibilitando uma ação interativa entre os sujeitos e o objeto a ser investigado, diferenciando das características de estudos tradicionais investigados atualmente e historicamente, de caráter intervencionista e autoritários.

É através dos estudos etnográficos de caráter educacional, que se pode construir conhecimentos pertinentes às investigações de caráter cultural, fato este que por certo tempo, não foi reconhecido a sua importância para estudos com a temática Educação e da Educação Física, comparado a uma metodologia mais “consagrada”. Sendo assim, esta linha de pesquisa permite ao pesquisador ou investigador, por ser etnográfico, reconhecer e caracterizar a cultura, onde para Aguirre Baztán (1995), é a base empírica de todo o conhecimento antropológico.

Já que a etnografia tem como missão buscar descrever uma cultura,

O etnógrafo encontra-se, assim, diante de diferentes formas de interpretações da vida, formas de compreensão do senso comum, significados variados atribuídos pelos participantes às suas experiências e vivências e tenta mostrar esses significados múltiplos ao leitor. (ANDRÉ, 2012, p. 20).

Mas afinal, por que utilizar a pesquisa etnográfica no cotidiano escolar? Isto se deve ao fato do contato íntimo que o pesquisador terá com o todo o contexto que será investigado, permitindo que seja remodelado todos os processos e vivências do cotidiano escolar. Por isso a importância do pesquisador-educador neste tipo de pesquisa, quando se pensa em pesquisa escolar.

Sendo assim, este tipo de pesquisa irá permitir que o pesquisador esteja em contato muito próximo com a escola para compreender a vida cotidiana da instituição e como operam os “mecanismos de dominação e de resistência, de opressão e de contestação ao mesmo tempo em que são veiculados e reelaborados conhecimentos, atitudes, valores, crenças, modos de ver e de sentir a realidade do mundo” (ANDRÉ, 2012, p.41).

Com isso, este estudo é de total relevância acadêmica, pois como já foi citado anteriormente, após pesquisas em portais de publicação de artigos científicos, dissertações e teses, ficou nítido a falta de estudos que trazem a temática do olhar da comunidade escolar

¹² Ou como no objetivo de pesquisa desta dissertação, a comunidade escolar.

referente à Educação Física criando e/ou moldando e/ou modificando e/ou interferindo no processo de constituição da identidade da disciplina.

Isto nos faz pensar, quando tratamos da etnografia no ambiente escolar, pesquisando e interagindo dentro deste contexto, sendo possível perceber e compreender de que forma as estruturas estão organizadas, sejam elas de poder ou de organização, trazendo todas as possibilidades de relacionamento destas com o processo identitário que está sendo investigado.

Sendo assim,

Essa visão de escola como espaço social em que ocorrem movimentos de aproximação e de afastamento, onde se criam e recriam conhecimentos, valores e significados, vai exigir o rompimento com uma visão de cotidiano estática, repetitiva, disforme, [...] (ANDRÉ 2012, p.41).

Desta forma, refletindo com Giroux (1986), podemos compreender que a escola e todo o seu emaranhado cultural, é caracterizado por vários graus de elementos pertencentes às relações inter-pessoais e sociais, como a acomodação, contestação e resistência, uma pluralidade de linguagens e objetivos conflitantes.

3.2 A ETNOGRAFIA COMO DESCRIÇÃO DE UMA REALIDADE HISTÓRICO-CULTURAL

Quando pensamos no cotidiano escolar e em todos os sujeitos¹³ que diretamente ou indiretamente compõe este espaço, não podemos deixar de pensá-los como seres históricos e culturais, habitando um espaço que também modifica e é modificado por estes.

Desta forma, a etnografia nos convida a observar o cotidiano escolar, interpretando historicamente a cultura escolar, combinando diferentes formas orais relacionadas a aqueles agentes diretos e vivos de uma experiência escolar (HERNANDEZ DIAZ, 2002).

Ainda assim,

“tal complexidade de situações obriga-nos a considerar a importância e o valor que os sujeitos desempenham e alcançam na escola do passado, a compreender os espaços e tempos, a sua distribuição e ordem, bem como a posição que ocupam na história e cultura que os cerca” (HERNANDEZ DIAZ, 2002, p. 230. Tradução nossa).

Com isso, percebemos que linhas mais complexas surgiram nos últimos anos para

¹³ Os sujeitos vão emergir ao mesmo tempo que o mundo. Segundo Morin (2015, p.38) “Ele emerge, sobretudo, a partir da auto-organização, onde autonomia, individualidade, complexidade, incerteza, ambiguidade tornam-se caracteres próprios do objeto. Onde sobretudo, o termo auto traz em si a raiz subjetividade”.

auxiliar na interpretação histórica do ambiente escolar e suas interações, dentre elas a etnografia, onde os dados levantados e observados através da pesquisa descritiva do campo cultural da escola, passa a ocupar um lugar de destaque na reflexão deste espaço.

Sendo assim, o entrelaçamento dessas culturas escolares, representações e objetos de análise, levam a uma mistura heterogênea de concretude na sala de aula, no contexto escolar, que devem ser preservadas, mas que deve selecionar, interpretar e organizar para que não nos leve a confusão (HERNANDEZ DIAZ, 2002).

Segundo o mesmo autor, “qualquer profissional e pesquisador que tenha contato direto com a escola sabe que encontrará coisas muito confusas em seu armário ou depósito, objetos claramente e que são guardados por respeito, por possível utilidade, por dúvida, ou as vezes por obrigação” (HERNANDEZ DIAZ, 2002, p.238. Tradução nossa).

Percebemos com isso que se faz necessário esse tipo estudo e de descrição densa que são propostas pelas correntes etnográficas mais atuais, problematizando os elementos materiais que compõe as salas de aulas, a escola, o ambiente, auxiliando na compreensão de toda a sua complexidade e totalidade.

3.3 CAMPO DE INVESTIGAÇÃO.

3.3.1 REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ – SC

Sendo o campo de investigação um dos Centros Educacionais Municipais vinculados a Rede Municipal de Ensino (RME) do município de São José – SC, é importante compreendê-la e caracterizá-la. A RME junto a sua Secretaria Municipal de Educação (SME) tem como objetivo “promover a oferta da educação básica, desenvolver o educando, assegurar-lhe as formações comuns indispensáveis para o exercício da cidadania e fornecer-lhes meios para progredir no trabalho e estudos posteriores”¹⁴.

No dia 23 de junho de 2015, foi aprovado o Plano Municipal de Educação (PME)¹⁵, com vigência de 10 anos para a aplicação de seus objetivos, a contar da data de sua publicação, em cumprimento a Lei Federal nº 13.005, de 25 de Junho de 2014, data esta da aprovação das

¹⁴ Dados retirados do site <https://saojose.sc.gov.br/secretaria-de-educacao/> acesso dia 23/08/2022.

¹⁵ <https://saojose.sc.gov.br/plano-municipal-de-educacao/>

diretrizes do Plano Nacional de Educação (PNE)¹⁶. Importante destacar que o Plano Municipal de Educação do município de São José – SC, está amparado aos planos estadual e nacional de educação.

Vale a pena destacar as diretrizes presentes no PME, sendo estas as obrigações da PMSJ com a educação do município, são elas: I – erradicação do analfabetismo; II – universalização do atendimento escolar; III – superação das desigualdades educacionais, com ênfase na promoção da cidadania e na erradicação de todas as formas de discriminação; IV – melhoria da qualidade da educação; V – formação para o trabalho e para a cidadania, com ênfase nos valores morais e éticos em que se fundamenta a sociedade; VI – promoção do princípio da gestão democrática da educação pública; VII – promoção humanística, científica, cultural e tecnológica do Município; VIII – estabelecimento de meta de aplicação de recursos públicos em educação como proporção do Produto Interno Bruto – PIB, que assegure atendimento às necessidades de expansão, com padrão de qualidade e equidade; IX – valorização dos (as) profissionais da educação; X – promoção dos princípios do respeito aos direitos humanos, à diversidade e à sustentabilidade socioambiental (Plano Municipal de Educação de São José - SC, 2015).

A proposta curricular do município, em sua primeira síntese, foi publicada no ano 2000, sendo até hoje levada em consideração para os planejamentos educacionais nas unidades de ensino. Porém no ano de 2020, após a obrigatoriedade da utilização pelas escolas do país da Base Nacional Comum Curricular (BNCC)¹⁷, a RME passou a seguir o Currículo Base Josefense¹⁸. Este documento representou um grande esforço por parte dos educadores do município, onde os estudos tiveram início no ano de 2018 durante as formações continuadas de cada área, levando em consideração a recém aprovada BNCC.

O Currículo Base da Educação Josefense é fruto de um trabalho colaborativo e participativo, que envolveu os profissionais da rede e de colaboradores parceiros.

A elaboração deste documento contou com a participação de mais de dois mil servidores da educação municipal e deve, qualitativamente, atingir em torno de vinte e dois mil estudantes atendidos anualmente por nossas unidades educativas nas etapas da Educação Infantil e do Ensino Fundamental. (CURRÍCULO BASE DA

¹⁶Dados retirados do site http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113005.htm Acesso 23/08/2022.

¹⁷ Conforme Resolução CNE/CP nº2, de 22 de Dezembro de 2017 – Institui e orienta a implantação da BNCC da escolas em todo o território nacional. Dados retirados em <http://portal.mec.gov.br/conselho-nacional-de-educacao/base-nacional-comum-curricular-bnc> . Acesso em 23/08/2022.

¹⁸ <https://saojose.sc.gov.br/wp-content/uploads/2021/10/Curriculo-Base-da-Educacao-Josefense-2020.pdf>

EDUCAÇÃO JOSEFENSE, 2020, p.5).

A RME, apresenta a seguinte estrutura, relacionando o número de unidades educacionais e de estudantes, segundo dados fornecidos pela SME no ano de 2022:

	NÚMERO DE UNIDADES	NUMERO DE ALUNOS
EDUCAÇÃO INFANTIL	41*	7.688
ENSINO FUNDAMENTAL	24	13.838
TOTAL	65	21.526

Tabela 2 - Número de unidades de ensino e de estudantes da Rede Municipal de Ensino de São José – SC.

* Das 41 unidades de educação infantil, 39 estão funcionando.

3.3.2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ – SC

Inicialmente é importante ressaltar que segundo a LDB (lei 9394/96) é componente curricular obrigatório da educação básica, integrada na proposta pedagógica das escolas, conforme **LEI Nº 10.793, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2003**.

Segundo a proposta curricular do município de São José – SC, a Educação Física nas escolas municipais era desenvolvida a partir da formação profissional de cada professor, sem apresentar um documento norteador. Possivelmente, cada um ministrava aquele conteúdo do qual tinha mais afinidade ou uma maior facilidade de ensinar em função de uma vivência prévia do esporte ou atividade.

“A partir de 1997 a disciplina teve uma representatividade no setor pedagógico da SME com objetivo de orientar a mesma junto as Unidades Escolares e a relação entre as necessidades físicas e pedagógicas” (Proposta curricular do município de São José - SC, 2000, p. 129). Percebe-se a partir da análise da proposta, que a componente curricular foi legitimada recentemente, quanto a sua importância na grade curricular das escolas, comparada a outros que historicamente tem sua importância reconhecida, como matemática e a língua portuguesa.

A partir da criação do Conselho Municipal de Educação, no artigo 37 do Sistema Municipal de Educação, o componente curricular deve ser obrigatório em todas as unidades de ensino do município, ministradas exclusivamente por um professor habilitado em Licenciatura em Educação Física, bem como ter carga horária de três (03) aulas semanais por turma. Seja no

ensino fundamental ou na Educação Infantil.

Com a implementação da BNCC pelo município no ano de 2020, a Educação Física deverá estar incluída e relacionada aos demais componentes da área de linguagens, conforme as orientações já previstas na legislação referente às Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Nove Anos (Resolução CNE/CEB nº 7/2010). Tal organização refere-se à expressão corporal como linguagem, a cultura corporal de movimento, e um processo histórico curricular do desenvolvimento da área, o qual buscou ampliar o olhar biológico, motor, desenvolvimentista, para incluir saberes orientados à integralidade dos sujeitos estudantes, enquanto um corpo que ao movimentar-se expressa nos gestos sua cultura, sentimentos, ideias, valores, significados e sentidos. Conforme a BNCC (2017, p. 171):

Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção.

É nítido, com esta citação, que tanto a proposta curricular do município, quanto a BNCC, utilizam-se dos conceitos do desenvolvimentismo como teoria norteadora do conhecimento. O que na verdade causa certa estranheza, pois com a inserção da Educação Física no campo das Linguagens e com todas as possibilidades de comunicação com o mundo através do movimento corporal e pensando os estudantes como sujeitos históricos e culturais, provenientes das mais diferentes realidades sociais, e que com o crescimento principalmente industrial que passa o município de São José nos últimos anos, muitas famílias migram de diversas partes do país e até mesmo do mundo para a cidade em busca de trabalho e melhores condições de vida. Desta forma, não seria interessante utilizar outra concepção de Educação Física, como por exemplo a cultura corporal de movimento? Será que no mundo globalizado e industrializado que vivemos, onde o êxodo de trabalhadores pelo país buscando melhores condições de vida, estes acompanhados de seus familiares, com crianças de todas as partes do país e do mundo, frequentando o mesmo espaço (contexto escolar), não seria interessante (re)pensar a concepção de Educação Física do município? Vamos mais longe, (re)pensar a BNCC?

Os estudantes serão avaliados a partir de competências e habilidades que serão desenvolvidas ao longo da trajetória particular de cada discente, desde o seu contexto cultural e social fora da escola, utilizando diferentes estratégias para o desenvolvimento pedagógico, visando a possibilidades para o processo ensino-aprendizagem. Tendo em vista as

especificidades locais, a proposta estimula a exploração de diferentes espaços escolares, a construção e reconstrução de materiais, a valorização, resgate e o respeito das experiências advindas da diversidade cultural do município de São José (CURRÍCULO BASE DA EDUCAÇÃO JOSEFENSE, 2020).

3.3.3 APRESENTANDO O CENTRO EDUCACIONAL “LIBERDADE”

Conforme foi citado anteriormente, o campo de observação para atender os objetivos propostos por este estudo, foi o Centro Educacional Municipal Liberdade (nome fantasia).

Para compreender como é formado estruturalmente a unidade escolar, inicialmente será levado em consideração o seu PPP, que teve sua última atualização no ano de 2021, após cinco anos de observações anuais para a (re)construção deste novo documento. Cabe lembrar que o PPP de uma unidade escolar nunca deve ter fim, ele deve permanecer em constante construção, pois cada ano letivo que se inicia, novos atores surgem modificando projeto e cotidiano escolar. Esta Instituição tem como entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de São José e é administrada pela Secretaria da Educação, de acordo com o disposto no Projeto de Lei Municipal 054/2006.

O CEM¹⁹ “Liberdade” iniciou suas atividades no dia 05 de março de 2007, sendo inaugurado oficialmente no dia 31 de março do mesmo ano, na época, atendia em três turnos, tendo anos iniciais, anos finais e EJA (este já não é mais oferecido). A base estrutural da escola sempre foi a mesma desde o ano de sua fundação, tendo passado apenas por algumas reformas com o decorrer dos anos. Hoje o CEM “Liberdade” se encaminha para 15 anos de existência, com muitas lembranças e histórias marcadas na memória para contar e recontar para toda a comunidade escolar. No ano de 2022, foi assinado um acordo para a construção da nova escola, onde já consta o projeto estrutural aprovado e neste momento está em fase licitatória para a construção da unidade. Com isso, irá aumentar a oferta de vagas nas mais diversas turmas para a comunidade bem como proporcionar maiores condições físicas de trabalho aos trabalhadores deste local.

No ano de 2022, a escola dispõe de um quadro de 48 trabalhadores, sendo 38 professores (destes 09 professores efetivos e 29 ACT’S), 01 diretora, 01 secretária escolar, 01

¹⁹ Nomenclatura utilizada pela RME na maior parte das unidades escolares de ensino fundamental municipal.

supervisora escolar (apenas no período matutino), 01 orientadora educacional (apenas no período vespertino), 04 auxiliares de serviços gerais, 01 zelador e 01 cozinheira.

Percebe-se um fato preocupante nestes dados apresentados anteriormente. A quantidade professores da unidade admitidos em caráter temporário é muito superior aos concursados na unidade escolar. Este é um fato que infelizmente não é exclusivo no CEM Liberdade, infelizmente outras unidades de ensino também passam por esta situação. Estas contratações temporárias só podem ser realizadas via aprovação em um processo seletivo classificatório, que ocorre todos os anos no município. É muito difícil que um professor ACT retorne à mesma unidade no ano seguinte, tendo ele que se inserir em um novo contexto, com sujeitos diferentes e conseqüentemente, tendo um início de trabalho que terá um prazo para seu término definido, o fim do seu contrato. Desta forma, a continuidade do seu trabalho na escola anterior é prejudicada, bem como a apropriação dos conhecimentos por parte dos estudantes.

Toda esta rotatividade profissional é fator preponderante para uma falta de aproximação destes sujeitos com a cultura escolar existente, bem como a construção identitária do seu componente curricular.

Sobre a quantidade de estudantes, a unidade atende o número de 122 no período matutino e 129 no período vespertino, totalizando 251 discentes. Estes estão organizados em 16 turmas, conforme tabela a seguir:

TURMAS	QUANTIDADE DE		
	TURMAS	MATUTINO	VESPERTINO
1º ano	03	02	01
2º ano	02	02	-
3ºano	02	01	01
4º ano	02	01	01
5º ano	02	02	-
6º ano	01	-	01
7º ano	02	-	02
8º ano	01	-	01
9º ano	01	-	01

Tabela 03 - Quantidade de turmas da unidade pertencente ao campo de observação.
Fonte: PPP

Nas proximidades do CEM “Liberdade” possui comércio local, como: padarias, mecânica, bar, e outros tipos de comércios; igrejas (católicas e evangélicas); além de um hospital psiquiátrico (administrado pelo governo estadual). O público de estudantes constitui

em maioria do bairro em que a instituição está localizada, bem como de localidades vizinhas. Já o grupo de professores e funcionários residem em diversos bairros do município de São José ou até mesmo em cidades vizinhas como, São Pedro de Alcântara, Angelina, Santa Amaro da Imperatriz, Florianópolis e Palhoça. Alguns estudantes, funcionários e professores utilizam o transporte público da empresa Santa Terezinha para ir e vir para a escola. Outros estudantes também utilizam o transporte escolar da prefeitura e particular. Em complemento ao território que abarca a escola, próximo da mesma possui a Unidade Básica de Saúde do bairro (UBS), o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS), Centro Educacional Infantil filantrópico e um CEI.

A comunidade em torno da escola apresenta algumas fragilidades como ausência de participação e baixo engajamento das famílias no que tange aos assuntos da escola. A comunidade não possui muita infraestrutura de área de lazer. E quando há um grande volume de chuva, algumas regiões são afetadas pela enchente.

O CEM “Liberdade” é considerado na rede como uma unidade de pequeno porte com uma média de cerca de 15 estudantes por turma. Está localizado em uma área rural do município cercado por rio e vegetação nativa.

Quanto a estrutura física da escola, além das salas de aula e de gestão, secretaria, banheiros e depósitos, dispõe de quadra poliesportiva (conforme figura 02), parque (conforme figura 03), laboratório de informática (conforme figura 04), elevador (conforme figura 05) e biblioteca (conforme figura 06).



Figura 03 – quadra poliesportiva



Figura 04 – parque.

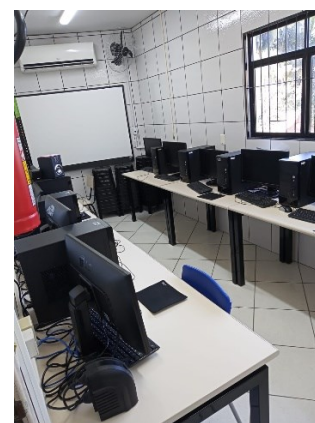


Figura 05 – laboratório de informática



Figura 06 – elevador.



Figura 07 – biblioteca.

Uma das maiores fragilidades do CEM “Liberdade” é estar em uma localidade um pouco afastada da região mais central do Município, o que acaba gerando uma alta rotatividade de profissionais, além do grande número de professores em contrato temporário. É importante ressaltar que a unidade tem dois professores de Educação Física (um com carga horária de 40 horas/aula e o outro com 27 horas/aula) e ambos são efetivos na unidade. Outro ponto é que a equipe gestora é pequena. Apesar de a escola não ser de grande porte (comparada a outras do município), é possível enxergar a fragilidade de não se ter um (a) profissional de supervisão escolar no período vespertino bem como um (a) orientador educacional no período matutino. A equipe do CEM “Liberdade” sofre com a falta de tempo para resolver e realizar várias tarefas e acabam não dando conta de tamanha demanda. No entanto estão sempre muito focados em tentar acertar ao máximo.

A instituição tem como objetivo “promover o processo de ensino aprendizagem visando à formação integral dos sujeitos, buscando, sobretudo, torná-los pesquisadores, criativos, reflexivos e críticos, capazes de respeitar e valorizar a diversidade humana para que interajam e transformem a sociedade de forma justa, democrática, inclusiva e respeitosa” (PPP, 2021).

A escolha por este campo de observação se dá pelo fato de o pesquisador ser um dos professores de Educação Física da unidade escolar a quase 10 anos. Durante este período muitas situações surgiram e foram vivenciadas enquanto docente deste espaço, do qual já citamos na introdução deste estudo. Por se tratar de uma escola “pequena”, as situações que ocorrem no dia a dia, de uma maneira geral, acabando sendo mais evidentes e chamando a atenção dos trabalhadores e estudantes que ali frequentam.

Nas aulas de Educação Física acaba não sendo diferente. Por mais que o CEM “Liberdade” esteja localizado em um bairro pacato, de moradores locais e colonização alemã, este vem com o passar dos anos recebendo moradores vindos de outras regiões do país buscando novas oportunidades na cidade (principalmente da região nordeste do Brasil). O bairro está localizado próximo a área industrial de São José, o que acaba ofertando diversas vagas de emprego além de possuir um custo de vida mais baixo, comparado as outras regiões da cidade.

Com toda esta “herança e mistura cultural” convivendo dentro de um mesmo ambiente escolar, diversas formas de enxergar e participar das aulas de Educação Física se fazem presentes e possibilitou enxergar de que forma cada estudante e familiar trata/tratava este componente curricular e sua importância na formação integral do sujeito, motivando um estudo mais aprofundado sobre estas relações que podem vir a constituir e/ou modificar e/ou movimentar a construção da identidade da Educação Física.

3.3.4 DESCRIÇÃO DOS SUJEITOS DE PESQUISA NO CAMPO DE OBSERVAÇÃO.

Os sujeitos que serão investigados nesta pesquisa pertencem a comunidade escolar do CEM “Liberdade”. Lembrando que este grupo é formado por professores, demais trabalhadores da unidade, pais ou responsáveis.

No segmento **pais ou responsáveis**, estarão presentes para a participação apenas aqueles em que os filhos frequentam os anos finais do ensino fundamental do CEM “Liberdade”.

O segmento **professores** será formado pelos docentes que atuam na unidade escolar, nos anos iniciais e finais do ensino fundamental. Por fim, o segmento **trabalhador da unidade** será composto pela diretora, supervisora escolar, orientadora escolar, secretária escolar, auxiliares de serviços gerais, cozinheira e zelador²⁰.

Como critérios inclusão e exclusão apontam-se os seguintes itens: Aceitar a participação na pesquisa de forma espontânea, estar ciente dos impactos da pesquisa na produção do conhecimento sobre o tema, ter assinado o termo de consentimento e termo de assentimento livre e esclarecido, ser servidor efetivo ou temporário da escola pesquisada, ser

²⁰ Auxiliares de serviços gerais, cozinheira e zelador, não são trabalhadores concursados pela PMSJ, tem seu vínculo empregatício pertencendo a empresas terceirizadas de prestação de serviços.

familiar de estudante regularmente matriculado na escola pesquisada. Todos os participantes devem ser maiores de idade. Todos aqueles que não se enquadrarem nos critérios de inclusão não farão parte da pesquisa.

Após a aplicação do questionário, os sujeitos se disponibilizaram a participar da entrevista semiestruturada, foram conforme a tabela 04, os seguintes:

IDENTIFICAÇÃO	IDADE	SEGMENTO/FUNÇÃO
Professora 01.	45 anos	Professora anos iniciais.
Professora 02.	44 anos	Professora anos iniciais.
Diretora.	31 anos.	Direção (trabalhadores da unidade escolar).
Secretária.	33 anos.	Secretária escolar (trabalhadores da unidade escola).
Responsável 1.	51 anos.	Pais/responsáveis.

Tabela 04: Participantes da entrevista semiestruturada.

3.4 INSTRUMENTOS PARA COLETA DE DADOS.

A pesquisa científica, conforme nos traz Goldenberg (2011, p. 13) “exige criatividade, disciplina, organização e modéstia, baseando-se no confronto permanente entre o possível e o impossível, entre o conhecimento e a ignorância”.

Com base no tipo de pesquisa que esta dissertação realizou, uma das características etnográficas envolve a necessidade de realização de um trabalho de campo. Com isso o pesquisador tem a possibilidade de manter contato direto e prolongado com as pessoas, locais, eventos e situações (ANDRÉ, 2012). Lembrando que esta convivência com o problema de pesquisa pode variar de acordo com a disponibilidade do investigador bem como a aceitação do grupo/local/evento a ser investigado. Mantendo estas características, este estudo etnográfico irá buscar a “formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não a sua testagem” (ANDRÉ, 2012, p. 30).

A partir desta citação, levando em consideração os objetivos propostos para esta dissertação, bem como a proposta metodológica para o estudo, a observação do campo de pesquisa se faz necessária para iniciar a busca pelas respostas aos problemas a serem

investigados. Esta deverá ser aplicada a algum objeto externo, mas também pode ser utilizada em perspectivas diferentes (NEGRINE, 2010).

A literatura com o tema observação nos traz um farto conhecimento teórico sobre este método, bem como suas formas de coletar e organizar os dados e informações que foram levantados. Com isso, é um desafio ao pesquisador utilizar processos mentais superiores como: a atenção, a percepção, a memória e o pensamento, para observar os fatos e realidades sociais presente (NEGRINE, 2010), sendo importante que se realize em um contexto real de atividades.

Considera-se que a presença de um pesquisador ao observar o campo ou objeto de estudo pode causar certo estranhamento ou alteração de comportamentos do cotidiano a ser investigado. Por isso a importância da utilização da observação participante pois “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo afetada por ela” (ANDRÉ, 2012, p.28).

Como forma de facilitar a análise e interpretações das situações observadas durante a observação, será utilizado um caderno de campo para oportunizar os registros daquilo que for mais pertinente no olhar pesquisador. Triviños (1987) nos mostra a importância dos registros na pesquisa qualitativa, onde com o diário de campo reflexões, significados e explicações devem emergir a partir do olhar. Este processo de coleta de análise de informações

compreenderia descrições de fenômenos sociais e físicos, explicações levantadas sobre as mesmas e a compreensão da totalidade da situação em estudo. Este sentido tão amplo faz das anotações de campo uma expressão quase sinônima de todo o desenvolvimento da pesquisa (TRIVIÑOS, 1987, p. 154).

Assim, o diário de campo, ou caderno etnográfico de pesquisa, possibilita refletir as experiências vividas e identificadas no local de pesquisa, onde para Macedo (2010, p. 134) “ao elaborar seu diário, o pesquisador constitui-se um sujeito entre outros sujeitos, humaniza-se, dialetiza-se, ao aceitar a lógica do inacabamento que qualquer teoria coerente do sujeito deve exercitar”. As observações de campo foram realizadas levando em consideração o menor envolvido possível entre pesquisador e estudantes. Neste sentido, caso algum estudante se sinta constrangido com a presença do pesquisador, a observação será cancelada e a estratégia de conversas informais com o docente regente será amplificada.

Como forma de coletar dados para esta pesquisa foi aplicado um questionário²¹ com a comunidade escolar da instituição escolar a ser investigada. Sendo este instrumento de coleta

²¹ Conforme Anexo H.

de dados composto de perguntas abertas e fechadas, buscando investigar percepções, representações e opiniões sobre experiências, conceitos ou acontecimentos de um número expressivo de participantes. Produzimos um questionário no Google Fomulários para facilitar o envio do instrumento, reduzir os custos da pesquisa e ampliar o impacto no número de sujeitos da comunidade escolar atingidas pela investigação.

Importante salientar que uma comunidade escolar é composta por diversos grupos dentro dela (do qual já foram citados anteriormente), é importante que a construção dessa ferramenta seja realizada de acordo com o grupo investigado.

Quando se pensa na realização deste instrumento de coleta de dados, muitas vezes, erroneamente, acredita-se que apenas aquele público que tem total conhecimento do assunto a ser pesquisado, é quem deve ser ouvido. Porém é extremamente importante “ouvir” aqueles que nunca são ouvidos, dando importância e legitimidade a todas as formas de observar e pensar o problema a ser pesquisado.

“Um dos problemas das entrevistas e questionários é detectar o grau de veracidade dos depoimentos” (GOLDENBERG, 2011, p.85), por este tipo de coleta e pesquisa lidar com pessoas e com o que eles trazem de informação, ou o que deixam de revelar. Além disso as atitudes e personalidades dos pesquisadores podem interferir nas respostas dos entrevistados (GOLDENBERG, 2011).

Após a realização do questionário, foram convidados indivíduos de cada grupo pertencente a comunidade escolar para a realização de uma entrevista semiestruturada, pois como nos mostra Negrine (2010, p.76) uma entrevista é semiestruturada

quando o instrumento de coleta está pensado para obter informações de questões concretas, previamente definidas pelo pesquisador e, ao mesmo tempo, permite que se realizem explorações não previstas, oferecendo liberdade ao entrevistado para dissertar sobre o tema ou abordar aspectos que sejam relevantes sobre o que pensa.

Neste tipo de entrevista é possível abordar toda a essência do conteúdo do problema investigado, levando em conta as palavras-chave que englobam a delimitação do problema. Pode durante o decorrer da entrevista, surgirem novas perguntas por parte do pesquisador, desde que essas estejam diretas ou indiretamente ligadas à pesquisa. O processo de seleção desses sujeitos para a realização da entrevista seguirá a perspectiva apontada por Molina Neto (2010) como representatividade tipológica. Ou seja, serão selecionados sujeitos que façam parte de diferentes grupos que representem a comunidade escolar: homens e mulheres, docentes efetivos

e docentes temporários na escola, familiares com filhos de diferentes idades.

Quando se adota um instrumento de coleta de dados com esta característica, exige muito preparo por parte do pesquisador, principalmente por este conhecer profundamente o campo de pesquisa e os membros pertencentes a este contexto, pois seguindo este modelo, “pressupõe-se que será a informalidade o caminho para recolher as informações relevantes ao estudo” (NEGRINE, 2010, p. 76). Este estudo também está baseado numa pesquisa de caráter *bibliográfico* a qual exige, segundo Laville e Dionne (1999), uma coleta de dados a partir de seus próprios conteúdos temáticos, ou seja, a eleição de categorias teóricas, as quais serão construídas a partir do modelo misto de análise.

Esta coleta de caráter bibliográfico tem uma importante função dentro desta pesquisa, pois com ela será possível a construção de bases teóricas significativas que deverão contribuir na realização dos objetivos teórico-metodológicos, definindo os conceitos e teorias até então abordados sobre a temática. Assim, com todo este material teórico coletado, foi possível analisar, problematizar e refletir todo o problema em questão. Sendo assim, os documentos “não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto” (LÜDKE & ANDRÉ, 1986, p.39).

Em seguida, apresentaremos de que forma os dados coletados foram analisados e interpretados.

3.5 ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DOS DADOS.

Após a coleta de dados e informações prévias colhidas no campo de pesquisa, inicia-se uma fase que é de fundamental importância para a legitimidade de uma pesquisa científica, a análise e interpretação dos dados. Lembrando que neste estudo foram analisados os dados do questionário encaminhado a comunidade escolar bem como na entrevista semiestruturada realizada com representante(s) de cada segmento dela.

Por se tratar de uma pesquisa qualitativa e percebendo a importância do que fazer com os instrumentos utilizados para coletar dados, esta tem como

[...] pressuposto científico manipular informações recolhidas, descrevendo e analisando-as, para num segundo momento interpretar e discutir à luz da teoria, ao passo que a pesquisa qualitativa, a partir da quantificação dos dados recolhidos, se serve de modelos matemáticos para descrever, analisar, interpretar e discutir os achados (NEGRINE, 2010, p.62).

Na medida em que se trata de uma análise em uma pesquisa qualitativa, deve-se atentar que mesmo estando o pesquisador na fase de coleta de dados, toda a análise já pode estar ocorrendo. Assim, Minayo (1992) chama a atenção para três obstáculos para uma análise eficiente. O primeiro diz respeito à ilusão do pesquisador em ver conclusões, à primeira vista, como transparentes, ou seja, quando se pensa que a realidade dos dados se apresenta rapidamente de forma nítida aos olhos. O segundo, se deve ao fato do pesquisador se envolver tanto com os métodos e as técnicas a ponto de esquecer os significados presentes em seus dados. Isso poderá acontecer quando os dados coletados que compõe a análise podem não ser devidamente considerados. E, por último, está relacionada a dificuldade que o pesquisador pode ter em articular conclusões que surgem de dados concretos com conhecimentos mais amplos ou abstratos e, como consequência, ocorrer um distanciamento entre a fundamentação teórica e a prática de pesquisa.

Desta forma, a análise e interpretação dos dados foram realizadas de forma conjunta a partir de uma leitura reflexiva dos registros do caderno de campo (ou caderno etnográfico), dos dados respondidos no questionário e das transcrições das entrevistas realizadas com os representantes de cada segmento.

Segundo Goetz e LeCompte (1988), a etnografia é eclética nas suas formas de coletar dados e em seus procedimentos de análise. Com isso o pesquisador etnógrafo tem a possibilidade de analisar e processar os dados levantados na coleta através da triangulação de várias fontes. Seguindo este caminho, Molina Neto (2010, p.138) diz que “a triangulação impede a aceitação das impressões iniciais e, dessa forma, tanto a técnica da triangulação das fontes como a técnica de coleta de informação se processam simultaneamente”. A triangulação irá oferecer validade das conclusões que foram possíveis perceber com informações encontradas, permitindo uma comprovação e um controle dos efeitos do processo de investigação sobre os dados (HAMMERSLEY E ATKINSON, 1994).

3.6 O PARADIGMA DA COMPLEXIDADE NA INTERPRETAÇÃO E PROBLEMATIZAÇÃO DOS DADOS.

Utilizamos como possibilidade de interpretação dos dados coletados o paradigma da complexidade. Como este estudo propõe uma pesquisa de caráter etnográfico, levando em

consideração descrição cultural de uma realidade a ser investigada, encontramos no pensamento complexo uma forma de auxiliar na compreensão dos problemas que surgiram através da observação no campo de pesquisa, bem como na interpretação dos dados levantados no questionário e na entrevista.

Com isso, a ação de pesquisar é caracterizada de acordo com as escolhas e decisões tomadas junto ao problema de pesquisa, nos faz pensar nas estratégias utilizadas para responder aos objetivos deste estudo. A estratégia “permite, a partir de uma decisão inicial, prever certo número de cenários para a ação, cenários que poderão ser modificados segundo as informações que vão chegar no curso da ação e segundo os acasos que vão suceder e perturbar a ação” (MORIN, 2015, p. 79).

A partir desta citação, pensamos na estratégia de pesquisa utilizada para analisar e interpretar os dados levantados, visando buscar a informação enfrentando o acaso, porém procurando também utilizá-lo. Assim, o ato de pesquisar e interpretar pode vir a nos apresentar aleatoriedade e incertezas, por isso a importância de observarmos os fenômenos e os objetivos de pesquisa de forma complexa, correlacionando as informações coletadas com a finalidade de legitimar e responder ao problema a ser investigado.

A ação ao interpretar os dados levantados representa o reino concreto da complexidade, onde carrega consigo, conforme Morin (2015, p.81) “acaso, imprevisto, iniciativa, decisão consciência das derivas e transformações”. Com isso, focando as estratégias de pesquisa no acaso, tomamos consciência das incertezas que surgiram com as informações, onde o paradigma da complexidade irá nos impedir de nos fecharmos ao contemporaneíssimo, isto é, em tudo o que vem acontecendo, nunca mudará, continuará indefinidamente.

Pensando de forma simplificadora, os problemas serão resolvidos de forma simples, sem aprofundar e contextualizar o pensamento ou as informações. Já pensando, observando e interpretando um problema de forma complexa, não se explica por si só as barreiras encontradas, mas irá fornecer elementos estratégicos para a sua resolução (MORIN, 2015).

“A complexidade situa-se num ponto de partida para uma ação mais rica, menos mutiladora. Acredito profundamente que quanto menos um pensamento for mutilador, menos ele mutilará os humanos” (MORIN, 2015, p.83). Assim, tomamos cuidado ao analisar os dados coletados, de não os interpretar de forma simplificadora, desta maneira teríamos análises

fragmentadas e unidimensionais e com pouca contextualização teóricas dos fenômenos observados.

No próximo item, traremos os aspectos éticos utilizados para a construção desta dissertação de mestrado.

3.7 ASPECTOS ÉTICOS E CRONOGRAMA DE ESTUDOS

Considerando os aspectos éticos para a realização da pesquisa, foi necessário uma série de documentos para inserção no campo de investigação. Inicialmente, a pesquisa teve autorização²² prévia de realização da coleta de dados, junto à comunidade escolar do CEM “LIBERDADE” por parte da direção de ensino da Secretaria Municipal de Educação do município de São José -SC, para a observação do cotidiano das aulas de Educação Física, a aplicação do questionário e posterior entrevista aos membros dos grupos selecionados.

De forma a garantir o anonimato e confidencialidade, inicialmente trocamos o nome da unidade escolar. Na aplicação do questionário a comunidade escolar, os participantes terão a sua identidade preservada bem como receberão as suas respostas como garantia que serão utilizados os dados reais aplicados com o questionário.

Durante as entrevistas, foram selecionados membros dos segmentos: pais e trabalhadores (professores, direção, auxiliares de serviços gerais etc.) sendo que estes, durante o processo de transcrição de suas respostas, tiveram preservados os seus nomes. É importante salientar que os participantes do questionário e entrevista deverão estar de acordo com o termo de aceite e de assentimento livre esclarecido para os estudantes²³.

Em seguida, esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Catarina, sob o número de processo de aprovação **6.075.665**, conforme anexo K desta dissertação.

Como cronograma de estudos para a construção desta dissertação, a tabela a seguir demonstra todas as etapas realizadas para a produção desta dissertação de mestrado.

²² Conforme ANEXO B.

²³ Anexos C e D.

CRONOGRAMA DE PESQUISA 2021												
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Formação teórica da equipe de pesquisa								X	X	X	X	X
Elaboração do projeto								X	X	X	X	X
CRONOGRAMA DE PESQUISA 2022												
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Qualificação e ajustes no projeto											X	X
NOVA - Submissão do projeto ao comitê de ética (CEP/UFSC)												X
Aproximação aos campos de investigações												X
CRONOGRAMA DE PESQUISA 2023												
	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
NOVA - Submissão do projeto ao comitê de ética (CEP/UFSC)				X								
Seleção dos participantes da pesquisa					X	X						
Coleta das informações					X	X	X	X	X			
Processo de análise e das interpretações das informações obtidas com os colaboradores					X	X	X	X	X			
Apresentação de trabalhos em eventos científicos					X	X	X	X	X			
Publicação de artigos					X	X	X	X	X			
Finalização, Entrega e defesa do relatório Final									X			

Tabela 05: Cronograma de atividades acadêmicas.

4 ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS DE CADA SEGMENTO

Neste capítulo iremos realizar a análise dos dados coletados de cada segmento que participou da pesquisa. Cabe lembrar que para a aplicação do questionário bem como da entrevista semiestruturada, dividimos os participantes em três segmentos: professores, trabalhadores da unidade escolar e pais/responsáveis (discentes dos anos finais), conforme previsto anteriormente na descrição dos sujeitos. Portanto, realizamos uma problematização geral dos dados coletados buscando identificar semelhanças e diferenças nos olhares e percepções de cada segmento, com o propósito de buscar as respostas ao problema de pesquisa.

4.1 ANÁLISE E PROBLEMATIZAÇÃO DOS DADOS COLETADOS.

Inicialmente, cabe mencionar que 23 professores, 05 trabalhadores da unidade escolar, bem como 18²⁴ pais/responsáveis, participaram da aplicação do questionário que foi encaminhado por e-mail (totalizando 46 participantes), sendo que destes, 02 (duas) professoras, 02 (duas) trabalhadoras e 01 (um) pais/responsáveis por estudantes, se disponibilizaram a participarem da entrevista semiestruturada.

Os participantes de cada segmento, que concordaram com o seu referido TCLE, responderam a todas as perguntas que constam no questionário, desta forma iremos realizar a análise a partir dos conceitos dos referenciais teóricos que orientam esta pesquisa.

Como forma de sistematizar a análise dos dados levantados, foi necessário a divisão em categorias temáticas de acordo com os objetivos geral e específicos propostos por este estudo. A seguir iniciaremos a análise a partir delas.

4.2 A COMUNIDADE ESCOLAR E SUAS PERCEPÇÕES QUANTO AO COMPONENTE CURRICULAR EDUCAÇÃO FÍSICA.

Esta categoria teve como finalidade identificar a partir da análise do questionário encaminhado aos membros de cada segmento, bem como com a entrevista realizada com alguns

²⁴ Um dos representantes deste segmento não concordou com o TCLE, sendo assim 17 respostas foram consideradas deste grupo.

de seus representantes, qual o olhar ou percepção dos grupos referente ao componente curricular Educação Física.

Buscamos problematizar os dados referentes a esta categoria a partir do paradigma da complexidade de Edgar Morin, através da sua visão de mundo que vai se caracterizar pela desordem, incerteza e confusão, visando a superação de uma ideia simplificadora para uma visão complexa de um fenômeno. Ao mesmo tempo, dialogamos com a sociologia da experiência de François Dubet (1994), descrevendo e problematizando as experiências sociais e condutas individuais dos sujeitos que transitam por este meio. Porém, foi necessário dialogar com outros autores que tratam especificamente de determinadas questões que surgiram a partir do olhar dos participantes.

Ao observar as respostas, de forma “superficial e desatenta”, percebe-se que todos os participantes (representantes dos segmentos a serem investigados) enxergam a Educação Física como um componente curricular importante e que deve ser obrigatório em todos os níveis do ensino básico.

Porém, observamos nos gráficos que esta importância, inicialmente na visão dos professores, pode ser vista de duas maneiras: Praticamente a metade dos docentes, 52,4% (12 professores) responderam que tiveram acesso a proposta curricular da Educação Física no município de São José – SC. Com isso, puderam observar os conteúdos e metodologias que deverão ser utilizadas por este componente nas escolas municipais da cidade, justificando a sua visão através do currículo que norteia o aprendizado

Mas, observa-se também que a importância do componente curricular na ótica dos colegas professores vem com a experiência de participação enquanto estudantes no ensino básico (totalizando 95,7% - 22 professores). Esta afirmação, se confirmou, durante a realização das entrevistas em que, inicialmente, ambas as professoras informaram que tiveram/tem boas lembranças com a Educação Física escolar enquanto estudantes.

Isto nos faz observar a importância de experiências (passadas) positivas ou não, para o reconhecimento dos componentes curriculares nas escolas. Dubet (2014, p. 16) nos diz que “a maior parte dos professores descrevem as suas práticas, não em termos de papéis, mas em termos de experiência”. Com isso “constroem a sociedade nas trocas quotidianas, nas práticas linguísticas, nos apelos à identidade contra um sistema identificado com a racionalidade instrumental, com a produção da sociedade como mercado” (DUBET, 1994, p.14).

É possível perceber, a partir das respostas ao questionário e entrevista, que as memórias trazidas por cada integrante dos segmentos pesquisados referente ao seu período enquanto estudante do ensino básico, que participavam das aulas de Educação Física, vem através das características dos currículos que eram previstos para cada faixa-etária ou período que frequentou o ensino regular, bem como das experiências vivenciadas, sejam elas boas ou não.

Sendo assim, o currículo será um elemento que irá configurar a prática educativa nas escolas, onde se mostra importante a análise de um dos principais agentes de interlocução, os professores. Para Sacristán (2000, p. 165), “o currículo molda os docentes, mas é traduzido na prática por eles mesmos – a influência é recíproca”. Assim, percebe-se através das lembranças trazidas pelos entrevistados, bem como com quais conteúdos a Educação Física deveria tratar com os estudantes na escola (esta foi a última pergunta do questionário de cada segmento), percebemos que as experiências realizadas a partir das aulas vem moldando a percepção do componente curricular na unidade.

Só que estes currículos trouxeram, também, lembranças não tão agradáveis, como relatado na fala da secretária escolar (representante do segmento trabalhadores da unidade escolar) e da responsável 1 (segmento pais e responsáveis), ao serem questionadas se participavam das aulas regularmente enquanto estudante, suas respostas foram:

“Não, até o sexto ano, eu sempre estava doente. Minha mãe sempre fazia vários bilhetes para eu não participar das aulas. Eu era uma aluna que as pessoas já sabiam que eu não gostava, que tinha que correr uma quadra imensa no sol. Eu passava mal, eu sentia falta de ar. Então, os professores me passavam trabalho teóricos, eles respeitavam.... Quando eu fui estudar em uma nova escola, lá é obrigatório, porque a Educação Física era no contraturno escolar com modalidades esportivas. Eu passei por todas as modalidades que tu podes imaginar e eu não consegui ficar mais de um mês em cada uma delas. Saí da instituição por causa disso, porque lá era obrigatório fazer aula prática... Visualizando bem o currículo da minha época, era bem dinâmico, né? Era sempre um bimestre futsal, outro bimestre handebol, meu Deus, eu odiava handebol. Teve uma época que eles trouxeram projeto de xadrez para quem era mais pacato. Mas acho que teve sempre relacionado a minha falta disposição...”. (SECRETÁRIA).

O relato da Responsável 1, também aponta elementos e situações que não trouxeram consigo boas memórias, como:

Um exercício até que vem muito na mente, que foi o primeiro que eu falei, tinha esse cavalete que a gente tinha que correr para colocar as mãos e pular do outro lado. Eu tenho a distrofia muscular, então eu tenho muita fraqueza. Eu não tenho firmeza nos braços. Então, desde aquela época, eu já tinha isso. Era muito de cair. Eu corria, mas eu corria toda, vamos dizer a palavra assim no popular, desengonçada. Eu corria e caía. Na hora de pular, eu não conseguia firmar os braços para pular. No vôlei, a bola

batia nos braços. Meus braços já não tinham a firmeza nem de tocar uma bola. Eu sempre tive essa dificuldade. E, como eu te falei, eu era taxada de quê? A mole. Ah, não sabe fazer nada. Tanto da professora quanto dos meus amiguinhos. Ninguém queria eu na turma, no time. Ah, vamos fazer o time, mas ninguém nunca me queria, justificando que eu não sabia jogar. Eu caía muito, sabe? Aí, quando era em exercício de alongamento, eu adorava. Exercícios marcados, né? Eu me lembro que a professora dizia: Ah, tá, quando é exercício assim, bonzinho, aí tu queres fazer? Viu como você é? Me taxavam de nomes pejorativos que hoje tá aqui, né? (RESPONSÁVEL 1).

Porém, quando questionadas se, caso fossem alunas da escola em que a pesquisa foi realizada, a partir do que vem acompanhar das aulas, seja como funcionária da unidade escolar ou como responsável por estudante, se teriam vontade ou disposição em participar, suas respostas foram:

Eu acho que diante da nossa realidade aqui, por ser uma escola pequena, pelas atividades serem mais concentradas, eu participaria. Acho que realmente foi por ser uma estrutura maior, o professor não tinha como ter um olhar mais acolhedor. Hoje a gente vê muito esse olhar individualizado, né? Dos profissionais, dos professores para tentar desenvolver dinâmicas que envolvam o maior número de crianças possíveis, de estudantes. E naquela época não se via isso, era tudo muito generalizado, as turmas eram muito grandes, eram muitos alunos, os espaços eram muito grandes na escola, então eu acho que seria um pouco menos difícil. (SECRETÁRIA).

Com certeza. Até devido, talvez, por hoje eu saber, tocando de novo nesses problemas que as pessoas podem ter e não são compreendidas, eu até poderia fazer, vamos dizer, se eu tivesse essa mobilidade, como eu não tenho, mas para aprofundar nisso, para fazer isso. Eu trabalhei uma época até com crianças no colégio, quando eu fiz o meu estágio de serviço social, foi numa creche. Eu gostava, na época, de fazer com as crianças, “Ah, vamos fazer exercício? Vamos brincar?”. Então, eu inseria isso com eles. Então, eu gosto disso hoje, dentro do meu limite. Então, eu acho muito mais interessante hoje. É vista uma preocupação hoje, não somente na matéria curricular. (RESPONSÁVEL 1).

Interessante perceber como as impressões relacionadas ao componente curricular, por parte das entrevistadas, vem modificando no decorrer da sua vida de estudante na educação básica e agora enquanto trabalhadora de uma unidade escolar, ou como responsável por estudante. Suas movimentações sociais e culturais vieram ao longo do tempo modificando o seu olhar e suas percepções sobre a Educação Física. Podendo ser explicado com o que Morin (2011) chama de imprinting cultural, onde este “marca os humanos, desde o nascimento com o selo da cultura, primeiro familiar e depois escolar, prosseguindo na universidade ou na profissão” (MORIN, 2011, p.29). Com isso, através destas “impressões” que o ser humano carrega consigo na sua trajetória de vida, os sujeitos reproduzem conhecimentos, situações e sentimentos de acordo com as culturas que estão inseridos ou as quais interagem, modificando seus hábitos, crenças e valores. A partir destas afirmações, destaca-se a mudança do olhar por parte da servidora, a partir da sua trajetória estudantil e agora profissional.

Retornando aos gráficos, percebemos que as impressões dos participantes quanto aos conteúdos programáticos, seguem como foco principal o esporte na Educação Física na escola. Conforme iremos apresentar no próximo item relacionando a identidade (item 4.3), 87% das respostas (20 indicações – segmento professores), 82,4% (14 indicações – segmento pais/responsáveis) e 100% (5 indicações – segmento trabalhadores da unidade escolar) apontam o esporte como o conteúdo principal do componente na escola. Fica evidente esta ideia, quando analisamos as entrevistas da diretora da unidade, das professoras participantes e da mãe responsável por estudante.

Falas como:

Do sexto ano em diante, a Educação Física era separada, turmas de meninos e outra de meninas, trabalhava muita questão de modalidade esportiva. Então eu tinha, por exemplo, aulas que a gente trabalhava com jogos, né? Vamos hoje fazer um jogo entre equipes de vôlei, hoje vamos fazer um jogo entre equipes de futsal. Mas tinha vezes que era como se fosse o treino daquele jogo. Hoje a gente vai treinar passe, ou saque, ou chute a gol. Tinham aulas que eram mais treinos e outras mais jogos entre equipes (DIRETORA).

Eu participava porque eu amava a aula, apesar do professor ser ignorante, grosso, daquele jeito é a bola para os meninos, vôlei para as meninas... Ele fazia umas atividades que creio que sejam de atletismo, prova física, de resistência mesmo. Quantos polichinelos tu agentas? Quantas flexões de braço? Quantos daqueles agacha, levanta, agacha, levanta, agacha, levanta. E eu amava, amava, amava aquela correria. (PROFESSORA 1).

Eu lembro das brincadeiras de salto que a gente tinha, que eu vou dizer, não é quadra, era um buraco lá feito, deve ter outro nome, desculpa, não lembro agora. E a gente saltava e tinha que marcar quem saltava mais longe. Tinha bastante atletismo, eu lembro de bastante brincadeira, eu nunca fui muito fã de bola... (PROFESSORA 2).

No início era, vamos dizer, brincadeiras, né? Principalmente em épocas de chuva, a gente brincava muito, era, deixava mais livre, não tinha tanto conteúdo até teórico, né? Eram mais brincadeiras. Depois, no ensino médio, no fundamental, a gente vai tendo teorias sobre tipo de vôlei, né? Sobre a história da educação física. E tinha muito, eu me lembro que tinha muitas brincadeiras, eu não sei se seria dito como exercícios, né? Ou era brincadeira, tipo, pular, tinha um cavalete, a gente tinha que correr, parar, pular, no outro lado. São coisas que mais me recordo. (RESPONSÁVEL 1).

A partir destes relatos, inicialmente é importante destacar que estes participantes vivenciaram tempos diferentes enquanto estudantes do ensino regular. Com isso diversas propostas curriculares nortearam o trato do conhecimento por parte dos professores aos seus estudantes e as maneiras de ministrar os conteúdos. Porém, mesmo com a diferença de idade entre os participantes (conforme tabela 04) percebe-se com as suas percepções atuais, bem

como com as aulas que participaram enquanto estudantes, uma forte cultura esportiva como elemento principal na construção do conhecimento deste componente curricular.

De acordo com Figueiredo (2004, p.95)

Há uma forte identificação com esportes por parte dos alunos e as instituições de ensino parecem aproveitar-se dessa predisposição, constituída socialmente, para consolidar/reproduzir o sistema esportivo, principalmente, no que se refere à seletividade para a formação de equipes escolares.

Porém, o esporte veio sendo trabalhado dentro das escolas (a partir do olhar dos participantes) de uma maneira “jogar por jogar”, sem apresentar maiores informações dos seus valores e aspectos críticos sobre a sua prática, valorizando a competição (“*vamos ver quem salta mais longe*”, “*quantos polichinelos você aguenta fazer*”), a exclusão dos estudantes que não apresentavam destreza motora esperada para a prática (“*Teve uma época que eles trouxeram projeto de xadrez para quem era mais pacato*”) o preconceito entre os sexos (“*Quando começou de sexto ano em diante, a Educação Física era separada, turmas de meninos e outra de meninas, trabalhava muita questão de modalidade esportiva*”), entre outras situações.

Percebe-se na escola, com base em observações informais realizadas antes da coleta de dados para esta pesquisa, que as atividades pré-desportivas ou o esporte propriamente dito, são frequentemente bem aceitos por parte dos estudantes, existem estudantes que não se sentem motivados a participação nas aulas, principalmente nas turmas de anos finais do ensino fundamental, ocorrendo uma ação chamada de autoexclusão, sendo uma maneira de não demonstrar identificação com aquele conteúdo ou atividade que está sendo ministrada e também sua estratégia metodológica diante de alguma dificuldade apresentada ou por falta de interesse (FIGUEIREDO, 2004).

Podemos refletir que esta mudança (positiva) dos olhares atuais, comparado ao tempo de estudantes dos participantes, relacionados ao componente curricular Educação Física se dá possivelmente pela modificação/movimentação dos currículos das redes de ensino bem como na formação continuada dos professores. Mesmo com todos os seus problemas, a Base Nacional Comum Curricular, com a Educação Física fazendo parte do eixo temático das linguagens, nos mostra a expressão corporal e cultura corporal de movimento como saberes primordiais a serem incluídos aos estudantes, onde um corpo irá se comunicar através da cultura, dos gestos, dos gostos, sentimentos e significados. Assim, “o movimento humano está sempre inserido no

âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. Logo, as práticas corporais são textos culturais passíveis de leitura e produção” (BNCC, 2017, p.171).

Neira (2018) nos chama a atenção aos currículos que irão se configurar como uma ponte ao diálogo com as diferenças. Formas de tratar os conteúdos da Educação Física unicamente técnicas e desportivas, conforme relatos, as diferenças entre os participantes passam a ser percebidas e tendo esta justificativa para a prática do gesto técnico, ocorrendo desta forma um olhar excludente, resultando no estudante inábil, descoordenado, incapaz e desmotivado.

Por isso a importância de se pensar culturalmente os currículos do componente Educação Física onde “a experiência escolar é um campo aberto ao debate, ao encontro de culturas e a confluência de práticas corporais pertencentes a vários setores sociais” (NEIRA, 2018, p. 9). A partir disto, a escola deve ser um ambiente de acolhimento, discussão, vivência e ampliação da cultura corporal dos sujeitos. Resultando numa proposta, mais inclusiva, modificando os olhares e percepções sobre ela.

Chama a atenção, de forma negativa para o pesquisador, que os participantes não conseguem identificar algo que os marcou nas aulas de Educação Física durante seu período de estudantes. Percebe-se falas que identificam lembranças positivas e negativas durante a prática deste componente enquanto estudantes do ensino básico. Porém não fica evidente nas respostas e relatos qual a importância de se contemplar o momento vivenciado nas aulas de Educação Física. Quais os sentidos para a vida cotidiana, seja ela pessoal ou profissional, da aplicação dos seus conteúdos programáticos? Por que a Educação Física nas escolas? Como contemplar a prática esportiva?

Estas interrogações surgem a partir das observações informais realizadas no ambiente escolar (pertencente a comunidade escolar investigada), bem como das respostas aos demais instrumentos de coleta de dados que caracterizam metodologicamente este estudo. Buscando problematizar estas questões a partir da percepção dos participantes, Bracht (1995) já nos chamava a atenção para uma pergunta, qual é a essência da Educação Física? De que forma suas características podem vir a movimentar o olhar sobre a sua prática educativa? Sabe-se da sua visão socioeducativa e isto faz com que não deixe de ser obrigatória na educação básica. Conceitualmente, considera-se a Educação Física como “prática social com as características

de uma prática pedagógica, com a especificidade do que tematiza manifestações da nossa cultura corporal/movimento” (BRACHT, 1995, p.2).

E quando refletimos em seu papel social, do qual muitos sujeitos não demonstram perceber esta importância, nos remete a problematizar o cotidiano escolar e todas as suas relações sociais entre os membros da comunidade escolar, interagindo com a Educação Física. Percebe-se que a sociedade, nesta ótica capitalista e até mesmo neoliberal que se encontra, não consegue contemplar as suas vivências diárias, da mesma forma suas percepções dentro da escola. Enxergamos esta situação, por exemplo, no relato da Professora 1, ao ser questionada sobre a importância da Educação Física comparada a outros componentes curriculares, ela responde da seguinte forma:

É porque eu vejo a gente muito limitado a dar o conteúdo, E se tu trabalhas com projetos interdisciplinares, às vezes o conteúdo de educação física pode ser atrelado ao de ciências, e vice-versa²⁵... Expressão corporal, que eles têm muita dificuldade, eles que vêm principalmente da creche, têm muitas habilidades que eles não conseguem vencer. Tesoura, amassar o corpinho, né? Aquele limite da carteira, tudo poderia ser trabalhado com a Educação Física (PROFESSORA 1).

Fica evidente uma “transferência” de responsabilidades sobre o fracasso ou falta de destreza motora do estudante em determinadas habilidades que são utilizadas em vários componentes curriculares. Creio que neste momento, não cabe mais pensar a escola, o currículo e suas práticas de forma interdisciplinar ou multidisciplinar. É necessário avançarmos para uma visão transdisciplinar sobre a educação e seus métodos de ensino. Assim, conforme nos mostra Nicolescu (1999, p. 53),

A transdisciplinaridade, como prefixo ‘trans’ indica, diz respeito àquilo que está ao mesmo tempo entre as disciplinas, através de diferentes disciplinas e além de qualquer disciplina. Seu objetivo é a compreensão do mundo presente, para o qual um dos imperativos é a unidade de conhecimento.

A partir deste conceito, fica evidente que dentro da unidade escolar e na elaboração dos currículos educacionais das redes de ensino, cada componente curricular deixa de ter campos pertinentes apenas a si mesmo, deixando de lado este pensamento clássico de que pensar de forma transdisciplinar não apresenta objetos em comum. Ao contrário a transdisciplinaridade, com esta visão clássica de perceber o objeto, é o que torna o seu acesso restrito. Ao mesmo tempo, tem-se, erroneamente, a ideia de que o acesso ou aquisição de conhecimento dentro da rotina escolar se dá exclusivamente pela convivência e interação com

²⁵ Até esta frase, o pesquisador concorda com a participante.

o “amontoado” de componentes curriculares que formam a grade curricular escolar. Esta forma de tratar o aprendizado responde, segundo Nicolescu (1999, p.44) “as necessidades de uma tecnociência sem freios, sem valores, sem outra finalidade que a eficácia pela eficácia”. Sendo assim, o conhecimento deve ser mais amplo do que a sua especificidade.

A partir deste olhar da transdisciplinaridade, foi possível compreender o conhecimento como um vetor complexo por definição. Com isso

[...] a complexidade da qual falamos seria uma complexidade desordenada, e neste caso seu conhecimento não teria sentido ou esconderia uma nova ordem e uma simplicidade de uma nova natureza que justamente seriam o objeto do novo conhecimento? Trata-se de escolher um caminho de perdição e um caminho de esperança (NICOLESCU, 1999, p. 48).

Por isso, percebemos que este dito “conhecimento complexo” está na estrutura das coisas, sendo este produto da nossa mente, que é por sua gênese, extremamente complexa, ecoando uma “imagem refletida da complexidade dos dados experimentais, que se acumulam sem parar” (NICOLESCU, 1999, p. 48).

A partir desta visão transdisciplinar do relacionamento do conhecimento com suas interações dentro do cotidiano escolar, percebe-se que “o espaço entre as disciplinas e além delas está cheio, como o vazio quântico está cheio de potencialidades: da partícula quântica às galáxias, do quark aos elementos pesados que condicionam o aparecimento desse universo” (NICOLESCU, 1999, p. 53-54).

Com isso, os espaços no âmago de um ambiente escolar, devem ser ocupados em sua totalidade, deixando de lado a ideia clássica de que cada componente curricular deve lidar apenas com o seu currículo programático, mas com uma visão multidimensional dos objetos de ensino, estruturando em diversos níveis, superando desta forma a organização clássica do contexto organizacional escolar.

4.3 A “MOVIMENTAÇÃO” DA IDENTIDADE DA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DAS PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE A SUA PRÁTICA EDUCATIVA E SUA RELAÇÃO COM A CULTURA ESCOLAR.

Este tópico tem como finalidade problematizar a partir da análise do questionário encaminhado aos membros de cada segmento, bem como com a entrevista realizada com alguns

de seus representantes, a identidade do componente curricular Educação Física na escola e de que forma ocorre a sua movimentação dentro do espaço escolar.

Para a sua elaboração, utilizaremos para a análise dos dados coletados pelo questionário e entrevista, principalmente o paradigma da complexidade de Edgar Morin, bem como a ideia de Identidade compreendida nos estudos de Zygmunt Bauman. Além disso, outros autores foram necessários entrar nesta análise para melhor compreensão e problematização dos dados levantados.

Percebe-se ao refletir os gráficos resultantes das respostas ao questionário, que a identidade do componente curricular Educação Física, inicialmente, é identificada através dos seus conteúdos programáticos, principalmente quando os participantes pensam estes (re)lembrando dos seus períodos enquanto estudantes da educação básica. Ao questionarmos aos colegas quanto ao componente curricular Educação Física e seus conteúdos programáticos, tivemos como resposta (cada participante pôde assinalar mais de uma resposta): Esportes – 87% (20 indicações); Jogos - 82,6% (19 indicações); Brincadeiras - 87% (20 indicações); Abordagens críticas - 56,5% (13 indicações); Abordagens teóricas - 56,5% (13 indicações); Formação integral dos sujeitos - 95,7% (22 indicações).

Da mesma forma, no segmento trabalhadores da unidade escolar as respostas foram as seguintes: Esportes – 100% (5 indicações); Jogos - 80% (4 indicações); Brincadeiras - 80% (4 indicações); Abordagens críticas – 60% (3 indicações); Abordagens teóricas – 60% (3 indicações); Formação integral dos sujeitos – 80% (4 indicações).

No segmento pais e responsáveis pelos estudantes da unidade escolar a ser investigada, as respostas da mesma pergunta dos componentes citados anteriormente, foram: Esportes – 82,4% (14 indicações); Jogos – 52,9% (9 indicações); Brincadeiras – 47,1% (8 indicações); Abordagens críticas – 23,5% (4 indicações); Abordagens teóricas – 41,2% (7 indicações); Formação integral dos sujeitos/estudante – 76,5% (13 indicações).

Inicialmente, com base nos dados levantados pelo questionário, percebe-se a identidade do componente curricular Educação Física voltada a uma ótica esportiva (da mesma forma que sua percepção foi caracterizada no item anterior), com o esporte sendo o conteúdo principal a ser ministrado aos estudantes. Podemos pensar que esta imagem desportiva vem caminhado com os participantes ao longo de suas vidas enquanto estudantes e, como sujeitos atuantes atualmente na comunidade escolar. Estes carregam consigo seus olhares e percepções

que tiveram enquanto discentes para justificarem as suas escolhas pelos conteúdos programáticos, caracterizando a identidade na Educação Física.

Estas vivências e experiências interagiram com o processo pedagógicos utilizados enquanto foram estudantes, trazendo consigo para o desenvolvimento atual do seu olhar quanto a Educação Física. Para o Coletivo de autores (1992, p. 14), a pedagogia “é a teoria e método que constrói os discursos, as explicações sobre a prática social e sobre a ação dos homens na sociedade, onde se dá a sua educação”. Por isso ela traz consigo as ideias e teorias educacionais relacionada a determinado tempo ou momento histórico.

Cabe lembrar que no centro pedagógico, interagindo com os estudantes, encontra-se o professor, relacionando-se com o projeto político pedagógico em questão, deliberando estratégias e ações. Desta forma o PPP será “político porque expressa uma intervenção em determinada direção e é pedagógico porque realiza uma reflexão sobre a ação dos homens na realidade explicando suas determinações” (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p.15). É importante compreender esta relação olhar/percepção X pedagogia, pois através de aulas, métodos de ensino, conteúdos programáticos e o período de vida estudantil que os participantes viveram, os olhares e percepções sobre a Educação Física na escola são formados e cria esta dita “movimentação identitária” deste componente dentro do ambiente escolar.

Ao relacionar estes dados levantados junto ao questionário e comparando com os relatos dos participantes de cada segmento na entrevista, foi possível perceber que a identidade do componente curricular Educação Física vem se movimentando de acordo com as experiências, dentre elas aquelas que foram positivas ou não de cada um dos participantes. Sendo assim, a identidade do componente curricular pode vir a ser caracterizada através de uma visão includente (possivelmente com aqueles que apresentam boa destreza dos gestos técnicos e/ou afinidade com os conteúdos) e excludente (os que não apresentam boa destreza dos gestos técnicos e /ou não tem afinidade com os conteúdos), resultando em diferentes olhares e percepções sobre este componente curricular.

Estes “dilemas” (inclusão e exclusão) nos fazem pensar a identidade como um tema de “graves preocupações e agitadas controvérsias” (BAUMAN 2021, p.16). Sendo assim é necessário refletir as comunidades, que irão definir as identidades e suas movimentações, vivendo uma total ligação com o conteúdo programático da Educação Física, trazendo consigo uma percepção positiva. Ao mesmo tempo, estas mesmas comunidades, observam

negativamente o componente curricular, seja por falta de ligação com os conteúdos ou até mesmo por realização de demandas contraditórias ao que pessoalmente se espera enquanto estudantes.

Morin (2012) nos mostra que este sentido de inclusão está relacionado a ideia de estar inserido dentro de uma comunidade, neste caso a participação ativa e prazerosa nas aulas de Educação Física. Ao mesmo tempo, o sentido de exclusão se faz presente quando os sujeitos não se inserem dentro desta dita “comunidade ativa e prazerosa”. Percebe-se desta forma que os sujeitos, ao analisar, observar e perceber a identidade do componente curricular, tornam-se egocêntricos, não no sentido egoísta da palavra, mas na forma como estes mesmo sujeitos vem se comportando neste sistema comunitário, bem como com suas mudanças no seu olhar durante o processo.

Estas relações citadas nos parágrafos anteriores, foram possíveis de perceber nos relatos das professoras participantes, conforme a seguir:

eu participava porque eu amava a aula, apesar do professor ser o ignorante, grosso, daquele jeito é a bola para os meninos, vôlei para as meninas... ele fazia umas coisas lá de atletismo, prova física, de resistência mesmo. Quantos polichinelos tu aguentas? Quantas flexões? Quantos agacha, levanta, agacha, levanta, agacha, levanta? E eu amava, amava, amava aquela correria.... Eu acho que hoje em dia, caso fosse aluna, ia ser bem melhor, ia ser bem mais divertido. Se na minha época que não tinha nada de atrativo, já era divertido (PROFESSORA 1).

Eu lembro das brincadeiras de salto que a gente tinha, que eu vou dizer, não é quadra, era um buraco lá feito, deve ter outro nome, desculpa, não lembro agora. E a gente saltava e tinha que marcar quem saltava mais longe. Tinha bastante atletismo, eu lembro de bastante brincadeira, eu nunca fui muito fã de bola, mas das brincadeiras e coisas eu lembro bastante das aulas de Educação Física.... Tanto que nessa fase que eu não gostava de fazer Educação Física, me escondia e não queria fazer, eu acho que foi aí que eu comecei a ver a importância, né? Porque quando foi uma coisa prazerosa, era uma coisa que me dava prazer, que era gostoso fazer, né? Eu acho que foi nesse momento aí que eu comecei a despertar. Não, espera aí, Educação Física não é só um encher de linguiça, não é só mais uma matéria, é uma matéria e a importância dela, né? E hoje eu reconheço isso (PROFESSORA 2).

No relato das trabalhadoras da unidade escolar, percebemos situações como:

Eu lembro que na época dos anos iniciais eram atividades mais recreativas, então a gente tinha atividade ao ar livre, aquelas atividades de pique -esconde, pega -no -rabo, coelhinho -sai -da -toca, tinha atividades mais voltadas a recreação. Quando começou de sexto em diante, trabalhava muita questão de modalidade esportiva. Então eu tinha, por exemplo, aulas que a gente trabalhava com jogos, né? Vamos hoje fazer um jogo entre equipes de vôlei, hoje vamos fazer um jogo entre equipes de futsal. Mas tinha vezes que era como se fosse o treino daquele jogo. Hoje a gente vai treinar passe, ou saque, ou chute a gol. Tinham aulas que eram mais treinos e outras mais jogos entre equipes... Eu participava porque eu gostava e eu era bem ativa na educação física. Eu achava que era um estímulo maior também para a questão do estudo, porque era um momento que a gente se descontraía, sabe? Era um momento diferente, era um

momento que fazia com que a gente se sentisse melhor. Era um momento que a gente conseguia esfriar um pouco a cabeça, principalmente no ensino médio... Eu acho que hoje eu valorizo muito mais a educação física porque eu entendo o processo também pedagógico dela, né? É porque quando na época que a gente é estudante, a gente vê mais a questão da diversão, de espaiar a cabeça, de se sentir melhor. Hoje penso mais a questão da seriedade do pedagógico, aquilo que vai auxiliar na coordenação motora, aquilo que vai fazer com que o estudante também tenha uma relação com a prática do conteúdo. Então, a gente tem uma visão mais pedagógica do processo de ensino -aprendizagem também, né? Então, aquele treino de equilíbrio tem um sentido para todo o processo também da escrita, da coordenação motora, né? Então, existe um olhar mais de profissional agora, né? (DIRETORA).

Eu não gostava, quer dizer, na realidade, acho que não. Visualizando bem o currículo da minha época, era bem dinâmico, né? Era sempre um bimestre futsal, outro bimestre handebol, meu Deus, eu odiava handebol... Naquela época de estudante eu não enxergava nenhuma importância. Hoje eu penso que eu teria essa pressão de estudo, esse cansaço que a gente já tem na vida enquanto adulto, né? A gente já precisa de atividade física para conseguir equilibrar os hormônios. Eu imagino na fase de desenvolvimento quanto é importante. Então se eu tivesse essa visão, assim, realmente da qualidade de vida e quanto aquilo vai me trazer benefícios tantos emocionais, psicológicos e físicos, talvez se eu conseguisse ter esse entendimento eu teria me esforçado mais. Hoje eu estaria mais apta a realizar outras atividades, mais interessada, uma pessoa mais movimentada se eu tivesse iniciado lá na educação física, na escola (SECRETÁRIA).

Da mesma forma, forma que os outros segmentos pesquisados, no relato da responsável por estudante da unidade escolar, tivemos a seguinte afirmação:

No início era, vamos dizer, brincadeiras, né? Principalmente em épocas de chuva, a gente brincava muito, era, deixava mais livre, não tinha tanto conteúdo até teórico, né? Eram mais brincadeiras. Depois, no ensino médio, no fundamental, fomos tendo teorias, tipo de vôlei, né? Sobre a história da educação física. E tinha muito, eu me lembro que tinha muitas brincadeiras, eu não sei se seria dito como exercícios, né? Ou era brincadeira, tipo, pular, pular um cavalete, a gente tinha que correr, parar, pular, no outro lado. São coisas que mais me recordo... O professor trazia os conteúdos como um jogo. Na minha época, o que eu me lembro mesmo era isso. Quando chovia, fazíamos exercícios mesmo de, tipo, alongamentos. Que hoje é dito como alongamento... Uma grande diferença que eu vejo é que, naquele tempo, a educação física era como uma matéria curricular. Entendeu? Eu tive meu aprendizado, eu carrego hoje. Mas, muita gente, a educação física era só educação física. Hoje, não. Hoje, eu vejo a educação física, na minha visão, como um jeito de tu aprender para ter uma profissão, para ter cuidados, saúde. Eu tenho essa visão hoje. Naquele tempo, eu não via isso, não... Percebo a educação física mais importante hoje devido, talvez, por eu saber, tocando de novo nesses problemas que as pessoas podem ter e não são compreendidas, eu até poderia fazer, vamos dizer, se eu tivesse essa mobilidade, como eu não tenho, mas para aprofundar nisso, para fazer isso. Eu trabalhei uma época até com crianças no colégio, quando eu fiz o meu estágio de serviço social, foi numa creche. Eu gostava, na época, de fazer com as crianças, “Ah, vamos fazer exercício? Vamos brincar?”. Então, eu inseria isso com eles. Então, eu gosto disso hoje, dentro do meu limite. Então, eu acho muito mais interessante hoje. É vista uma preocupação hoje, não somente na matéria curricular (RESPONSÁVEL 1).

Com isso, após todos estes relatos que caracterizam esta movimentação identitária do componente curricular Educação Física, a partir das experiências dos participantes desta

pesquisa, podemos confirmar a identidade pertencente ao que Morin (2015) chama de sistema aberto. Este faz com que ocorra interação com a realidade ou o meio externo, provocando uma série de consequências, como a incerteza, o acaso, a desordem etc. Sendo assim,

A realidade está, desde então, tanto no elo quanto na distinção entre o sistema aberto e seu meio ambiente. Esse elo é absolutamente crucial seja no plano epistemológico, metodológico, teórico, empírico. Logicamente, o sistema só pode ser compreendido se nele incluímos o meio ambiente, que lhe é ao mesmo tempo íntimo e estranho e o integra sendo ao mesmo tempo exterior a ele. (MORIN, 2015, p. 22).

Por isso, caracterizando a identidade como um sistema aberto, torna possível levar em consideração todas as interações que transitam pelo espaço, formando um ecossistema, superando a ideia de ordem e certeza que caracterizaria a identidade do componente Educação Física na unidade escolar, para uma ótica de auto-eco-organização (o todo está no interior das partes que está no interior do todo!), tornando esta (a identidade) um sistema complexo.

Não poderíamos deixar de lado nesta discussão dos dados, de problematizar a temática do corpo, este elemento atuante durante as práticas corporais realizadas durante as aulas de Educação Física nas escolas e de que forma a sua atuação é também um elemento na constituição/movimentação da identidade do componente curricular.

Principalmente nas entrevistas realizadas, percebe-se que ao abordar o corpo, as lembranças não são positivas, muitas vezes acompanhadas com relatos de tristeza, preconceito, bullying etc., por parte dos colegas de turma e até mesmo dos professores. Percebemos nos seguintes relatos estas afirmações:

Eu lembro o que ele fazia comigo, ele brincava e todo mundo ficava rindo porque eu era muito magricela (PROFESSORA 2).

Até o sexto ano, eu sempre estava doente. Minha mãe sempre fazia vários bilhetes para eu não participar das aulas. Eu era uma aluna que as pessoas já sabiam que eu não gostava, que tinha que correr uma quadra imensa no sol. Eu passava mal, eu sentia falta de ar. Então, os professores me passavam trabalho teóricos, eles respeitavam. (SECRETÁRIA).

Eu tenho distrofia muscular, eu tenho muita fraqueza muscular. Eu não tenho firmeza nos braços. Então, desde aquela época, eu já tinha isso. Era muito de cair. Eu corria, mas eu corria toda, vamos dizer a palavra assim no popular, desengonçada. Eu corria e caía. Na hora de pular, eu não conseguia firmar os braços para pular. No vôlei, a bola batia nos braços. Meus braços já não tinham a firmeza nem de tocar uma bola. Eu sempre tive essa dificuldade. E, como eu te falei, eu era taxada de quê? A mole. Ah, não sabe fazer nada. Tanto da professora quanto dos meus amiguinhos. Ninguém queria eu na turma, no time. Ah, vamos fazer o time, mas ninguém nunca me queria, justificando que eu não sabia jogar. Eu caía muito, sabe? Aí, quando era em exercício de alongamento, eu adorava. Exercícios marcados, né? Eu me lembro que a professora

dizia: Ah, tá, quando é exercício assim, bonzinho, aí tu queres fazer. Viu como você é? Me taxava de nomes pejorativos que hoje estão aqui, né? (RESPONSÁVEL 1).

Sabemos que o corpo se comunica de diversas formas com o mundo e ao mesmo tempo é moldado culturalmente e socialmente de acordo com o contexto em que os sujeitos se inserem, sendo assim

o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação com o mundo é construída: atividades perceptivas, mas também expressão dos sentimentos, cerimoniais dos ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, produção da aparência, jogos sutis da sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com o sofrimento etc. (LE BRETON, 2007, p.7).

Deste corpo inserido dentro de um contexto social (neste caso, as relações vinculadas ao ambiente escolar), nascem ideias e significados que irão caracterizar a sua existência, sejam estas, características, positivas ou negativas ao olhar daqueles que enxergam esta comunicação corporal ou de quem o possui. Desta forma, este corpo “é o eixo da relação com o mundo, lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator” (LE BRETON, 2007, p. 7). Assim, percebe-se que os sujeitos ao “abraçarem” os seus corpos e seus significados, compartilham com o mundo exterior suas vivências, aparências, angústias, gestos, dentre outras formas de comunicação e expressão, assim como foi relatado pelos sujeitos participantes da entrevista, onde mesmo realizada de forma remota (on-line) foi possível perceber o incomodo e desconforto por parte dos entrevistados ao retornarem a esses momentos (principalmente os traumatizantes) enquanto estudantes do componente curricular Educação Física no seu tempo de estudantes na educação básica.

A comunicação deste corpo através da fala é um “verdadeiro gesto e contém seu sentido, assim como o gesto contém o seu. É isso que torna possível a comunicação. Para que eu compreenda as falas do outro, evidentemente é preciso que seu vocabulário e sua sintaxe já sejam conhecidos por mim” (MERLEAU-PONTY, 1999, p.249), tornando esta linguagem, tanto oral, quanto corporal compreensível ao se revelar enquanto sujeito que se comunica com o meio. Percebe-se esta relação quando notamos a expressão das emoções no corpo, sorrisos e a alegria na gestualidade ou postura cansada e tristeza no olhar.

Com isso a linguagem oral, através da fala, constitui um mundo onde a língua e a cultura caminham em conjunto, os sujeitos que interagem entre si desfrutam de diversos significados a partir do ato de falar. Assim, a análise das falas, o qual foi evidenciada através dos relatos dos entrevistados, demonstrou as possibilidades de reconhecer as particularidades e

segredos destes corpos que se expressam. Através dela, foi possível perceber e compreender as situações traumatizantes vivenciadas pelos participantes da pesquisa, quando estes relacionaram suas experiências corporais durante as aulas de Educação Física, pensando em seus corpos. Como também as lembranças positivas, com falas e expressões corporais que aparentavam alegria e empolgação ao retornar estes momentos enquanto estudantes na educação básica.

Desta forma, é importante perceber que o corpo será transformado através da fala e da sua gestualidade, desenvolvendo uma outra forma de comunicação corporal, através do pensamento. Muitos acabam não percebendo que, conforme nos mostra Merleau-Ponty (1999, p.267), “para poder exprimi-lo, em última análise, o corpo precisa tornar-se o pensamento ou a intenção de que ele nos significa”, desta forma se comunica gesticulando, sentindo, pensando e falando.

Modificando o olhar, para um caráter “tecnicista”, de acordo com algumas teorias do movimento humano, como a biomecânica, este corpo irá se comunicar se movimentando pelo espaço por determinado período²⁶. Mas percebe-se que ele é muito mais que apenas este simples conceito baseado nesta relação espaço-temporal. Aqui, cabe uma crítica as formas de expressar os conteúdos da Educação Física a estes corpos que foram tão discriminados durante as aulas nas escolas. Pois estes ensinamentos orientados através apenas de gestos técnicos e esportivos, resultam muitas vezes em significados próprios apenas aos professores e não aos estudantes em sua totalidade, gerando desinteresse, falta de empatia e como nos relatos, preconceitos quanto a não realização a partir do que é “certo” para determinada atividade ou maneiras diferentes de realizá-los.

Kunz (2004, p. 165) diz que a “Educação Física escolar é uma prática que tem grande influência na formação/condicionamento do Sentido/significado do Movimento Humano”, pois ao se movimentar, os sujeitos e seus corpos tem neste espaço pedagógico o único ou raro momento de comunicação corporal com o meio externo, daí a importância deste momento

²⁶ Esta visão tecnicista de se pensar o movimento humano nos mostra uma ideia “simplificadora”, indo numa direção contrária ao que o paradigma da complexidade se propõe para caracterizar os fenômenos. Mesmo assim é necessário entrar no tema de forma “simples” para que os leitores possam perceber a importância da complexidade na superação de conceitos rotineiros e já conhecidos.

chamado Educação Física na escola, que ao “se-movimentar”²⁷, todo o contexto que este sujeito interage e se relaciona, torna-se concreto (cria significados), atuando e se expressando através dos corpos que neste espaço habitam e transitam.

Outro fator importante e que merece ser destacado dentro desta categoria de análise e que esteve presente na coleta de dados, tanto no questionário encaminhados aos participantes, quanto aos que realizaram a entrevista, se dá a importância da Educação Física enquanto componente curricular nas escolas, comparada aos outros componentes presentes nos currículos escolares.

No segmento professores da unidade escolar, a questão de número 1 teve a seguinte pergunta: “Você acha o componente curricular Educação Física importante na escola?” Tivemos como resultados: 23 respostas sendo que destas 95,7% assinalaram que SIM e 4,3% informaram que NÃO. Continuando, a pergunta número 2 foi: “Você acha que a Educação Física tem a mesma importância que outros componentes curriculares, como por exemplo matemática e língua portuguesa?”. Como resposta, 100 % dos participantes responderam que SIM. Já a pergunta 3 diz: “Você acha que a Educação Física participa ativamente no processo de formação crítica dos estudantes?”. Como resposta: 95,7% assinalaram que SIM e 4,3% assinalaram NÃO.

Já no segmento, trabalhadores da unidade escolar, as mesmas três perguntas iniciais foram realizadas aos integrantes deste grupo e todas elas tiveram 100% de indicações na resposta SIM. No segmento pais/ responsáveis pelos estudantes da unidade escolar, com as mesmas perguntas iniciais, tivemos 100% de indicações na resposta SIM nas questões 1 e 3. Já no número 2, tivemos o seguinte resultado: 94,1% assinalaram SIM, enquanto 5,9% indicaram NÃO como resposta.

Comparando a estes dados provenientes do questionário, temos as informações coletadas junto aos participantes da entrevista e, após um breve diálogo com outros temas pertinentes a esta pesquisa, chegamos a questionamentos referentes a importância do componente curricular Educação Física no período em que os participantes eram estudantes; importância comparada a outros componentes da escola; nos dias de hoje percebe a mesma

²⁷ O Movimento Humano consiste em experiências significativas e individuais, onde pelo seu Se-movimentar o indivíduo realiza sempre um contato e um confronto com o mundo material e social, bem como consigo mesmo (KUNZ 2004, p. 165).

importância comparada ao seu tempo de estudante; se os estudantes e familiares demonstram reconhecer a Educação Física enquanto componente formador.

Destaco as seguintes respostas aos questionamentos indicados anteriormente:

Eu acho que todos os componentes curriculares são importantes, cada uma com suas características, mas elas podem se interligar. É porque, assim, eu vejo que a gente fica muito limitado a dar o conteúdo. E se tu trabalhas com projetos interdisciplinares, às vezes o conteúdo de educação física pode ser atrelado ao de ciências, e vice-versa... Os alunos e famílias não dão o valor que merece (a Educação Física). Porque eu acho que é um descaso, assim, eu vejo lá no Cem Liberdade, quando o professor realiza bastante atividades e eu vejo que eles descem para quadra alguns empolgados, alguns obrigados, tem uns que vão se arrastando e as famílias vêm, ah, é só dar a bola, só deixar brincar na quadra, não percebem realmente a importância que a educação física tem. (PROFESSORA 1).

Na época, sim, eu pensava que é, pelo menos essa não reprova, né? Na minha cabeça, né? Não entendia a complexidade e a importância da Educação do Físico, né? Mas na época eu acho que eu não pensava assim. Tanto que nessa fase que eu não gostava de fazer Educação Física, me escondia e não queria fazer, eu acho que foi aí que eu comecei a ver a importância, né? Porque quando foi uma coisa prazerosa, era algo que me dava prazer, que era gostoso fazer, né? Eu acho que foi nesse momento aí que eu comecei a despertar. Não, espera aí, Educação Física não é só um encher de linguiça, não é só mais uma matéria, é uma matéria e a importância dela, né? E hoje eu reconheço isso... Eu penso que aos poucos vem mudando muito, né? Mas eu vejo assim, eu vejo pelo meu filho, né? E a preocupação de saber o conteúdo, de ler sobre o que o professor pediu, e eu penso que há famílias que incentivam isso e percebem essa importância da Educação Física, essa importância do conhecer, né? Que tal conteúdo é trabalhado, mas ainda existem aquelas famílias que é só um brincar de bola, é só uma aula livre, né? Tem famílias que penso que já mudou, que enxergam a importância da disciplina, mas ainda tem famílias que não pensam assim (PROFESSORA 2).

Eu achava que era um estímulo maior também para a questão do estudo. Eu acho que hoje eu valorizo muito mais a educação física porque eu entendo o processo também pedagógico dela, né? É porque quando a gente é estudante, a gente vê mais a questão da diversão, de espairecer a cabeça, de se sentir melhor. Hoje penso mais a questão da seriedade do pedagógico, aquilo que vai auxiliar na coordenação motora, aquilo que vai fazer com que o estudante também tenha uma relação com a prática do conteúdo. Então, a gente tem uma visão mais pedagógica do processo de ensino -aprendizagem também, né? Então, aquele treino de equilíbrio tem um sentido para todo o processo também da escrita, da coordenação motora, né? Então, existe um olhar mais de profissional agora, né? Acho que existe um equilíbrio bem grande quando a gente fala disso, porque eu acho que a gente está numa construção constante da concepção dos pais em relação à disciplina. Eu acho que tem pais que sim, que levam a sério, valorizam e acha que o filho tem que ser incentivado, estimulado, né? Mas eu acredito que tem pais que não têm ainda essa visão da disciplina de educação física. Eu acho que é uma construção constante e um estímulo muito grande ao se falar. (DIRETORA).

Naquela época, não. Mas hoje, sim (sobre a importância). Hoje eu penso que eu teria essa pressão de estudo, esse cansaço que a gente já tem na vida enquanto adulto, né? A gente já precisa de atividade física para conseguir equilibrar os hormônios. Eu imagino na fase de desenvolvimento quanto é importante. Então se eu tivesse essa visão, assim, realmente da qualidade de vida e quanto aquilo vai me trazer benefícios

tantos emocionais, psicológicos e físicos, talvez se eu conseguisse ter esse entendimento eu teria me esforçado mais. Hoje eu estaria mais apta a realizar outras atividades, mais interessada, uma pessoa mais movimentada se eu tivesse iniciado lá na educação física, na escola (SECRETÁRIA).

Achava. Eu achava porque, assim, eu aprendi muita coisa na época. E hoje eu carrego, tipo assim, em termos de saber sobre a teoria de vôlei, basquete, sobre os conhecimentos da história da educação física. Hoje, eu sei muita coisa porque eu aprendi. Então, foi válido, sim... Eu gostava de dançar e dançar para mim até hoje é uma das terapias que o médico até me indica porque esquenta a perna e para de doer, né? Então a dança me fez “gostar” da educação física. Então isto é um dos pontos que me chamam a atenção, do conhecimento que eu tive lá atrás que hoje eu carrego comigo e essa época do gostar, que eu gosto muito hoje de dançar. Então, eu já vinha desde aquele tempo. Então, tinha alguma coisa sempre de bom, né? (RESPONSÁVEL 1).

Interessante analisar estes dados, pois quando comparamos os resultados do questionário encaminhados as famílias, percebemos que grande parte dos participantes reconhecem a importância do componente curricular Educação Física na escola. Porém, quando observamos os relatos das duas professoras, que por sinal atuam nos anos iniciais da instituição e possuem um contato maior com os familiares dos estudantes, comparado aos colegas que atuam nos anos finais, percebeu-se muitos relatos onde a Educação Física deveria ser só “brincar”, “jogar bola” ou “correr”.

Sim! Os pais estão certos! Porém, não completamente. Sabemos que mesmo no ambiente escolar, a criança tem o direito de aprender e de brincar durante o seu processo de aprendizagem. Inclusive, está previsto no Currículo Base da Educação Josefense (2020, p.427), que diz

O brincar/jogar interliga-se à sociedade, representando, muitas vezes, os reflexos da imagem da realidade social em que os atores estão inseridos. As crianças compartilham um espaço infantil, distinto do vivenciado pelos adultos, e que retrata um espaço e um tempo propício para o desenvolvimento da criatividade e vida social, com suas simbologias, imaginação, em que os jogos e as brincadeiras são protagonizados pelas crianças. É preconizado no documento o entendimento das brincadeiras e dos jogos com valores em si mesmos e não como meio para se aprender outros conhecimentos correlatos como ocorre com as brincadeiras para aquecimento, os jogos pré-desportivos para o ensino dos esportes etc.

Aqui, compreendemos a importância do brincar nas aulas de Educação Física interagindo com o processo ensino-aprendizagem. Porém percebe-se a partir dos relatos das professoras, como também da diretora da unidade escolar, que este “brincar” proveniente das percepções dos responsáveis pelos estudantes, carrega consigo uma ideia de que o componente curricular deve ser espaço exclusivo para esta atividade, não tendo necessariamente a

obrigatoriedade de participar do processo formativo e intelectual dos estudantes. Mesmo os dados do questionário constando respostas diferentes ao que foi informado nas entrevistas, sendo este um dos exemplos de principal dificuldade de analisar os dados correlacionando o questionário com a entrevista.

Porém, vale a pena problematizar a partir dos dados coletados, que em diversos momentos, a comunidade escolar como um todo tem um pouco de dificuldade de compreender o real objeto/objetos de estudo da Educação Física enquanto componente curricular obrigatório na educação básica e isto resulta em diferentes olhares e percepções quanto a sua importância e, conseqüentemente, movimentações de sua identidade.

Quando pensamos e problematizamos quais os conteúdos propostos pelo componente curricular, esbarramos diversas vezes na dita “crise de identidade” da Educação Física nas escolas. Creio que ainda, para alguns professores (infelizmente), não está muito claro quais conteúdos devem ser lecionados em cada ciclo de ensino nas escolas. Seja, empiricamente falando, pela formação superior que tiveram ou por gostos pessoais, mas em algumas situações os currículos são deixados de lado.

Quando nos referimos ao objeto de estudo da Educação Física, temos que pensar em quais saberes específicos o professor do componente tem como finalidade ao ministrar aos estudantes. Desta forma, estes saberes devem ser propostos através de “tarefa pedagógica específica, cuja transmissão/tematização e/ou realização seria atribuição deste espaço pedagógico que chamamos de Educação Física” (BRACHT,1996, p.23), mesmo a proposta curricular da rede de São José caminhando para uma abordagem *desenvolvimentista*, hoje em dia estes saberes vêm a partir das vivências do “se-movimentar” e da cultura corporal de movimento.

Sendo assim, é importante compreender que “o objeto da Educação Física está relacionado com a função social a ela atribuído e que define, em largos traços, o tipo de conhecimento buscado na sua fundamentação” (BRACHT, 1996, p. 23), com isso, muitos percebem maior importância em determinadas atividades pois conseguem observar e/ou reconhecê-la através das suas experiências vivenciadas, como por exemplo, o brincar, o “jogar por jogar”, as famosas “aulas livres” e etc.

Observando e analisando os dados e procurando problematizar a partir do que esta categoria de análise se propõe, foi possível perceber fortes elementos culturais presentes na vida

de cada um dos participantes, seja ela durante o seu período de estudante até hoje enquanto pertencentes a comunidade escolar do CEM Liberdade, direcionando suas percepções quanto a Educação Física e principalmente ao seu currículo na escola.

Quando recorremos aos dados coletados via questionário, ao serem questionados quais devem ser os conteúdos da Educação Física na escola, percebe-se fortes elementos culturais presentes em cada segmento, são eles (lembrando que cada participante poderia indicar mais de uma alternativa): Professores – ESPORTES: 87%; JOGOS: 82,6%; BRINCADEIRAS 87%; ABORDAGENS CRÍTICAS: 56,5%; ABORDAGENS TEÓRICAS: 56,6%; FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO: 95,7%. No segmento trabalhador da unidade escolar, temos os seguintes resultados – ESPORTES: 100%; JOGOS: 80%; BRINCADEIRAS: 80%; ABORDAGENS CRÍTICAS: 60%; ABORDAGENS TEÓRICAS: 60%; FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO: 80%. Já no segmento pais/responsáveis pelos estudantes da unidade escolar, os dados são os seguintes: ESPORTES – 82,4%; JOGOS – 52,9%; BRINCADEIRAS 47,1%; ABORDAGENS CRÍTICAS – 23,5%; ABORDAGENS TEÓRICAS – 41,2%; FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO – 76,5%.

Em comparação com estes dados, temos os relatos coletados durante as entrevistas que confirmam, principalmente a “cultura esportiva” da Educação Física no período de vida estudantil por parte dos participantes, o que concorda com esta relação cultural relacionado com as percepções e movimentos identitários do componente curricular. A seguir os relatos que corroboram estas afirmações:

É a bola para os meninos, vôlei para as meninas... de atletismo, prova física, de resistência mesmo. Quantos polichinelos tu aguentas? Quantas flexões? Quantos daquele agacha, levanta, agacha, levanta, agacha, levanta... (PROFESSORA 1).

E a gente saltava e tinha que marcar quem saltava mais longe. Tinha bastante atletismo, eu lembro de bastante brincadeira, eu nunca fui muito fã de bola, mas das brincadeiras e coisas eu lembro bastante das aulas de Educação Física... E aí na escola, na época, isso era o segundo grau, teve um campeonato de dança e isso me encantou, porque eu adorei esse meu contato com a dança, sabe? Onde cada turma fazia um estilo de música e teve uma apresentação na escola e mesmo por ser tímida na época eu adorei, adorei me expressar através da dança. (PROFESSORA 2).

“Eu lembro que na época dos anos iniciais eram atividades mais recreativas, então a gente tinha atividade ao ar livre, aquelas atividades de pique -esconde, pega -no -rabo, coelhinho -sai -da -toca, tinham atividades mais voltadas a recreação. Quando começou de sexto em diante, trabalhava muita questão de modalidade esportiva. Então eu tinha, por exemplo, aulas que a gente trabalhava com jogos, né? Vamos hoje fazer um jogo entre equipes de vôlei, hoje vamos fazer um jogo entre equipes de futsal. Mas tinham vezes que era como se fosse o treino daquele jogo. Hoje a gente vai treinar

passa, ou saque, ou chute a gol. Tinham aulas que era mais treinos e outras mais jogos entre equipes” (DIRETORA).

“Quando eu troquei de escola, lá é obrigatório, porque lá é no contraturno (a aula de Educação Física) e daí são modalidades esportivas. Eu passei por todas as modalidades que tu podes imaginar e eu não consegui ficar mais de um mês em cada uma delas. Saí da escola por causa disso, porque lá era obrigatório fazer aula prática”. (SECRETÁRIA).

“No início era, vamos dizer, brincadeiras, né? Principalmente em épocas de chuva, a gente brincava muito, era, deixava mais livre, não tinha tanto conteúdo até teórico, né? Eram mais brincadeiras. Depois, no ensino médio, no fundamental, a gente vai tendo teorias sobre tipo de vôlei, né? Sobre a história da educação física. E tinha muito, eu me lembro que tinha muitas brincadeiras, eu não sei se seria dito como exercícios, né? Ou era brincadeira, tipo, pular, tinha um cavalete, a gente tinha que correr, parar, pular, no outro lado. São coisas que mais me recordo, assim, né?” (RESPONSÁVEL 1).

É possível perceber através dos depoimentos que a cultura local das escolas onde os participantes frequentaram tinham o esporte escolar como principal conteúdo da Educação Física durante as aulas. Com isso, os participantes trouxeram consigo o esporte como temática principal da Educação Física em todos os ciclos de aprendizagem, deixando de lado elementos importantes no processo de ensino-aprendizagem, como o currículo, planejamento, estrutura das aulas e principalmente a disposição do trato pedagógico²⁸.

Com esta cultura esportiva a partir das experiências vivenciadas por cada segmento participante desta pesquisa, também trouxeram consigo expectativas ou crenças de que este é o tipo de Educação Física esperado para a unidade escolar. Geertz (2008, p. 8) diz que a “cultura é composta de estruturas psicológicas por meio das quais os indivíduos ou grupos de indivíduos guiam seu comportamento”. Desta forma, ao interpretá-la, este processo cultural proveniente dos sujeitos irá consistir no que quer que alguém tenha de acreditar ou saber a fim de agir de uma forma aceita pelo contexto cultural pré-existente.

O problema é, direcionando os olhares para o esporte por si só durante as aulas do componente curricular, estas se tornarão momentos de fragmentação ou instrumentalização das práticas corporais para que os estudantes se apropriem dos gestos técnicos (BORSARIA et al., 1980); aprimorem as capacidades psicomotoras, cognitivas e afetivo-sociais (FREIRE, 1989); alcancem padrões tipificados de comportamento motor (TANI et al., 1988); ou desenvolvam as competências desejadas para a aquisição e manutenção da saúde (GUEDES, 1999).

²⁸ Vamos imaginar um funil. Na parte superior colocamos todos os conteúdos que devem ser ministrados. Para estes passarem desta parte que possui bastante espaço e entrar pelo funil, precisa de dois termos para que isso seja possível, a cultura e concepção pedagógica. Como resultado temos o Trato Pedagógico ou do Conhecimento.

Para muitos destes autores citados anteriormente, a ideia de corpo e mente é pensada de forma fragmentada e simplificadora. Assim, durante as aulas de Educação Física dentro de um contexto escolar, existem um emaranhado de culturas que desta forma (segundo alguns pensamentos tecnicistas citados anteriormente e baseado nos dados apresentados na pesquisa) não podem conviver em conjunto, existindo a cultura corporal, como também a intelectual, espiritual etc.

Embora este conceito de “cultura corporal” esteja sendo utilizado por muitos teóricos da Educação Física e Esportes, parece-me destinado apenas a reforçar uma cultura desenvolvida pela via do movimento humano. É de qualquer forma, um conceito tautológico, uma vez que não pode existir nenhuma atividade culturalmente produzida pelo homem que não seja corporal. O homem como um “ser-do-mundo” é sempre a presença de um corpo fenomenológico, na concepção de Merleau-Ponty (1966). Neste conceito de corpo, o pensar é tão corporal como correr, não podendo então haver distinção como muitos pretendem mostrar, ou seja, que atividade lúdicas como o jogo tenham de pertencer a chamada “cultura corporal” e a leitura tenha de pertencer a “cultura intelectual” (KUNZ, 2001, p.20).

Portanto, se faz necessária a superação desta cultura esportiva que vem permeando as aulas de Educação Física na escola (conforme os relatos e percepções) permitindo aos estudantes que pensem o esporte como possibilidade de “criticá-lo dentro de um determinado contexto sócio-econômico-político-social” (KUNZ, 2001, p. 20), permitindo provocar a compreensão que os esportes tem valores e significados que garantem o direito a sua livre prática.

Neira (2018, p.7) diz que “com aulas focadas nas habilidades motoras, na aprendizagem esportiva ou em noções restritas de saúde e cuidado com o corpo, qualquer diferença percebida é justificada por características congênitas”, e com isso este contexto irá formar o sujeito inábil, que não demonstra afinidade com o conteúdo, descoordenado e incapaz de realizar as atividades propostas, conforme relatado por alguns participantes na entrevista. Estas características, negativas, se fazem presentes quando os discentes não demonstram interesse ou envolvimento com a temática e metodologia apresentada pelo professor, gerando falta de estímulo e desgosto pelo gesto técnico por si só. Este olhar unicamente desportista da Educação Física enquanto componente curricular, irá apenas formar comportamentos motores e padrões físicos, as diferenças são ocultadas e os traços identitários camuflados (DAOLIO, 2010).

Enquanto organização afirmativa de identidades e culturas, esses tipos de currículos e formas de se pensar os conteúdos programáticos da Educação Física, podem resultar em fatores

condicionantes para questões de classe, poder e comparação de desempenho entre os estudantes, gerando submissão daqueles que detêm a habilidade técnica gestual desejada para a atividade a ser realizada.

Ao legitimarem códigos do esporte, modelos de saúde e padrões de movimento herdados dos cânones culturais, constroem subjetividades e instituem identidades e diferenças. As representações que põem em circulação afirmam a feminilidade desejada, a masculinidade adequada, a classe social digna e a etnia aceita, renegando qualquer outra possibilidade (NEIRA, 2018, p.8)

Desta forma, é possível entender que a Educação Física por ser um componente curricular ligado a atividades práticas, é “introduzido nas escolas sem sofrer este processo de didatização, de forma a torná-lo compatível com os objetivos e interesses da educação escolar” (FIGUEIREDO, 2004, p.101) ou da própria cultura pré-existente na instituição de ensino.

Sendo assim, é importante inicialmente compreender historicamente a cultura escolar, pois através destas vivências históricas dentro de um contexto, os participantes desta pesquisa direcionam os seus olhares e percepções para as interações com a Educação Física atualmente dentro na escola. Dominique Julia (2001) nos auxilia a compreender o contexto político, histórico e cultural da comunidade escolar. Por isso, para Julia (2001, p.10) a cultura escolar “não pode ser estudada sem a análise precisa das relações conflituosas ou pacíficas que ela mantém, a cada período de sua história, com o conjunto das culturas que lhe são contemporâneas: cultura religiosa, cultura política ou cultura popular”.

A partir desta citação, enquanto observa-se as fontes de pesquisa (no caso desta dissertação a comunidade escolar) observamos a partir dos dados do questionário e dos depoimentos na entrevista, qual tipo de Educação Física que os participantes vivenciaram²⁹, qual a cultura escolar que estavam inseridos e de que forma estes elementos foram primordiais para a inserção dos seus olhares dentro da cultura escolar atual.

Julia (2001) compreende cultura escolar como um conjunto de normas que irão definir os conhecimentos ensinando condutas a serem estimuladas, práticas que possibilitarão a transmissão de conhecimentos e comportamentos. Além disso, podemos pensar também em todo o emaranhado de culturas que se encontram neste contexto social (chamado escola) e que modifica e é modificado a todo momento durante o cotidiano.

²⁹ Em sua maioria, uma cultura esportiva.

Além disso, refletir a partir de um dos princípios que irão caracterizar o pensamento complexo defendido por Edgar Morin, chamado de recursão organizacional, onde “a sociedade é produzida pelas interações entre os indivíduos, mas a sociedade, uma vez produzida retroage sobre os indivíduos e os produz” (MORIN 2015, p. 74). Com isso a sociedade produz o indivíduo que produz a sociedade. Pensando no contexto escolar, as culturas advindas dos sujeitos (estudantes, professores, servidores e pais) interagem entre si formando uma nova cultura, a cultura escolar, ou modificando a já existente. Com isso, ao acaso de a sociedade deixasse de existir e da mesma forma as suas interações culturais, conhecimento adquirido e uma forma de se comunicar com o mundo, não poderíamos ser chamados de seres humanos. A partir disto

A ideia recursiva é, pois, uma ideia de ruptura com a ideia linear de causa/efeito, de produto/produtor, de estrutura/superestrutura, já que tudo que é produzido volta-se sobre o que o produz num ciclo ele mesmo autoconstrutivo, auto-organizador e autoprodutor (MORIN 2015, p.74).

Essa relação dos sujeitos com um contexto cultural já presente, movimenta o processo de constituição da identidade, seja ela docente ou do componente, nos faz pensá-la e interpretá-la de forma complexa através da teoria sistêmica. Sendo a “associação combinatória de elementos diferentes” (MORIN, 2015, p.19), como realidade físico e biológica que já conhecemos (como o átomo, o universo e os seres vivos) até a convivência dos organismos em sociedade, que possibilitará constituição e movimentação de uma identidade. Com isso, este sistema se torna complexo pois irá oferecer incertezas ao observador externo do contexto e, para quem nele adentrar irá revelar faces e direções que não seguem um roteiro ou uma linha reta de informações, tornando-o um sistema complexo.

É importante perceber, através da descrição cultural de um contexto a ser observado (no caso desta dissertação de mestrado, o contexto escolar) que a cultura presente no local é caracterizada como sendo um sistema fechado. Por isso é relevante compreender que para a “identificação” de um processo de movimentação da identidade, deve-se analisar o contexto operando de acordo com o sistema aberto e sua reversão epistemológica. Assim, “as pessoas que vivem no universo classificatório agem com a percepção de que todo sistema é fechado, a menos que ele seja especificado de outro modo” (MORIN, 2015, p. 23).

É importante pensar este e demais estudos a partir do paradigma da complexidade com a temática da escola, sob os olhares de uma teoria sistêmica “aberta”, pois esta irá interagir com o meio externo, ou com o contexto investigado, provocando incertezas, acasos, desordem

organizacionais, problematizando a ideia de construção identitária da Educação Física ou de qualquer outro componente curricular da escola. Diferentemente aconteceria de forma fechada, onde não seria oportunizado a interação com o ambiente externo, levando em consideração apenas as certezas e ideias já formadas, sendo impossível identificar os objetivos propostos pelo estudo desta forma.

5 CONSIDERAÇÕES TRANSITÓRIAS

Importante tratarmos este espaço não como uma conclusão ou decretar o fim desta pesquisa, e sim um local de transição, de apresentação das ideias e reflexões para que possam surgir novos questionamentos quanto a temática apresentada, nos possibilitando expandir o debate para que novos estudos possam ser realizados em outras unidades escolares, com diferentes comunidades e redes de ensino.

Antes de iniciarmos as considerações transitórias para esta pesquisa de dissertação, como último ponto a ser discutido, é importante afirmar que com base nos dados levantados durante a sua coleta de dados, foi possível identificar como se constituiu a identidade do componente curricular Educação Física no CEM Liberdade e de que forma ela veio se movimentando a partir dos olhares e percepções dos membros da comunidade escolar.

Porém, estes dados representam a realidade local da unidade escolar investigada. Não podemos levar em consideração para caracterizar toda a identidade da Educação Física nas escolas da Rede Municipal de Ensino de São José – SC, para isso necessita-se de continuidade deste estudo, abrangendo outras unidades, pois cada comunidade escolar está inserida dentro de um contexto, com seus sujeitos participantes provenientes de diversas culturas, interagindo com a pré-existente. Mas, foi possível compreender as relações existente a partir das experiências dos sujeitos com a movimentação identitária da Educação Física na escola.

Diante disso, tivemos como perspectiva a responsabilidade de responder o seguinte problema de pesquisa: **Qual percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal do município de São José – SC?** É importante mencionar mais uma vez que esta ideia surgiu a partir da pesquisa guarda-chuva realizada pelo GEPPICE-NEPEF na Rede Municipal de Ensino do município de Florianópolis – SC e com isso percebemos a necessidade de abranger a temática para as redes vizinhas da capital do estado, sendo importante para compreendermos as culturais dos sujeitos interagindo com o seu cotidiano, neste caso dentro da comunidade escolar, sendo este, conforme já demonstrado na análise dos dados, elemento fundamental no processo de identificação e movimentação da identidade do componente curricular Educação Física na unidade escolar investigada.

Durante estes dois anos de construção desta dissertação de mestrado, foram muitos os

momentos de aprendizado e de início da minha formação enquanto pesquisador, tanto com o orientador e professores das demais disciplinas cursadas, quanto com os colegas de curso e participantes da coleta de dados. Porém, algumas dificuldades surgiram e foram, até certo ponto, fortes influências para a superação dos problemas que impactaram no andamento deste estudo. Como por exemplo questões de saúde do pesquisador e em sua família que exigiram total atenção, prejudicando o andamento das leituras e análises. Outro fator importante que merece ser mencionado foi a negativa por parte dos membros do segmento **pais/responsáveis**, para a participação na entrevista semiestruturada. Tivemos apenas uma participação (maravilhosa), sendo necessário um esforço muito grande para analisar os dados coletados via questionário para conseguir identificar as percepções deste grupo investigado dentro da comunidade escolar.

Mesmo diante das dificuldades pessoais e metodológicas deste estudo, nosso processo analítico iniciou ainda na escola com observações informais realizadas pelo pesquisador enquanto professor atuante da unidade e estas foram de total importância para a construção e modificação dos objetivos propostos para este estudo. Em seguida, foi possível a construção de um questionário para identificarmos inicialmente a percepção inicial do componente curricular Educação Física e como ela é elemento chave na interação da construção e movimentação da identidade. Em seguida, para confirmar ou não os dados levantados, foi necessário ouvir membros de cada segmento para que pudessemos aprofundar em questões que surgiram nas respostas ao questionário de cada segmento da comunidade escolar a ser investigado.

“Finalizando” esta pesquisa após estes dois anos, percebemos e confirmamos a importância de pesquisar a escola. Esta que tanto foi discriminada nos últimos anos por governos ultra-conservadores eleitos com base em mentiras, as chamadas Fake News, culpando este espaço pelos diversos problemas sociais presentes na sociedade. Porém, principalmente dentro da educação pública, percebemos na prática a falta de investimentos neste espaço, de assistencialismo com os estudantes e familiares carentes e por falta de estrutura e condições de trabalho (o que ficou evidente durante o período entre os anos de 2019 a 2022). Esperamos que com esta pesquisa, novas outras aconteçam dentro do ambiente escolar, pois são muitas as relações que lá acontecem e que podem explicar conceitualmente, sociologicamente e ideologicamente a nossa sociedade. Um viva a educação pública de qualidade!

O processo de construção das ideias e teorias para este estudo foi de um significativo

aprendizado, sendo importante para aumentar e problematizar os horizontes e significados de percepção, identidade e cultura, dentro do ambiente escolar. É importante mencionar que foi um processo bastante desafiador e complexo problematizar os dados coletados com os teóricos que buscamos para confirmar a nossa teoria referente ao objeto de pesquisa, pois foram informações advindas de sujeitos provenientes dos mais diferentes locais do país, culturas diversas e opiniões próprias que circulam e interagem dentro do contexto escolar investigado.

A construção desta pesquisa foi de total importância para a formação acadêmica do pesquisador e para a atuação profissional enquanto professor de Educação Física da Rede Municipal de Ensino de São José – SC. Destaco principalmente a construção e percepção de olhar mais aprofundado quanto as relações e culturas que formam os sujeitos dentro da unidade escolar. Creio que, terminando o processo de mestrado em Educação, saio dele como um professor mais atento aos sinais e informações que os corpos dos componentes da comunidade escolar passam em forma de comunicação e interação com o componente curricular e com o cotidiano escolar como um todo.

Nesta pesquisa, tomamos como pressuposto teórico principal o paradigma da complexidade de Edgar Morin pois acreditamos que com ele podemos identificar através de ações, interações, relações, acasos e desordens, todo um emaranhado de informações que irão constituir um determinando fenômeno enquanto objeto de estudo. Mas, utilizamos outros teóricos para tratar de temáticas específicas que surgiram no decorrer dos dados levantados via questionário e relatos de entrevista, e que mesmo assim, foi possível debater com a complexidade humana. Por isso também a escolha pela etnografia como processo metodológico para este estudo, pois com ele foi possível identificar e descrever culturalmente o fenômeno/realidade a ser investigado. Com isso trouxemos para este debate a autora Marli André com a sua obra “Etnografia da Prática Escolar.”.

Durante a análise dos dados, principalmente no relato das entrevistas, foi possível perceber elementos em comum em todos eles através de suas falas. Porém, os sujeitos da pesquisa e o seu objeto formam uma relação complexa. Morin (2015) nos diz que o sujeito irá emergir a partir da sua auto-organização, onde através da sua tomada de consciência irão aparecer os “sistemas dotados de uma capacidade tão alta de auto-organização que produzam uma misteriosa qualidade chamada consciência de si” (MORIN, 2015, p. 38). Esta relação vai nos explicar que mesmo possuindo opiniões em comum, os participantes desta pesquisa

possibilitaram diferentes imagens e formas de tratar as temáticas relacionadas a pesquisa e que foram de grande importância para a busca das respostas ao problema em questão. Assim, confirmamos o que Morin (2015, p.39) diz que “o sujeito é ou o ruído, isto é, a perturbação, a deformação, o erro que se deve eliminar a fim de atingir o conhecimento objetivo, ou o espelho, simples reflexo do universo”.

Trazendo, exclusivamente os dados levantados a partir dos relatos durante as entrevistas, percebemos, no segmento professores, duas experiências históricas totalmente diferentes, mas que moldaram e construíram olhares significativos e positivos para a percepção atual da Educação Física na unidade escolar. A professora 1, trouxe elementos que mesmo hoje não concordando didaticamente durante o seu tempo de aluna, demonstrou experiências positivas das suas aulas durante aluna. Enquanto a professora 2 não conseguiu trazer tantos elementos positivos do seu período de estudante e participante do componente, porém marcas negativas foram mais enfatizadas e que visualmente provocaram um pouco de “desconforto corporal” ao serem lembradas. Mas ambas concordam a Educação Física é extremamente importante para o processo de formação física, crítica e intelectual dos discentes do CEM Liberdade.

Quando analisamos o segmento trabalhadores da unidade escolar, percebemos situações bem diferentes nos relatos do período de estudante dos participantes. Enquanto a diretora escolar demonstrou ser extremamente participante das aulas na escola que frequentou, mesmo que por um período pensar o componente como uma possibilidade de desocupar a mente com os conteúdos e atividades de outras disciplinas, a secretária escolar nos trouxe apenas o desgosto pelo movimento humano e que carrega consigo até os dias de hoje. Porém, ambas reconhecem a importância pedagógica do componente curricular, o que parece ser bem diferente da forma como tratavam enquanto alunas.

Já a única representante do segmento pais/responsáveis pelos estudantes da comunidade escolar que se propôs a participar da entrevista, trouxe consigo diversos elementos, muitos deles negativos da sua experiência com a Educação Física na escola, o que depois ficou claro devido a um problema de saúde que possui e lhe impedia de realizar certos movimentos. Percebe hoje a importância do componente curricular e tenta repassá-la ao filho para que ele adquira gosto pela atividade física dentro e fora da escola.

Em comum entre todos percebemos a identidade da Educação Física voltada para um

olhar esportivo. Foi comum, por exemplo, ouvirmos termos como “hoje vamos treinar este esporte”. Muitas vezes, não só confrontando os dados levantados na pesquisa, mas também em observações e situações vivenciadas na escola, dados empíricos como: “Nossa, no meu tempo não tinha isso na Educação Física, era só esporte mesmo, seria bem mais legal se fosse como hoje”. Porém, ainda existem aqueles que acreditam que de fato esporte ou o simples brincar devem ser os únicos conteúdos da Educação Física na escola. Por isso, tratamos neste estudo a “movimentação da identidade”, pois os seus diferentes olhares e formas de tratar, perceber e expressar, constituem este processo de identificação da identidade ou identidades.

Por fim, destaco que as experiências prévias dos sujeitos pertencentes a comunidade escolar interage com o contexto atual, dialogando e formando novos olhares e percepções sobre as temáticas relacionadas a escola como um todo, em todos os seus componentes. Assim, especificamente na Educação Física, as experiências sócio corporais realizadas enquanto estudantes da educação básica, foram elementos chave para a construção de um debate referente a sua identidade. Percebe-se também que não foi possível identificar elementos de “contemplação” de conteúdos da Educação Física, onde pouco foram as experiências positivas e que os participantes irão carregar consigo ao longo dos anos.

Assim, é muito importante aos professores do componente Educação Física dos dias de hoje que formem o seu estudante por inteiro, possibilitem criar, fantasiar, vivenciar, criticar para que assim possam contemplar e possibilitar a utilização do seu aprendizado durante suas vidas. Educar é um ato de amor, mas também um gesto político.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGUIRRE BAZTÁN, A. **Etnografia**. In: AGUIRRE BAZTÁN, A (Ed). Etnografia: metodologia cualitativa en la investigación social. Barcelona: Marcombo, 1995. P.3-19.
- ANDRÉ, M. **A etnografia da prática escolar**. Campinas: Papirus, 2012.
- ANTONACCI, M.A. **Artes da memória de povos em diáspora: História e pedagogia em “condições de enunciação”**. In: Fronteiras: Revista de História. Dourados – MS, v.18, n.31, p.244 – 256, Jan/Jun de 2016.
- BAUMAN, Z. **Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi**; Tradução: Carlos Alberto Medeiros. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2021.
- BORSARI, J, et al. **Educação Física: da pré-escola à universidade – planejamento, programas e conteúdos**. São Paulo: EPU, 1980.
- BRACHT, V. **Mas, afinal, o que estamos perguntando com a pergunta “o que é Educação Física?”**. In: Revista Movimento, Porto Alegre, ano II, nº 2, junho de 1995.
- BRACHT, V. **EF no primeiro grau: conhecimento e especificidade**. In: Revista Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 2, p. 23-28, 1996.
- BRACHT, V. **A constituição das teorias pedagógicas da Educação Física**. In: Caderno Cedes, ano XIX, nº 48, agosto de 1999.
- BRACHT, V; FARIA, B.A. **Cultura escolar, reconhecimento e Educação Física**. In: Revista Brasileira de Ciências do Esporte. Florianópolis, v. 36, n. 2, supl., p. S310-S323, abr./jun. 2014.
- BRASIL. [BNCC (2017)] **Base Nacional Comum Curricular 2017**. Brasília, DF: Ministério da Educação e Cultura, 2017.
- BURKE, P. **História e teoria social**; tradução: Klaus Brandini Gerhardt, Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia de Ensino de Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.
- CURRÍCULO BASE DA EDUCAÇÃO JOSEFENSE. São José – SC: 2020.
- DAOLIO, J. **A Educação Física escolar como prática cultural: tensões e riscos**. In: DAOLIO, J. (Coord.). **Educação Física escolar: olhares a partir da cultura**. Campinas: Autores Associados, 2010, p. 05-18.
- DUBAR, C. **A socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DUBET, F. **Sociologia da experiência**. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

DUBET, F. **Injustiças: a experiência das desigualdades no trabalho**; tradução: Ione Ribeiro Valle e Nilton Valle. Florianópolis: Editora UFSC, 2014.

FARIAS, V. **São José: 250 anos. Natureza, história, cultura**. São José: Ed. Do autor, p 228, 1999.

FIGUEIREDO, Z. C.C. **Experiências sociais no processo de formação docente em Educação Física**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte -MG. 2004.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1995.

FOUCAULT, M. **O corpo utópico, as heterotopias**. Prefácio de Daniel Defert. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

FREIRE, J.B. **Educação de corpo inteiro**. São Paulo: Scipione, 1989.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. 1ªed. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: Como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais**. 12ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.

GOETZ, J.O.; LECOMPTE, M. **Etnografía y diseño cualitativo en investigación educativa**. Madrid: Morata, 1988. [edición original en inglés, Academic Press, 1984.]

GUEDES, D.P. **Educação para a saúde mediante programas de educação física escolar**. Motriz, Rio Claro, v. 5, n.1, p. 10-14, 1999.

HALL, S. **Que ‘negro’ é esse na cultura negra?** (1992). In: HALL, S. *Da Diáspora*. Belo Horizonte; Brasília: Ed. UFMG; UNESCO, 2003, p. 335-349.

HAMMERSKEY, M.; ATKINSON, P. **Etnografía: métodos de investigación**. Barcelona: Paidós, 1994.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm acesso em 10/04/2023.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.793.htm#art1 acesso em 10/04/2023.

HARGREAVES, A. **Changing teachers, Changing times. Teachers' work and cultures in the postmodern age**. Toronto: The Ontario Institute for Studies in Education, 1994.

HERNANDEZ DIAZ, J.M. **Etnografía e historia material de la escuela**. In: La Memoria y el Deseo: Cultura de la escuela y educación deseada. Coords. Agustín Escolano Benito e José María Hernández Diaz. Valência (Espanha): Tirant lo Blanc, 2002.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Tradução: Luiz Repa. São Paulo: Ed.34, 2003.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira da História da Educação. Nº1 Jan/Jul 2001.

KUNZ, E. **Transformação didático-pedagógico do Esporte**. 6.ed. Unijuí, 2001.

KUNZ, E. **Educação Física: Ensino e Mudança**. 3. ed. Ijuí, Unijuí, 2004.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução: Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda; Belo Horizonte: UFMG, 1999.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução: Sonia M. S. Fuhrmann. 2ªed – Petrópolis: Vozes, 2007.

LÜDKE, M; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: EPU, 1986.

MACEDO, R. S. **Etnopesquisa Crítica Etnopesquisa-Formação**. 2. ed. Brasília: Liber Livro, 2010.

MERLEAU-PONTY, M. **Le primat de la perception et ses conséquences philosophiques**. Lagrasse: Verier, 1998.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. 2a Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo/Rio de Janeiro: HURCITEC/ABRASCO, 1992.

MOLINA , R.M.K. **O enfoque teórico metodológico qualitativo e o estudo de caso: uma reflexão introdutória**. In: A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. Org. Augusto Nivaldo Silva Triviños e Vicente Molina Neto. 2. Ed . Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2004

MOLINA NETO, V. **Cultura docente: Uma aproximação conceitual para entender o que fazem os professores nas escolas**. In: Revista Perfil, ano II, nº2, 1998.

MOLINA NETO, V. **Etnografia: uma opção metodológica para alguns problemas de investigação no âmbito da Educação Física**. In: A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. Org. Augusto Nivaldo Silva Triviños e Vicente Molina Neto. 3. Ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2010.

MORIN, E. **Ciência com consciencia**. 8 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

- MORIN, E. **O Método 1: A natureza da natureza**. 2ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.
- MORIN, E. **O Método 4: As ideias, habitat, vida, costumes, organização**; tradução Juremir Machado da Silva. 6 ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- MORIN, E. **O Método 5: A humanidade da humanidade**; tradução Juremir Machado da Silva. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2012.
- MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. 5 ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.
- NEGRINE, A. **Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa**. In: A pesquisa qualitativa na Educação Física: alternativas metodológicas. Org. Augusto Nivaldo Silva Triviños e Vicente Molina Neto. 2. Ed . Porto Alegre: Editora da UFRGS/Sulina, 2010.
- NEIRA, M. **O currículo cultural da Educação Física: Pressupostos, princípios e orientações didáticas**. In: Revista e-Curriculum. São Paulo, v.16, n.1, p. 4 – 28, jan/mar 2018.
- NICOLESCU, B. **O manifesto da transdisciplinaridade**. Tradução: Lucia Pereira de Souza. São Paulo: TRIOM, 1999.
- OLIVEIRA, V.M. **O que é Educação Física**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- PÉREZ GOMEZ, A.I. **A cultura escolar na sociedade neoliberal**; tradução: Ernani Rosa. Porto Alegre: ARTMED, 2001.
- PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO. São José, 2015.
- PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO. **“Centro Educacional Liberdade”**. São José: 2022.
- SACRISTAN, J.G. **O currículo: Uma reflexão sobre a prática**. 3ªed. Porto Alegre: Artmed, 2000.
- SANTOS, L.M.E. **Educação Física: Perspectivas teórico-metodológicas para a educação emancipatória na primeira infância**. Dissertação (mestrado em Educação Física) Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis - SC. 2008.
- TANI, G. et al. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista**. São Paulo: EPU/EDUSP, 1988.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Bases teórico-metodológicas da pesquisa qualitativa nas Ciências Sociais – Idéias gerais para a elaboração de um projeto de pesquisa**. Porto Alegre: Ritter dos Reis, 2001.

ANEXOS

ANEXO A – ROTEIRO DA ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE****PROJETO DE PESQUISA: A percepção comunidade escolar sobre a prática educativa da Educação Física: Um estudo do tipo etnográfico em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José – SC.**

De acordo com Minayo (2006, p. 191) o roteiro para a entrevista semiestruturada “deve desdobrar os vários indicadores considerados essenciais e suficientes em tópicos que contemplem a abrangência das informações esperadas.” Estes tópicos serão lembretes para que sirvam de orientação e guia para o desenvolvimento do diálogo, construído de forma a permitir a flexibilidade nas conversas e a permitir a elaboração de novos temas e questões trazidas pelos entrevistados/as. Neste sentido, o roteiro que irá compor a entrevista semiestruturada, contará inicialmente com as seguintes questões:

1. Identificação:

a) Nome (lembrando que os entrevistados não terão seus nomes verdadeiros expostos na pesquisa):

b) Segmento (pais/responsáveis, professores, trabalhadores da escola):

c) Responsável pelo aluno (caso seja do segmento pais e responsáveis):

d) Função na escola (caso seja do segmento professores e trabalhadores da unidade escolar):

De acordo com os objetivos propostos por este estudo, a entrevista terá como temática os seguintes eixos a seguir:

Você acha que o componente curricular Educação Física é importante na escola? Por quê)

Você acha que o componente curricular Educação Física tem a mesma importância que os demais componentes curriculares na escola? Sim ou Não? Justifique a sua resposta.

No seu tempo de estudante participava ativamente das aulas de Educação Física? De quais conteúdos deste componente você mais gostava de participar? Justifique a sua resposta.

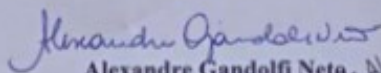
Quais os conteúdos você acha que o componente curricular Educação Física deveria ensinar aos alunos? Por que da sua escolha por esses conteúdos? Você gostaria, enquanto estudante, de ter aprendido sobre eles? Justifique a sua escolha.

ANEXO B – TERMO DE AUTORIZAÇÃO A PESQUISA NA RME

DECLARAÇÃO

Declaro para os devidos fins e efeitos legais que tenho conhecimento da pesquisa intitulada "O OLHAR DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE A PRÁTICA EDUCATIVA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DO TIPO ETNOGRÁFICO EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ - SC", sob a responsabilidade do mestrando GUILHERME DUTRA ANTUNES e coordenado pelo Professor Dr. VICTOR JULIERME SANTOS DA CONCEIÇÃO. Diante da análise da proposta de pesquisa, realizada por esta direção de ensino autorizo a sua execução. Esta autorização não exime, contudo, a responsabilidade do pesquisador em atender à Resolução CNS 466/12, de 12/12/2012, e à Resolução CNS 510/16, de 07/04/2016 e complementares.

São José, 27 de janeiro de 2023



Alexandre Gandolfi Neto
Diretor de Ensino
Prefeitura Municipal de São José

Dr. Alexandre Gandolfi Neto
Diretor de Ensino
Matrícula 428800-5
SME-PMSJ

ANEXO C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – SEGMENTO
PROFESSORES

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA- UFSC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física - NEPEF
Grupo de Estudo e Pesquisa em Práticas Educativas, Identidade Docente e Cultura
Escolar - GEPPICE
CONVITE

Estamos realizando um estudo para construção de uma pesquisa intitulada: “**A percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa da Educação Física: Um estudo do tipo etnográfico em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José – SC.**” Desta maneira, convidamos a leitura deste documento para que você possa ficar ciente do que se trata a pesquisa, bem como sanar eventuais dúvidas antes de consentir, a participação voluntária neste estudo, que ocorre mediante assinatura ou resposta ao e-mail no qual este termo foi-lhe enviado.

Para preservar todos os aspectos éticos desta pesquisa, o projeto foi encaminhado para o CEPESH-UFSC, que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos/as participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (conforme Resolução N^o 510/2016).

Você receberá uma via deste Termo para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

Objetivos do Estudo:

OBJETIVO GERAL.

Analisar o olhar da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal do município de São José – SC.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

- Compreender como é formada a comunidade escolar da escola investigada;
- Analisar os diferentes olhares da comunidade escolar sobre a Educação Física na instituição;
- Analisar de que forma os diferentes olhares sobre a Educação Física atuam na construção das identidades desta disciplina;
- Compreender como a cultura escolar da instituição movimenta o processo identitário da disciplina de Educação Física

Procedimentos:

Para coleta de dados serão utilizadas as seguintes estratégias metodológicas: observações de algumas aulas de Educação Física, entrevistas com os membros dos grupos selecionados, questionários encaminhados a cada um dos grupos e diálogos informais. As observações não tem objetivo de avaliar as aulas, bem como a sua metodologia e didática e sim buscar as primeiras impressões da forma que os alunos e demais participantes do contexto escolar lidam com a Educação Física na escola

A partir da análise dos grupos a serem pesquisados, foi levado em consideração os seguintes critérios para a participação na pesquisa: trabalhadores, professores efetivos e de caráter temporário da escola e familiares com filhos de diferentes idades que são alunos unidade escolar. Inicialmente os participantes de cada segmento deverão responder a um questionário,

com perguntas relacionadas as aulas de Educação Física na escola, bem como a opinião pessoal de cada participante. Sendo este instrumento de coleta de dados composto de perguntas abertas e fechadas, buscando investigar percepções, representações e opiniões sobre experiências, conceitos ou acontecimentos de um número expressivo de participantes. Como forma de redução de custos por parte do pesquisador, será utilizado a plataforma virtual Google Formulários para o envio do questionário aos endereços eletrônicos de cada participante. Tempo previsto de duração para a resolução do questionário é de 30 minutos.

Para a realização da entrevista, será agendada previamente e necessitará ser gravada (gravador de voz ou de vídeo caso seja realizada pela plataforma Google Meet), com uma duração máxima de 1 hora. Esta entrevista tem como objetivo aprofundar as informações coletadas no questionário, buscando avanço no processo de compreensão sobre a disciplina de Educação Física e responder os objetivos da investigação. Este momento terá como tema a Educação Física, suas aulas bem como percepções pessoais de cada participante quando foi aluno bem como hoje enquanto responsáveis legais por estudantes da unidade escolar.

Quando não for possível a entrevista presencial, a mesma será agendada de forma remota, via plataforma Google Meet. Após a transcrição das entrevistas pelo pesquisador, elas serão devolvidas aos/as entrevistados/as para validar seu conteúdo

3) Riscos e Benefícios do Estudo:

PRIMEIRO: Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados, considerando todas as possibilidades de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente (Resolução 510/2016 art.2º item XXV). Entendemos que ao responder a entrevista e ao observar sua rotina escolar, pode ocorrer algum constrangimento e/ou mobilizar alguns sentimentos e emoções nem sempre agradáveis nos/as participantes. Ainda assim, todo o objetivo de cada instrumento de coleta de dados será apresentado previamente para que possa ser compreendido o processo da coleta de dados. Vale lembrar que manteremos o anonimato (os nomes dos participantes bem como da unidade escolar não será revelado) para evitar todo e qualquer constrangimento no processo analítico e no alcance acadêmico que a pesquisa terá. No entanto, mesmo que de forma não intencional, caso isso aconteça, poderá causar algum constrangimento individual, aja vista que a escola poderá ser reconhecida pela comunidade acadêmica.

SEGUNDO: Será encaminhada ao entrevistado uma via da entrevista para a sua validação, que se constitui na leitura e modificações ou não das informações, conforme seu critério, antes do texto ser transformado em fonte da pesquisa.

TERCEIRO: Conforme Resolução Nº 510/2016, todo e qualquer dano causado pela pesquisa ao/a participante será de responsabilidade da pesquisadora e da instituição proponente. Neste caso, ao entender a existência de algum risco ao/a participante, a pesquisa será encerrada.

QUARTO: Os/as participantes da pesquisa serão acompanhados/as durante todo o período da investigação, em caso de necessidade, sendo comprovado que o motivo foi por conta do processo de coleta de dados, e os/as participantes terão total assistência da pesquisadora, sejam elas materiais ou financeiras.

QUINTO: A participação não é obrigatória e, a qualquer momento, podendo desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos de sua participação, porém, se houver desconforto com as perguntas, dificuldade ou desinteresse, poderá interromper a participação e, se houver interesse, poderá conversar com o pesquisador sobre o assunto.

4) Confidencialidade:

Os dados serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Conforme Resolução N^o 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que você poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

5) Voluntariedade:

A recusa dos/as participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

6) Garantia de ressarcimento:

De acordo com o Art. 2^o, Art. 9^o e Art. 16^o da Resolução N^o 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantimos o ressarcimento das possíveis despesas e danos aos/as participantes, em decorrência dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Contudo, esclarecemos que a participação é voluntária e não haverá retribuição financeira ao aceitar participar desta investigação.

Contatos e Questões:

a) Pesquisador:

Guilherme Dutra Antunes - (48) 98426-2383

Email: profguilhermeantunes@gmail.com

b) Orientador:

Professor Dr. Victor Julierme Santos da Conceição - (48) 999249600

Email: victorjulierme@gmail.com

Campus Reitor João David Ferreira Lima - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

CEP: 88040-900

c) Endereço do Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da UFSC

(CEPSH/UFSC:

Universidade Federal de Santa Catarina/Pró-Reitoria de Pesquisa/Prédio Reitoria II

R: Desembargador Vitor Lima, nº 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC

CEP 88.040-400 - Contato: (48) 3721-6094

cep.propesq@contato.ufsc.br

Concordo em participar da pesquisa

Nome do/a professor(a) participante:

E-mail:

(Assinatura do/a PROF. PARTICIPANTE) - Data: ____ / ____ / ____.

Responsabilidade do pesquisador: Asseguro ter cumprido as exigências da Resolução N^o 510/2016 e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao/à participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEPSH/UFSC perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo/a participante.

Nome dos pesquisadores: Guilherme Dutra Antunes e Victor Julierme Santos da Conceição

Professor Mestrando Guilherme Dutra Antunes
(Pesquisador) Data: ____ / ____ / ____

Professor Doutor Victor Julierme Santos da Conceição
(ORIENTADOR DA PESQUISA) Data: ____ / ____ / ____

ANEXO D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – SEGMENTO
SERVIDORES DA UNIDADE ESCOLAR

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA- UFSC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE
Núcleo de Estudos Pedagógicos em Educação Física - NEPEF
Grupo de Estudo e Pesquisa em Práticas Educativas, Identidade Docente e Cultura
Escolar - GEPPICE
CONVITE

Estamos realizando um estudo para construção de uma pesquisa intitulada: “**A percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa da Educação Física: Um estudo do tipo etnográfico em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José – SC.**” Desta maneira, convidamos a leitura deste documento para que você possa ficar ciente do que se trata a pesquisa, bem como sanar eventuais dúvidas antes de consentir a participação voluntária neste estudo, que ocorre mediante assinatura ou resposta ao e-mail no qual este termo foi-lhe enviado.

Para preservar todos os aspectos éticos desta pesquisa, o projeto foi encaminhado para o CEPESH-UFSC, que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos/as participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (conforme Resolução Nº 510/2016).

Você receberá uma via deste Termo para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

Objetivos do Estudo:

OBJETIVO GERAL.

Analisar o olhar da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal do município de São José – SC.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

- Compreender como é formada a comunidade escolar da escola investigada;
- Analisar os diferentes olhares da comunidade escolar sobre a Educação Física na instituição;
- Analisar de que forma os diferentes olhares sobre a Educação Física atuam na construção das identidades desta disciplina;
- Compreender como a cultura escolar da instituição movimenta o processo identitário da disciplina de Educação Física

2) Procedimentos:

Para coleta de dados serão utilizadas as seguintes estratégias metodológicas: observações de algumas aulas de Educação Física, entrevistas com os membros dos grupos selecionados, questionários encaminhados a cada um dos grupos e diálogos informais. As observações não tem objetivo de avaliar as aulas, bem como a sua metodologia e didática e sim buscar as primeiras impressões da forma que os alunos e demais participantes do contexto escolar lidam com a Educação Física na escola.

A partir da análise dos grupos a serem pesquisados, foi levado em consideração os seguintes critérios para a participação na pesquisa: trabalhadores, professores efetivos e de caráter temporário da escola e familiares com filhos de diferentes idades que são alunos unidade escolar. Inicialmente os participantes de cada segmento deverão responder a um questionário,

com perguntas relacionadas as aulas de Educação Física na escola, bem como a opinião pessoal de cada participante. Sendo este instrumento de coleta de dados composto de perguntas abertas e fechadas, buscando investigar percepções, representações e opiniões sobre experiências, conceitos ou acontecimentos de um número expressivo de participantes. Como forma de redução de custos por parte do pesquisador, será utilizado a plataforma virtual Google Formulários para o envio do questionário aos endereços eletrônicos de cada participante. Tempo previsto de duração para a resolução do questionário é de 30 minutos.

Para a realização da entrevista, será agendada previamente e necessitará ser gravada (gravador de voz ou de vídeo caso seja realizada pela plataforma Google Meet), com uma duração máxima de 1 hora. Esta entrevista tem como objetivo aprofundar as informações coletadas no questionário, buscando avanço no processo de compreensão sobre a disciplina de Educação Física e responder os objetivos da investigação. Este momento terá como tema a Educação Física, suas aulas bem como percepções pessoais de cada participante quando foi aluno bem como hoje enquanto responsáveis legais por estudantes da unidade escolar.

Quando não for possível a entrevista presencial, a mesma será agendada de forma remota, via plataforma Google Meet. Após a transcrição das entrevistas pelo pesquisador, elas serão devolvidas aos/as entrevistados/as para validar seu conteúdo.

3) Riscos e Benefícios do Estudo:

PRIMEIRO: Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados, considerando todas as possibilidades de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente (Resolução 510/2016 art.2º item XXV). Entendemos que ao responder a entrevista e ao observar sua rotina escolar, pode ocorrer algum constrangimento e/ou mobilizar alguns sentimentos e emoções nem sempre agradáveis nos/as participantes. Ainda assim, todo o objetivo de cada instrumento de coleta de dados será apresentado previamente para que possa ser compreendido o processo da coleta de dados. Vale lembrar que manteremos o anonimato (os nomes dos participantes bem como da unidade escolar não será revelado) para evitar todo e qualquer constrangimento no processo analítico e no alcance acadêmico que a pesquisa terá. No entanto, mesmo que de forma não intencional, caso isso aconteça, poderá causar algum constrangimento individual, aja vista que a escola poderá ser reconhecida pela comunidade acadêmica.

SEGUNDO: Será encaminhada ao entrevistado uma via da entrevista para a sua validação, que se constitui na leitura e modificações ou não das informações, conforme seu critério, antes do texto ser transformado em fonte da pesquisa.

TERCEIRO: Conforme Resolução Nº 510/2016, todo e qualquer dano causado pela pesquisa ao/a participante será de responsabilidade da pesquisadora e da instituição proponente. Neste caso, ao entender a existência de algum risco ao/a participante, a pesquisa será encerrada.

QUARTO: Os/as participantes da pesquisa serão acompanhados/as durante todo o período da investigação, em caso de necessidade, sendo comprovado que o motivo foi por conta do processo de coleta de dados, e os/as participantes terão total assistência da pesquisadora, sejam elas materiais ou financeiras.

QUINTO: A participação não é obrigatória e, a qualquer momento, podendo desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos de sua participação, porém, se houver desconforto com as perguntas, dificuldade ou desinteresse, poderá interromper a participação e, se houver interesse, poderá conversar com o pesquisador sobre o assunto.

4) Confidencialidade:

Os dados serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Conforme Resolução N^o 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que você poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

5) Voluntariedade:

A recusa dos/as participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

6) Garantia de ressarcimento:

De acordo com o Art. 2^o, Art. 9^o e Art. 16^o da Resolução N^o 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantimos o ressarcimento das possíveis despesas e danos aos/as participantes, em decorrência dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Contudo, esclarecemos que a participação é voluntária e não haverá retribuição financeira ao aceitar participar desta investigação.

Contatos e Questões:

a) Pesquisador:

Guilherme Dutra Antunes - (48) 98426-2383

Email: profguilhermeantunes@gmail.com

b) Orientador:

Professor Dr. Victor Julierme Santos da Conceição - (48) 999249600

Email: victorjulierme@gmail.com

Campus Reitor João David Ferreira Lima - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

CEP: 88040-900

c) Endereço do Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da UFSC (CEPSH/UFSC):

Universidade Federal de Santa Catarina/Pró-Reitoria de Pesquisa/Prédio Reitoria II

R: Desembargador Vitor Lima, n^o 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC

CEP 88.040-400 - Contato: (48) 3721-6094

cep.propesq@contato.ufsc.br

Concordo em participar da pesquisa

Nome	do/a	trabalhor(a)	da	unidade
escolar: _____				
E-mail: _____				

(Assinatura do/a PROF. PARTICIPANTE) - Data: ____/____/____.

Responsabilidade do pesquisador: Asseguro ter cumprido as exigências da Resolução N^o 510/2016 e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao/à participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEPSH/UFSC perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo/a participante.

Nome dos pesquisadores: Guilherme Dutra Antunes e Victor Julierme Santos da Conceição

Professor Mestrando Guilherme Dutra Antunes

(Pesquisador) Data: ____ / ____ / ____

Professor Doutor Victor Julierme Santos da Conceição

(ORIENTADOR DA PESQUISA) Data: ____ / ____ / ____

ANEXO E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO – SEGMENTO
FAMILIAIRES/RESPONSÁVEIS LEGAIS PELOS ESTUDANTES DA UNIDADE
ESCOLAR

CONVITE

Estamos realizando um estudo para construção de uma pesquisa intitulada: “**A percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa da Educação Física: Um estudo do tipo etnográfico em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José – SC.**” Desta maneira, convidamos a leitura deste documento para que você possa ficar ciente do que se trata a pesquisa, bem como sanar eventuais dúvidas antes de consentir a participação voluntária neste estudo, que ocorre mediante assinatura ou resposta ao e-mail no qual este termo foi-lhe enviado.

Para preservar todos os aspectos éticos desta pesquisa, o projeto foi encaminhado para o CEPESH-UFSC, que é um órgão colegiado interdisciplinar, deliberativo, consultivo e educativo, vinculado à Universidade Federal de Santa Catarina, mas independente na tomada de decisões, criado para defender os interesses dos/as participantes da pesquisa em sua integridade e dignidade e para contribuir no desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos (conforme Resolução Nº 510/2016).

Você receberá uma via deste Termo para que possa questionar eventuais dúvidas que venham a surgir, a qualquer momento, se assim o desejar.

Objetivos do Estudo:

OBJETIVO GERAL.

Analisar o olhar da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal do município de São José – SC.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS.

- Compreender como é formada a comunidade escolar da escola investigada;
- Analisar os diferentes olhares da comunidade escolar sobre a Educação Física na instituição;
- Analisar de que forma os diferentes olhares sobre a Educação Física atuam na construção das identidades desta disciplina;
- Compreender como a cultura escolar da instituição movimenta o processo identitário da disciplina de Educação Física.

Procedimentos:

Para coleta de dados serão utilizadas as seguintes estratégias metodológicas: observações de algumas aulas de Educação Física, entrevistas com os membros dos grupos selecionados, questionários encaminhados a cada um dos grupos e diálogos informais. As observações não tem objetivo de avaliar as aulas, bem como a sua metodologia e didática e sim buscar as primeiras impressões da forma que os alunos e demais participantes do contexto escolar lidam com a Educação Física na escola.

A partir da análise dos grupos a serem pesquisados, foi levado em consideração os seguintes critérios para a participação na pesquisa: trabalhadores, professores efetivos e de

caráter temporário da escola e familiares com filhos de diferentes idades que são alunos unidade escolar. Inicialmente os participantes de cada segmento deverão responder a um questionário, com perguntas relacionadas as aulas de Educação Física na escola, bem como a opinião pessoal de cada participante. Sendo este instrumento de coleta de dados composto de perguntas abertas e fechadas, buscando investigar percepções, representações e opiniões sobre experiências, conceitos ou acontecimentos de um número expressivo de participantes. Como forma de redução de custos por parte do pesquisador, será utilizado a plataforma virtual Google Formulários para o envio do questionário aos endereços eletrônicos de cada participante. Tempo previsto de duração para a resolução do questionário é de 30 minutos.

Para a realização da entrevista, será agendada previamente e necessitará ser gravada (gravador de voz ou de vídeo caso seja realizada pela plataforma Google Meet), com uma duração máxima de 1 hora. Esta entrevista tem como objetivo aprofundar as informações coletadas no questionário, buscando avanço no processo de compreensão sobre a disciplina de Educação Física e responder os objetivos da investigação. Este momento terá como tema a Educação Física, suas aulas bem como percepções pessoais de cada participante quando foi aluno bem como hoje enquanto responsáveis legais por estudantes da unidade escolar.

Quando não for possível a entrevista presencial, a mesma será agendada de forma remota, via plataforma Google Meet. Após a transcrição das entrevistas pelo pesquisador, elas serão devolvidas aos/as entrevistados/as para validar seu conteúdo.

3) Riscos e Benefícios do Estudo:

PRIMEIRO: Toda pesquisa com seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados, considerando todas as possibilidades de danos à dimensão física, psíquica, moral, intelectual, social, cultural ou espiritual do ser humano, em qualquer pesquisa e dela decorrente (Resolução 510/2016 art.2º item XXV). Entendemos que ao responder a entrevista e ao observar sua rotina escolar, pode ocorrer algum constrangimento e/ou mobilizar alguns sentimentos e emoções nem sempre agradáveis nos/as participantes. Ainda assim, todo o objetivo de cada instrumento de coleta de dados será apresentado previamente para que possa ser compreendido o processo da coleta de dados. Vale lembrar que manteremos o anonimato (os nomes dos participantes bem como da unidade escolar não será revelado) para evitar todo e qualquer constrangimento no processo analítico e no alcance acadêmico que a pesquisa terá. No entanto, mesmo que de forma não intencional, caso isso aconteça, poderá causar algum constrangimento individual, aja vista que a escola poderá ser reconhecida pela comunidade acadêmica.

SEGUNDO: Será encaminhada ao entrevistado uma via da entrevista para a sua validação, que se constitui na leitura e modificações ou não das informações, conforme seu critério, antes do texto ser transformado em fonte da pesquisa.

TERCEIRO: Conforme Resolução Nº 510/2016, todo e qualquer dano causado pela pesquisa ao/a participante será de responsabilidade da pesquisadora e da instituição proponente. Neste caso, ao entender a existência de algum risco ao/a participante, a pesquisa será encerrada.

QUARTO: Os/as participantes da pesquisa serão acompanhados/as durante todo o período da investigação, em caso de necessidade, sendo comprovado que o motivo foi por conta do processo de coleta de dados, e os/as participantes terão total assistência da pesquisadora, sejam elas materiais ou financeiras.

QUINTO: A participação não é obrigatória e, a qualquer momento, podendo desistir da participação. Tal recusa não trará prejuízos em sua relação com o pesquisador ou com a instituição em que estuda. Tudo foi planejado para minimizar os riscos de sua participação, porém, se houver desconforto com as perguntas, dificuldade ou desinteresse, poderá

interromper a participação e, se houver interesse, poderá conversar com o pesquisador sobre o assunto.

4) Confidencialidade:

Os dados serão sigilosos e privados, preceitos estes assegurados pela Conforme Resolução N^o 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, sendo que você poderá solicitar informações durante todas as fases do projeto, inclusive após a publicação dos dados obtidos a partir desta.

5) Voluntariedade:

A recusa dos/as participante em seguir contribuindo com o estudo será sempre respeitada, possibilitando que seja interrompido o processo de coleta de informações, a qualquer momento, se assim for seu desejo.

6) Garantia de ressarcimento:

De acordo com o Art. 2^o, Art. 9^o e Art. 16^o da Resolução N^o 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, garantimos o ressarcimento das possíveis despesas e danos aos/as participantes, em decorrência dos procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Contudo, esclarecemos que a participação é voluntária e não haverá retribuição financeira ao aceitar participar desta investigação.

Contatos e Questões:

a) Pesquisador:

Guilherme Dutra Antunes - (48) 98426-2383

Email: profguilhermeantunes@gmail.com

b) Orientador:

Professor Dr. Victor Julierme Santos da Conceição - (48) 999249600

Email: victorjulierme@gmail.com

Campus Reitor João David Ferreira Lima - Florianópolis - Santa Catarina - Brasil

CEP: 88040-900

c) Endereço do Comitê de Ética e Pesquisa com seres humanos da UFSC

(CEPSH/UFSC):

Universidade Federal de Santa Catarina/Pró-Reitoria de Pesquisa/Prédio Reitoria II

R: Desembargador Vitor Lima, n^o 222, sala 701, Trindade, Florianópolis/SC

CEP 88.040-400 - Contato: (48) 3721-6094

cep.propesq@contato.ufsc.br

Concordo em participar da pesquisa

Nome do/a responsável legal pelo
estudante: _____

E-mail: _____

(Assinatura do/a responsável legal do estudante) - Data: ____/____/____.

Responsabilidade do pesquisador: Asseguro ter cumprido as exigências da Resolução N^o 510/2016 e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguo, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao/à participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo

CEPSH/UFSC perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo/a participante.

Nome dos pesquisadores: Guilherme Dutra Antunes e Victor Julierme Santos da Conceição

Professor Mestrando Guilherme Dutra Antunes
(Pesquisador) Data: ____ / ____ / ____

Professor Doutor Victor Julierme Santos da Conceição
(ORIENTADOR DA PESQUISA) Data: ____ / ____ / ____

ANEXO F – ROTEIRO PARA OBSERVAÇÃO EM CAMPO

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO – CED
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - PPGE**

PROJETO DE PESQUISA: A percepção da comunidade escolar sobre a prática educativa da Educação Física: Um estudo do tipo etnográfico em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José – SC.

ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO

Escola:

Data da observação:

Início:

Término:

Observação sobre a interação da comunidade escolar com o componente curricular Educação Física: tempos e espaços utilizados, relações sociais traçadas dentro da aula (professor-estudante, professor – trabalhadores; pais - professor).

Observação sobre a forma como os membros da comunidade escolar lidam com os conteúdos da Educação Física: como diversão, como possibilidade de aprendizado, com o mesmo olhar comparado a outras disciplinas.

ANEXO G – QUESTIONÁRIO PROFESSORES

1. Você concorda com o que é apresentado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

NOME. *

Texto de resposta curta

E-MAIL *

Texto de resposta curta

PROFESSOR (A) DE QUAL COMPONENTE CURRICULAR. *

Texto de resposta curta

QUESTIONÁRIO DE COLETA DE DADOS.



Com exceção da questão 8 onde você pode assinalar mais de uma alternativa, todas as outras questões são necessárias apenas uma resposta.

1. Você acha a Educação Física é importante na Escola? *

SIM

NÃO

2. Você acha que o componente curricular Educação Física tem a mesma importância que outros componentes, como matemática e português, por exemplo? *

SIM

NÃO

3. Você acha que a Educação Física participa ativamente do processo de formação crítica e intelectual do aluno na escola? *

SIM

NÃO

⋮

4. Você tem acesso ou já se interessou em observar a proposta curricular para o componente Educação Física na Rede Municipal de Ensino de São José – SC?

SIM

NÃO

5. Você participava ativamente das aulas de Educação Física quando foi aluno na escola?

SIM

NÃO

PARTICIPAVA POR OBRIGAÇÃO

⋮

6. Você acha que a Educação Física deve estar presente nos currículos educacionais do país (EDUCAÇÃO INFANTIL, ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO)?

- Em todos os níveis
- Apenas na educação infantil
- Apenas no ensino fundamental
- Apenas no ensino médio
- Não deveria estar presente nos currículos educacionais

7. Você acha que a Educação Física deve ser **obrigatória** em quais níveis de ensino (como educação infantil, ensino fundamental, ensino médio)?

- Em todos os níveis
- Apenas na educação infantil
- Apenas no ensino fundamental
- Apenas no ensino médio
- Não deveria ser obrigatória. Fica a cargo dos alunos ou das redes a sua presença nos currículos educaci...

8. Você acha que a Educação Física deve trabalhar quais conteúdos na escola? **(pode assinalar mais de uma alternativa)**



Caixas de seleção

Esportes

Jogos

Brincadeiras

Abordagens críticas

Abordagens teóricas



Formação integral do aluno (físico, mental, cultural e intelectual)

Adicionar opção ou [adicionar "Outro"](#)

ANEXO H – QUESTIONÁRIO TRABALHADORES UNIDADE ESCOLAR

1. Você concorda com o que é apresentado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

NOME *

Texto de resposta curta

E-MAIL *

Texto de resposta curta

QUAL A SUA FUNÇÃO NA UNIDADE ESCOLAR? *

Texto de resposta curta

Com exceção da questão 8 onde você pode assinalar mais de uma alternativa, todas as outras questões são necessárias apenas uma resposta.

1. Você acha a Educação Física é importante na Escola? *

SIM

NÃO

2. Você acha que o componente curricular Educação Física tem a mesma importância que outros componentes, como matemática e português, por exemplo? *

SIM

NÃO

⋮

3. Você acha que a Educação Física participa ativamente do processo de formação crítica e intelectual do aluno na escola? *

SIM

NÃO

4. Você tem acesso ou já se interessou em observar a proposta curricular para o componente Educação Física na Rede Municipal de Ensino de São José – SC?

SIM

NÃO

5. Você participava ativamente das aulas de Educação Física quando foi aluno na escola?

- SIM
- NÃO
- PARTICIPAVA POR OBRIGAÇÃO

...

6. Você acha que a Educação Física deve estar presente nos currículos educacionais do país (EDUCAÇÃO INFANTIL, ENSINO FUNDAMENTAL E ENSINO MÉDIO)?

- Em todos os níveis
- Apenas na educação infantil
- Apenas no ensino fundamental
- Apenas no ensino médio
- Não deveria estar presente nos currículos educacionais

7. Você acha que a Educação Física deve ser **obrigatória** em quais níveis de ensino (como educação infantil, ensino fundamental, ensino médio)?

- Em todos os níveis
- Apenas na educação infantil
- Apenas no ensino fundamental
- Apenas no ensino médio
- Não deveria ser obrigatória. Fica a cargo dos alunos ou das redes a sua presença nos currículos educaci...

⋮

8. Você acha que a Educação Física deve trabalhar quais conteúdos na escola? **(pode assinalar mais de uma alternativa)**

- Esportes
- Jogos
- Brincadeiras
- Abordagens críticas
- Abordagens teóricas
- Formação integral do aluno (físico, mental, cultural e intelectual)

ANEXO I – QUESTIONÁRIO PAIS OU RESPONSÁVEIS PELO ESTUDANTE.

1. Você concorda com o que é apresentado no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido? *

Marcar apenas uma oval.

Sim

Não

Dados de caracterização pessoal

As informações referentes ao sr(a) serão sigilosos e privados assegurados pela Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde.

NOME *

Sua resposta

E-MAIL *

Sua resposta

PAI ou MÃE ou RESPONSÁVEL LEGAL de quantos alunos da escola?

Sua resposta

[Voltar](#)

[Próxima](#)

[Limpar formulário](#)

1. Você acha que o componente curricular Educação Física é importante na Escola? *

SIM

NÃO

2. Você acha que o componente curricular Educação Física tem a mesma importância que outros componentes, como matemática e português, por exemplo?

SIM

NÃO

3. Você acha que a educação Física participa ativamente do processo de formação crítica e intelectual do aluno na escola? *

SIM

NÃO

4. Você participava ativamente das aulas de Educação Física quando foi aluno *
na escola?

- SIM
- NÃO
- PARTICIPAVA SOMENTE PORQUE ERA OBRIGATÓRIO

5. Você acha que a Educação Física deve estar presente nos currículos educacionais do país (educação infantil, ensino fundamental e ensino médio)? *

- SIM
- NÃO

6. Você acha que a Educação Física deve ser obrigatória em quais níveis de ensino (como educação infantil, ensino fundamental e ensino médio)? *

- EM TODOS OS NÍVEIS
- SOMENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

6. Você acha que a Educação Física deve ser obrigatória em quais níveis de ensino (como educação infantil, ensino fundamental e ensino médio)? *

- EM TODOS OS NÍVEIS
- SOMENTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL
- SOMENTE NO ENSINO FUNDAMENTAL
- SOMENTE NO ENSINO MÉDIO
- NÃO DEVE SER OBRIGATÓRIO EM NENHUM NÍVEL DE ENSINO

7. Você acha que a Educação Física deve trabalhar quais conteúdos na escola? *

- ESPORTES
 - JOGOS
 - BRINCADEIRAS
 - ABORDAGENS CRÍTICAS
 - ABORDAGENS TEÓRICAS
 - FORMAÇÃO INTEGRAL DO ALUNO (FÍSICA, MENTAL, CULTURAL E INTELECTUAL)
 - Outro:
-

ANEXO J – PARECER COMITÊ DE ÉTICA

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: O OLHAR DA COMUNIDADE ESCOLAR SOBRE A PRÁTICA EDUCATIVA DA EDUCAÇÃO FÍSICA: UM ESTUDO DO TIPO ETNOGRÁFICO EM UMA ESCOLA DA REDE MUNICIPAL DE ENSINO DE SÃO JOSÉ - SC

Pesquisador: Victor Julierme Santos da Conceição

Área Temática:

Versão: 6

CAAE: 64218522.4.0000.0121

Instituição Proponente: Colégio de Aplicação - UFSC

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.075.665

Apresentação do Projeto:

As informações que seguem e as elencadas nos campos “Objetivo da pesquisa” e “Avaliação dos riscos e benefícios” foram retiradas do arquivo PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2031846.pdf, de 19/05/2023, preenchido pelos pesquisadores.

Segundo os pesquisadores:

Resumo

Ao analisar a identidade no contexto profissional (enquanto professores), pode-se perceber diversas realidades, como locais de trabalho, a vocação, o contexto social que se está inserido, etc. Estes e muitos outros fatores podem vir a construir e moldar a identidade docente do professor de Educação Física. O indivíduo é a noção central da trindade humana, sendo elas espécie/indivíduo/sociedade, deixando claro toda a complexidade que compreende a formação do ser humano enquanto sujeito, onde a sua identidade é construída no relacionamento com o meio ou a cultura que está inserido, no caso desta dissertação, a cultura escolar. Baseado nestas relações estamos propondo responder o seguinte problema de pesquisa: Qual o olhar da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal no município de São José – SC? Para responder essa questão propomos o seguinte objetivo geral: Analisar o olhar da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal no município de São José – SC. Os objetivos específicos para ajudar a responder o problema de pesquisa são os seguintes: Compreender como é formada a comunidade escolar da escola investigada; analisar os diferentes olhares da comunidade escolar sobre a Educação Física na instituição; analisar de que forma os diferentes olhares sobre a Educação Física atuam na construção das identidades desta disciplina; compreender como a cultura escolar da instituição movimenta o processo identitário da disciplina de Educação Física. Neste sentido, para buscar responder a

problemática do estudo será realizada uma pesquisa qualitativa e etnográfica em uma escola da Rede Municipal de Ensino de São José -SC. O grupo a ser analisado será composto pela comunidade pertencente a unidade escolar compreendido por: professores, demais trabalhadores da unidade e familiares. Para o processo de coleta de dados será utilizado a observação participante, diário de campo, questionário e entrevista semiestruturada. A análise e interpretação dos dados se dará por meio do método da triangulação dos dados bem como a sua problematização a partir da ótica do paradigma da complexidade de Edgar Morin.

Metodologia Proposta:

Será utilizado neste estudo a etnografia como forma de descrever, compreender e interpretar, sob o olhar do observador, a realidade cultural que deverá ser investigada. Podemos desta forma, conversando com André (2012), relacioná-la com uma descrição cultural e antropológica de uma cultura. Pensando, de acordo com a antropologia, este termo possui duas vertentes: Um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas (ANDRÉ 2012, p. 27). Com base no tipo de pesquisa que esta dissertação se propõe a realizar, uma das características etnográficas envolve a necessidade de realização de um trabalho

de campo. Com isso o pesquisador tem a possibilidade de manter contato direto e prolongado com as pessoas, locais, eventos e situações (ANDRÉ 2012). Lembrando que esta convivência com o problema de pesquisa pode variar de acordo com a disponibilidade do investigador bem como a aceitação do grupo/local/evento a ser investigado. Mantendo estas características, este estudo etnográfico irá buscar a “formulação de hipóteses, conceitos, abstrações, teorias e não a sua testagem” (ANDRÉ, 2012, p. 30). A partir desta citação, levando em consideração os objetivos propostos para esta dissertação, bem como a proposta metodológica para o estudo, a observação do campo de pesquisa se faz necessária para iniciar a busca pelas respostas aos problemas a serem investigados. Esta deverá ser aplicada a algum objeto externo, mas também pode ser utilizada em perspectivas diferentes (NEGRINE, 2010). A literatura com o tema observação nos trás um farto conhecimento teórico sobre este método, bem como suas formas de coletar e organizar os dados e informações que foram levantados. Com isso, é um desafio ao pesquisador utilizar processos mentais superiores como: a atenção, a percepção, a memória e o pensamento, para observar os fatos e realidades sociais presente (NEGRINE, 2010), sendo importante que se realize em um contexto real de atividades. Considera-se que a presença de um pesquisador ao observar o campo ou objeto de estudo pode causar certo estranhamento ou alteração de comportamentos do cotidiano a ser investigado. Por isso a importância da utilização da observação participante pois “parte do princípio de que o pesquisador tem sempre um grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo afetada por ela” (ANDRÉ, 2012, p.28). Assim, o diário de campo, ou caderno etnográfico de pesquisa, possibilita refletir as experiências vividas e identificadas no local de pesquisa, onde para Macedo (2010, p. 134) “ao elaborar seu diário, o pesquisador constitui-se um sujeito entre outros sujeitos, humaniza-se, dialetiza-se, ao aceitar a lógica do inacabamento que qualquer teoria coerente do sujeito deve exercitar”. Como forma de coletar dados para esta pesquisa será aplicado um questionário com a comunidade escolar da instituição escolar a ser investigada. Sendo este instrumento de coleta de dados composto de perguntas e respostas, buscando investigar percepções, representações e opiniões sobre experiências, conceitos ou acontecimentos de um número expressivo de participantes.

Critério de Inclusão: Aceitar a participação na pesquisa de forma espontânea, Estar ciente dos impactos da pesquisa na produção do conhecimento sobre o tema, Ter assinado o

termo de consentimento e termo de assentimento livre e esclarecido. Ser servidor efetivo ou temporário da escola pesquisada. Ser familiar de estudante regularmente matriculado na escola pesquisada. Todos os participantes devem ser maiores de idade. Critério de Exclusão: Todos aqueles que não se enquadrarem nos critérios de inclusão não farão parte da pesquisa.

Objetivo da Pesquisa:

Segundo pesquisador: "Analisar o olhar da comunidade escolar sobre a prática educativa na disciplina de Educação Física em uma escola municipal no município de São José – SC."

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequadamente contemplados.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Vide campo " Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo " Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo " Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Os pesquisadores responderam às pendências e anexaram novas versões dos TCLEs, as quais estão adequadas.

Não apresenta pendências e/ou inadequações.

Considerações Finais a critério do CEP:

Lembramos que a presente aprovação (versão projeto 19/05/2023 e TCLEs 19/05/2023) refere-se apenas aos aspectos éticos do projeto. Qualquer alteração nestes documentos deve ser encaminhada para avaliação do CEP/SH. Informamos que obrigatoriamente a versão do TCLE a ser utilizada deverá corresponder na íntegra à versão vigente aprovada.

Lembramos aos senhores pesquisadores que o CEP/SH/UFSC deverá receber, por meio de notificação, os relatórios parciais sobre o andamento da pesquisa e o relatório completo ao final do estudo.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Post	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BASICA_S_DO_PROJETO_2031846.pdf	19/05/2023	19/05:53:23		ceito
Outros	Carta_resposta_ao_comite_de_etica_Guilherme.pdf	19/05/2023	19/05:53:07	Victor Julierme Santos da Conceição	ceito
Projeto Detalhado / Brochura	Projeto_Guilherme_ultima_versao.pdf	19/05/2023	19/05:53:07	Victor Julierme Santos da	ceito

	Investigado		2:38	Conceição	
Anterior	Parecer	PB_PARECER_CONSUBSTANCIADO_CEP_6048801.pdf	5/2023 19/05:51:19	Victor Julierme Santos da Conceição	ceito
Termos de	TCLE / Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_SEGMENTO_SERVIDORES.pdf	5/2023 19/05:51:01	Victor Julierme Santos da Conceição	ceito
Termos de	TCLE / Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_FAMILIAIRES_RESPONSABLEIS_PELoS_ESTUDANTES.pdf	5/2023 19/05:50:51	Victor Julierme Santos da Conceição	ceito
	Ausência	TCLE_FAMILIAIRES_RESPONSABLEIS_PELoS_ESTUDANTES.pdf	19/05/2023 05:50:51	Victor Julierme Santos da Conceição	ceito
Termos de	TCLE / Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_SEGMENTO_PROFESSORES.pdf	19/05/2023 05:50:37	Victor Julierme Santos da Conceição	ceito
	Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	19/05/2023 05:50:26	Victor Julierme Santos da Conceição	ceito
de	Declaração de Instituição e Infraestrutura	declaracao_de_autorizacao_SIME.pdf	28/01/2023 14:59:49	Victor Julierme Santos da Conceição	ceito
Rosto	Folha de Rosto	folhaDeRosto_assinado_Guilherme.pdf	14/10/2022 18:25:42	Victor Julierme Santos da Conceição	ceito

Situação do Parecer: Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP: Não

FLORIANOPOLIS, 23 de Maio de 2023

Assinado por: Luciana C Antunes(Coordenador(a))

ANEXO K – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS: SEGMENTO PROFESSORES

Entrevista professora 1.mp4

Pesquisador : Início da entrevista com representante do segmento dos professores.

Pesquisador: Conte, inicialmente, onde você fez a sua graduação, qual a sua área, se possui pós -graduação, algum curso de formação continuada, etc. Fale também sobre a sua experiência como professora.

Professora 1: Eu sou formada há 20 anos em Pedagogia Anos Iniciais, mas já atuei no EJA nos anos finais e EJA, nos anos iniciais.

Trabalho a maior parte do tempo com, trabalhei com os quintos anos e quarto anos. Nos últimos sete anos estou como alfabetizadora de primeiro ano. Eu tenho especialização em Anos Iniciais, Educação Infantil, Educação Especial e EJA. Tenho vários cursos na área de formação continuada da Educação Especial, curso de intérprete de Libras, nível básico, intermediário e conversação e tenho curso inicial de Braille.

Pesquisador: E onde que você fez a tua formação?

Professora 1: A minha formação foi na Unisul, em 2003, campus Florianópolis. Hoje não existe mais o campus.

Pesquisador: Por que você quis ser professora?

Professora 1: Sempre digo que eu caí na educação de paraquedas, porque nunca foi o meu intuito no início à graduação de pedagogia ou magistério que eu tenho. Quando estudante do Ensino médio, o diretor da escola, ele precisava de turmas de magistério para ganhar a reforma da escola no ano de 1997.

E daí ele pediu para eu mobilizar o pessoal para a gente formar duas turmas para conseguir a reforma da escola. Então, só teve três turmas de magistério no colégio, o início e o término da reforma do colégio.

A escola se chama Francisco Tolentino, ali na Praça de São José.

Pesquisador: E essa foi a escola que você fez o ensino médio?

Professora 1: Não, nesta escola fiz o magistério. Um fato interessante neste período foi um aluno que perguntou para mim, eu um dos estágios, que eu mais faltava do que ia, e perguntou assim para mim, o que que eu estava fazendo ali?

E eu olhei para ele e devolvi a pergunta.

Eu me pergunto isso todo o dia, o que que eu tô fazendo aqui?

Daí eu disse, ah, eu tô aqui para aprender como é que é a tua professora da aula, para ver porque quando eu for professora, eu vou fazer o que for legal, o que não for legal eu não vou fazer.

E aí comecei a ter noção da responsabilidade do meu papel de educadora

Pesquisador: Em qual escola você estudou enquanto seu período de estudante?

Professora 1: No coleginho São José, uma instituição de Ensino privada.

Pesquisador: E tinha aula de educação física?

Professora 1: Tinha, e eu amava.

Pesquisador: Você participava ativamente, ou participava porque era obrigada, ou você não queria participar?

Professora 1: Não, eu participava porque eu amava a aula, apesar do professor ser o ignorante, grosso, daquele jeito é a bola para os meninos, vôlei para as meninas.

Pesquisador: E mesmo assim, tu gostava de participar?

Professora 1: É, ele fazia umas coisas lá de atletismo, prova física, de resistência mesmo.

Quantos polichinelos tu aguenta?

Quantas flexões?

Quantos aquele agacha, levanta, agacha, levanta, agacha, levanta?

E eu amava, amava, amava aquela correria.

Pesquisador: Então, você hoje em dia, enquanto professora de uma outra área, que não é da educação física, tu acha importante ter educação física na nossa escola?

Professora 1: Acho.

Pesquisador: E você acha que a educação física na nossa escola, ela deveria ser desse jeito que você teve aula durante a tua fase de escola?

Professora: Não. Só que eu acho que os professores de educação física, às vezes, assim, no geral, eles pouco conversam com regente.

Eles precisam conversar mais com regente, porque às vezes a dificuldade de lateralidade da criança não podia ser sanada na educação física.

Eu tenho um conjunto deles para dar, não estou questionando isso, cada um tem os seus componentes curriculares.

Pesquisador: Então, tu vê que a educação física, ela é importante na escola, principalmente nos anos iniciais, quando se trabalha em conjunto com a professora de sala, é isso?

Professora 1: Isso.

Pesquisador: E tu acha que, hoje em dia, na nossa escola, a educação física, ela tem a mesma importância que outros conteúdos de outras áreas, como, por exemplo, alfabetização, matemática, português, história, etc?

Professora 1: Eu acho que todas são importantes, cada uma com seus componentes curriculares, mas elas podem se interligar.

Pesquisador: Fala mais sobre isso.

Professora 1: É porque, assim, eu vejo que a gente fica muito limitado a dar o conteúdo, E se tu trabalha com projetos interdisciplinares, às vezes o conteúdo de educação física pode ser atrelado ao de ciências, e vice-versa.

Alfabetização, vamos trabalhar os movimentos corporais, vamos trabalhar as letras lá na quadra. Expressão corporal, que eles têm muita dificuldade, eles que vêm principalmente da creche, têm muitas habilidades que eles não conseguem vencer.

Tesoura, amassar o corpinho, né?

Aquele limite da carteira, tudo poderia ser trabalhado com a educação física.

Pesquisador: E tu acha, então, que, pensando no teu tempo enquanto estudante, nos dias de hoje, agora, como professora, se a educação física fosse dessa forma que tu tá falando, talvez seria mais atrativo para ti enquanto aluna?

Professora: Eu acho que ia ser bem melhor, ia ser bem mais divertido.

Se na minha época não tinha nada de atrativo, já era divertido.

Pesquisador: Me diga uma coisa, tu acha que ela tem que ser obrigatória em todos os campos de ensino?

Professora 1: Eu acho que ela tem que ser obrigatória em todos os níveis de Ensino, desde a educação infantil até no Ensino superior. Durante a minha graduação ao final do semestre, devíamos entregar uma declaração, de que realizava atividade física regular, para não precisar fazer no campus.

Pesquisador: como que você percebe que os alunos e as famílias enxergam a educação física na escola?

Professora 1: Não dão o valor que merecem.

Pesquisador: Por quê?

Professora 1 Porque eu acho que é um descaso, assim, eu vejo, assim, lá no Cem Liberdade, quando o professor realiza bastante atividades e eu vejo que eles descem para quadra alguns empolgados, alguns obrigados, tem uns que vão se arrastando e as famílias vêm, ah, é só dar a bola, só deixar brincar na quadra, não vem realmente a importância que a educação física tem.

Pesquisador: E tu tens alguma teoria ou opinião que que demonstre o porquê dessa falta de interesse que os alunos e as famílias possam vir a ter sobre educação física na escola?

Professora 1: Eu acho que é questão histórica, né?

Porque na época dos pais enquanto alunos, não tinha muita coisa para fazer.

Hoje tem, hoje tem as habilidades, tem a questão do movimento do corpo, tem questões da história vocês trabalham, a questão dos jogos, questões das regras, deles conhecerem esportes coletivos, individuais, até o jogo que não ganha, porque nem sempre o jogo é para ganhar.

Pesquisador: Então, tu acha que as famílias, elas refletem, hoje ainda, o tipo de educação física que elas tiveram enquanto estudantes?

Professora 1: Isso, eu vejo muito até na fala das famílias.

Ah, é só educação física, professora, não tem problema.

Ah, eu vou pegar ele mais cedo, a próxima aula é educação física.

TRANSCRIÇÃO ENTREVISTA PROFESSORA 2

Pesquisador: Então, eu vou pedir pra ti, inicialmente, contar um pouquinho onde que tu fez a tua graduação, qual área de graduação que tu fez, se tu tem pós -graduação, falar um pouco do teu currículo.

Professora 2: Eu fiz no curso técnico o magistério, depois eu fiz pela UDESC pedagogia, fiz pós -graduação também em metodologia de ensino e gestão educacional, é isso.

Pesquisador: E por que você quis ser professora?

Professora 2: Na verdade, eu sempre gostei de ser professora, cresci no meio de professoras, brinquei de escolinha. Na adolescência me deu uma rebeldia de não ser, né? Queria ser diferente de todo mundo da família, mas não adiantou, né? Acabei, depois não gostando do curso que fiz de contabilidade, e decidi, não, agora eu vou fazer o magistério.

Fui fazer o magistério e nele consegui superar minhas dificuldades de timidez, porque o curso me exigia a exposição, falar em público, e é uma cacheça, né? Adoro trabalhar com as crianças, adoro trabalhar com o público, adoro o poder ensinar.

Pesquisador: E tu é de uma família, então, de professores, é isso?

Professora 2: Isso, minha mãe professora, primas professoras, minha irmã professora, madrinha professora. A família tem bastante professores.

Pesquisador: Vamos falar um pouco da tua experiência enquanto aluna na educação básica. Onde que você estudou?

Professora 2: Eu estudei em escola estadual, né? Na época onde eu morava era o que tinha. Até hoje não existe nenhuma escola municipal no bairro que eu resido. Então, eu voltei a residir também, né, depois. E foi tudo em escola pública, eu só fui frequentar uma escola particular na época do magistério, porque aí eu consegui uma bolsa de estudos. Mas segundo grau, primeiro grau, fiz tudo em escola pública.

Pesquisador: E nessas tuas escolas, tinha aula de Educação Física?

Professora 2: Tinha aula de Educação Física. Eu do primeiro ano, eu não lembro nada, né, por isso que me tornei alfabetizadora. Porque é um ano que não lembro de nada, mas da segunda série, que na época era série, eu lembro dos meus professores, eu lembro do professor de Educação Física, que era um casal que dava aula, né, marido e mulher.

Eu lembro o que ele fazia comigo, que ele brincava e todo mundo ficava rindo que eu era muito da magricela, mas ele não, ele me jogava por alto. Eu lembro das brincadeiras de salto que a

gente tinha, que eu vou dizer, não é quadra, era um buraco lá feito, deve ter outro nome, desculpa, não lembro agora. E a gente saltava e tinha que marcar quem saltava mais longe. Tinha bastante atletismo, eu lembro de bastante brincadeira, eu nunca fui muito fã de bola, mas das brincadeiras e coisas eu lembro bastante das aulas de Educação Física.

Pesquisador: Então, tu gostava de participar das aulas de educação Física, era isso?

Professora 2: Eu gostava.

Pesquisador: Chegou algum momento da tua vida enquanto estudante que você não gostava de participar?

Professora 2: Eu era uma criança mais fechada, na minha adolescência eu lembro que eu tive uma fase de usar preto, de querer me esconder, de não conseguir se expor, eu lembro que na Educação Física eu queria fugir, na época de ficar moça, o corpo, queria esconder o corpo, da transformação do corpo. Eu lembro que eu não queria muito a aula de Educação Física não, a única coisa que eu me identifiquei muito nessa época foi o handebol, que era uma coisa que eu gostava e eu até estranhei porque eu não era muito de esporte com bola.

E aí na escola, na época, isso era o segundo grau, teve um campeonato de dança e isso me encantou, porque eu adorei esse meu contato com a dança, sabe? Onde cada turma fazia um estilo de música e teve uma apresentação na escola e mesmo por ser tímida na época eu adorei, adorei me expressar através da dança.

Pesquisador: E você achava que a Educação Física era importante dentro da escola que você estudava? Você via a importância da disciplina? Ou você achava que, sei lá, era só mais uma disciplina e os alunos em si não enxergavam tanta importância?

Professora 2: Na época, sim, eu pensava que é, pelo menos essa não reprova, né? Na minha cabeça, né? Não entendia a complexidade e a importância da Educação do Físico, né? Mas na época eu acho que eu não pensava assim. Tanto que nessa fase que eu não gostava de fazer Educação Física, me escondia e não queria fazer, eu acho que foi aí que eu comecei a ver a importância, né? Porque quando foi uma coisa prazerosa, era uma coisa que me dava prazer, que era gostoso fazer, né? Eu acho que foi nesse momento aí que eu comecei a despertar. Não, espera aí, Educação Física não é só um encher de linguiça, não é só mais uma matéria, é uma matéria e a importância dela, né? E hoje eu reconheço isso.

Pesquisador: Então, vamos falar um pouquinho dos dias de hoje. Você, enquanto professora da unidade escolar que você trabalha, como que você acha que a Educação Física deveria ser na

nossa escola? Você acha que ela deveria ser da mesma forma que ela foi pra ti enquanto estudante? Ou você acha que ela deveria ser diferente? Qual que é a tua opinião da Educação Física na escola hoje?

Professora 2: Na instituição que eu trabalho... Não é só a parte da Educação Física mesmo. Tem outras áreas que também pecam muito, né? Por não ser uma escola, um prédio que foi planejado para ser uma escola, eu penso que tem muita precariedade no espaço físico pra Educação Física. É pouco espaço, assim, para o professor criar, às vezes tem um, dois professores, mais de uma turma. Eu penso que isso a escola peca muito. Porque eu penso na época que eu estudei, meu Deus, o espaço era tão grande, era espaço com árvore, era espaço pra fazer atletismo, era espaço de quadra, era espaço, sabe, na escola mesmo, pública, mas assim, eu vejo a comparação de espaço. Espaço de parque. Então eu penso que onde eu trabalho, e é tudo muito tumultuado, tudo muito um em cima do outro, refeitório, quadra, parque, tudo. Então o barulho é muito grande. Eu penso que, eu fico imaginando, eu nunca trabalhei numa escola que tem um ginásio, que tem várias quadras para os professores se dividirem, eu fico pensando que o ideal seria isso, né? Ter esse espaço próprio pras aulas de Educação Física. Não ficar tendo que se adaptar num espaço tão pequeno, né?

Pesquisador: E quando tu conversas com os alunos e com os pais dos alunos, tu percebes que eles enxergam a importância da disciplina pra eles dentro do cotidiano escolar?

Professora 2: Eu penso que aos poucos vem mudando muito, né? Mas eu vejo assim, eu vejo pelo meu filho, né? E a preocupação de saber o conteúdo, de ler sobre o que o professor pediu, e eu penso que há famílias que incentivam isso e percebem essa importância da Educação Física, essa importância do conhecer, né? Que tal conteúdo é trabalhado, mas ainda existem aquelas famílias que é só um brincar de bola, é só uma aula livre, né? Eu percebo que tem famílias que penso que já mudou, que enxergam a importância da disciplina, mas ainda tem famílias que não pensam assim.

Pesquisador: Você acha que a Educação Física tem a mesma importância que disciplinas de outras áreas? Por exemplo, alfabetização, matemática, português, história?

Professora 2: Eu vou ser sincera no que eu penso que seja uma escola ideal, né? Com espaço, talvez... Eu penso que é tão importante educar o corpo hoje, nos dias de hoje, porque as crianças estão cada vez mais atrás de uma TV, atrás de um smartphone, que eu penso que a escola poderia... Bom fosse assim, com muita parte de Educação Física mesmo, né? A gente está

trabalhando a parte de jogos, de atletismo, de, sei lá, natação, de tudo que é Educação Física, que eu sei que é um leque de coisas que trabalha, né? E até oferecer para eles um vôlei, um futebol, que eles pedem por isso, né? Às vezes no espaço da escola não tem como, mas eles pedem por isso. Eu acho que é tão importante quanto o saber lidar seu corpo, conhecer seu corpo, educar seu corpo, porque aprender a ler, escrever e ser crítico.

Pesquisador: Você acha que a Educação Física, ela deveria ser obrigatória na escola em todos os níveis de ensino? Seja na Educação Infantil, Fundamental, Médio, ou tu acha que não?

Professora 2: Desculpa a minha ignorância, mas na Educação Física ela já é obrigatória? Na Educação Infantil ela já é obrigatória?

Pesquisador: Ela é obrigatória a partir dos 4 anos.

Professora 2: Ah, entendi. Que a minha filha tem menos que isso e faz a Educação Física, né?

Pesquisador: Sim, sim, muitas creches, principalmente públicas, elas oferecem. As minhas também fazem, é.

Professora 2: Adora. Ela é simplesmente apaixonada pela Educação Física. Ela adora. Então, eu penso que tinha que ser obrigatório mesmo. Porque se for pensar na minha história, né? Que teve a fase lá da aborrecência, que eu queria fugir. Se eu não tivesse achado, né? Alguém que me cativou, ou algo que eu gostei, se currando talvez, eu tivesse fugido da Educação Física. Mas não, a Educação Física me cativou. Educação Física me pegou em algo, né? Me chamou a atenção. E naquela época, se eu tivesse que optar, eu ia optar por não fazer. E eu não tinha naquela época o discernimento de saber o que é bom ou não pra mim, realmente. Então, eu penso que a obrigatoriedade deveria permanecer.

ANEXO L – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS: SEGMENTO TRABALHADORES DA UNIDADE ESCOLAR.

Entrevista diretora.mp4

Pesquisador: Entrevista com a diretora da escola que representa o campo dos trabalhadores, inicialmente, gostaria que você informasse qual é a tua graduação, ou graduações, qual a tua área de atuação dentro da unidade, se possui alguma pós -graduação e tudo mais.

Diretora: Eu sou diretora da escola no momento. Na rede de município, sou orientadora educacional, sou efetiva desde 2018. Formada em pedagogia pela Udesc, em psicologia pelo Centro Universitário Estácio de Sá, né, na rede do município, atuo somente na área de pedagogia, e tenho pós -graduação em gestão democrática de pessoas e neuropsicologia.

Pesquisador: E por que você escolheu, com essas duas graduações, trabalhar na educação?

Diretora: Porque eu gosto de trabalhar com a área da educação, é algo que eu gosto de fazer, eu gosto de trabalhar com o ensino, com alunos, esse processo educacional, o processo de ensino aprendido, comunicação com famílias, é algo que eu gosto de fazer, e por isso eu optei pela área educacional e não a área da psicologia.

Pesquisador: Pensando agora no teu tempo de estudante, na educação básica, onde você estudou?

Diretora: Eu estudei no Colégio Elisa Andriol, localizado no município de São José - SC.

Pesquisador: Toda a tua vida escolar foi lá?

Diretora: Do jardim de infância ao terceiro ano.

Pesquisador: É uma escola particular, né?

Diretora: Exato.

Pesquisador: E tinha aula de educação física?

Diretora: Tinha aula de educação física.

Pesquisador: E como que era a aula de educação física?

Diretora: Eu lembro que na época dos anos iniciais eram atividades mais recreativas, então a gente tinha atividade ao ar livre, aquelas atividades de pique -esconde, pega -no -rabo, coelhinho -sai -da -toca, tinha atividades mais voltadas a recreação. Quando começou de sexto em diante, trabalhava muita questão de modalidade esportiva, Então eu tinha, por exemplo, aulas que a gente trabalhava com jogos, né? Vamos hoje fazer um jogo entre equipes de vôlei, hoje vamos fazer um jogo entre equipes de futsal. Mas tinha vezes que era como se fosse o treino daquele jogo. Hoje a gente vai treinar passe, ou saque, ou chute a gol. Tinham aulas que era mais treinos e outras mais jogos entre equipes.

Pesquisador: As aulas eram separados meninos e meninas?

Diretora: Era separado a partir do sexto ano. Tinha um professor para os meninos e outro professor para as meninas.

Pesquisador: Você participava ativamente das aulas, participava porque era obrigada ou não participavas?

Diretora: Eu participava porque eu gostava e eu era bem ativa na educação física.

Pesquisador: E era importante para ti as aulas de educação física no teu dia a dia enquanto estudante?

Diretora: Sim, porque eu achava que era um estímulo maior também para a questão do estudo.

Pesquisador: Por quê?

Diretora: É porque era um momento que a gente se descontraía, sabe? Era um momento diferente, era um momento que fazia com que a gente se sentisse melhor. Era um momento que a gente conseguia esfriar um pouco a cabeça, principalmente no ensino médio.

Pesquisador: E hoje, enquanto diretora, tu tem a mesma percepção da educação física do teu tempo de estudante? Essa importância deste componente curricular para o aluno?

Diretora: Eu acho que hoje eu valorizo muito mais a educação física porque eu entendo o processo também pedagógico dela, né?

Pesquisador: Fala mais um pouquinho sobre isso, então.

Diretora: É porque quando na época que a gente é estudante, a gente vê mais a questão da diversão, de espairar a cabeça, de se sentir melhor. Hoje penso mais a questão da seriedade do pedagógico, aquilo que vai auxiliar na coordenação motora, aquilo que vai fazer com que o estudante também tenha uma relação com a prática do conteúdo.

Então, a gente tem uma visão mais pedagógica do processo de ensino -aprendizagem também, né? Então, aquele treino de equilíbrio tem um sentido para todo o processo também da escrita, da coordenação motora, né? Então, existe um olhar mais de profissional agora, né?

Pesquisador: E pensando agora, como diretor e também como orientadora pedagógica, o que é que tu ouves dos alunos e dos pais sobre a educação física na nossa escola? Tu percebes que eles enxergam a educação física com a mesma importância que percebem outras disciplinas ou encaram de um caráter mais recreativo ou algo um pouco mais livre?

Diretora: Acho que existe um equilíbrio bem grande quando a gente fala disso, porque eu acho que a gente está numa construção constante da concepção dos pais em relação à disciplina. Eu

acho que tem pais que sim, que levam a sério, valorizam e acha que o filho tem que ser incentivado, estimulado, né? Mas eu acredito que tem pais que não têm ainda essa visão da disciplina de educação física. Eu acho que é uma construção constante e um estímulo muito grande ao se falar.

Várias vezes, a gente já fez neste ano, algumas conversas sobre a educação física, que as pais às vezes reclamam porque vocês estão ali solicitando, estimulando, né?

A professora de educação física fica falando Ah, vai, anda, porque tem muito aluno que às vezes não quer fazer ou faz de qualquer jeito. E não é uma cobrança, né? É uma questão de estímulo. Então várias vezes eu já fiz essa fala este ano, porque os pais às vezes vêm como uma cobrança, como algo negativo e não é bem assim, né?

Pesquisador: Então tu considera que a educação física tem a mesma importância que outras áreas dentro da escola?

Diretora: Sim.

Pesquisador: E tu acha, pra gente encerrar, que ela tem que ser obrigatória não só na escola, mas em todos os campos de ensino, desde a educação infantil, ensino superior e tudo mais, ou ela poderia ser facultativa?

Diretora: Eu acho que ela ajudaria bastante se ela fosse obrigatória. Principalmente na construção da criança no desenvolvimento infantil. Eu te digo pela questão do meu filho ele tá numa turminha de um ano e ele tem a prática da sala do movimento, que é como se fosse uma educação física pra bebê. E eu vejo que é uma disciplina e um momento super importante para o desenvolvimento dele.

Entrevista secretária.mp4

Pesquisador: Eu falo com a secretária da escola, que pertence ao segmento dos trabalhadores da unidade. Então, inicialmente, eu queria que tu falasses qual que é a tua formação superior, você é graduada em que área, em qual instituição você fez a tua graduação, um pouquinho do teu currículo, tá bom?

Secretária: Então, eu sou graduada em administração de empresas, tenho especialização em gestão de pessoas, administração pública e educação infantil e anos iniciais também.

Eu tenho uma graduação incompleta em pedagogia, e é isso.

Pesquisador: E onde você cursou essas suas graduações?

Secretária: Eu tenho a graduação na Faculdade Municipal de Palhoça, de administração de empresas, a minha primeira especialização foi gestão de pessoas também, foi na Faculdade Municipal de Palhoça. A administração pública eu comecei na Estácio, mas eu concluí na FAEL. A educação infantil e anos iniciais foi na Uniasselvi e a graduação em pedagogia na Estácio de Sá.

Pesquisador: E o que te levou a trabalhar na educação como secretária escolar?

Secretária: A minha graduação inicial era administração de empresas, eu tinha uma empresa e ela quebrou. Então, como eu tenho duas filhas pequenas, eu fui trabalhar numa escola particular na área administrativa. Logo depois, diante do interesse e de ter um bom relacionamento com as famílias e com as crianças, eu fui convidada a trabalhar na parte pedagógica. Então, eu iniciei a minha graduação e aí eu logo fui convidada a auxiliar a coordenação. Eu tranquei a graduação e parti para uma pós porque eu precisava de algo mais prático para o momento. E aí, eu me apaixonei pela educação. Diante de algumas situações da vida, eu precisava de um valor maior financeiro para ajudar a minha família.

Então, eu precisei voltar para a área da administração. Daí, me especializei onde eu estava trabalhando. E quando teve a oportunidade de fazer o concurso, que era algo voltado para administração e educação, eu resolvi fazer para que eu pudesse conhecer o serviço público.

Pois eu conhecia apenas a educação privada, mas não a educação pública. E como eu fui uma aluna de escola pública, eu tinha muito esse interesse de conhecer a parte interna, né? A outra face da educação pública que a gente que foi aluno não vê.

Pesquisador: Como você começou a falar um pouquinho da tua vida enquanto aluno na escola, você estudou aonde?

Secretária: Eu estudei em escola municipal e escola estadual. Estudei na escola municipal Venceslau Bueno, na Palhoça. Em seguida, no Instituto Estadual de Educação em Florianópolis, concluindo o meu ensino médio.

Pesquisador: Você tinha aulas de Educação Física nas suas escolas?

Secretária: Sim, e eu odiava.

Pesquisador: Você participava das aulas?

Secretária: Não, até o sexto ano, eu sempre estava doente. Minha mãe sempre fazia vários bilhetes para eu não participar das aulas. Eu era uma aluna que as pessoas já sabiam que eu não gostava, que tinha que correr uma quadra imensa no sol. Eu passava mal, eu sentia falta de ar. Então, os professores me passavam trabalho teóricos, eles respeitavam.

Pesquisador: E depois? Mais para frente?

Secretária: Quando eu fui estudar no Instituto, lá é obrigatório, porque lá é contraturno e daí são modalidades. Eu passei por todas as modalidades que tu pode imaginar e eu não consegui ficar mais de um mês em cada uma delas. Saí do Instituto por causa disso, porque lá era obrigatório fazer aula prática.

Pesquisador: Então você fazia por obrigação, não por que querias?

Secretária: E eu sempre odiava. Graças a Deus, meus professores sempre entenderam, ao contrário das minhas filhas, elas quando acordam, e no dia tem educação física e falam que é o melhor dia da semana.

Pesquisador: Mesmo com esse teu passado, onde tu não curtias tanto a educação física tinha algum motivo específico para você não gostar das aulas de Educação Física? Você teve péssimas experiências com prática esportiva, ou jogos assim, que não te atraíam de fato mesmo?

Secretária: Eu não gostava, quer dizer, na realidade, acho que não. Visualizando bem o currículo da minha época, era bem dinâmico, né? Era sempre um bimestre futsal, outro bimestre handebol, meu Deus, eu odiava handebol. Teve uma época que eles trouxeram projeto de xadrez para quem era mais pacato. Mas acho que teve sempre relacionado a minha falta disposição. Eu sempre fui uma criança muito pacata, sempre fui uma criança de ler muito, de estudar muito e não gostar de me movimentar. Até hoje é um grande desafio na minha vida. Então eu acho que é algo mais assim da minha... Do meu fisiológico, sabe? E não realmente assim voltado ao interesse ou falta de experiência não positiva, assim. A parte negativa era realmente a questão de não se sentir bem, né? O cansaço durante o esforço físico, era muito grande, as escolas

grandes, a quadra era grande, já para começar a gente precisava dar aquelas voltas correndo, ali já acabava comigo.

Pesquisador: Mesmo assim, tu conseguias enxergar naquela época alguma importância na educação física enquanto componente curricular presente no currículo da escola?

Secretária: Nela época, não. Mas hoje, sim.

Pesquisador: Então fala, hoje qual a importância que tu vê. Pensando no nosso ambiente escolar, tá?

Secretária: Hoje eu penso que eu teria essa pressão de estudo, esse cansaço que a gente já tem na vida enquanto adulto, né? A gente já precisa de atividade física pra conseguir equilibrar os hormônios. Eu imagino na fase de desenvolvimento quanto é importante. Então se eu tivesse essa visão, assim, realmente da qualidade de vida e quanto aquilo vai me trazer benefícios tantos emocionais, psicológicos e físicos, talvez se eu conseguisse ter esse entendimento eu teria me esforçado mais. Hoje eu estaria mais apta a realizar outras atividades, mais interessada, uma pessoa mais movimentada se eu tivesse iniciado lá na educação física, na escola.

Pesquisador: Pelo o que tu observas da educação física na nossa escola, hoje, se ela fosse no seu tempo de estudante, você teria vontade de participar?

Secretária: Eu acho que diante da nossa realidade aqui por ser uma escola pequena, pelas atividades serem mais concentradas, eu acho que eu participaria. Acho que realmente foi por ser uma estrutura maior, o professor não tinha como ter um olhar mais acolhedor. Hoje a gente vê muito esse olhar individualizado, né? Dos profissionais, dos professores pra tentar desenvolver dinâmicas que envolvam o maior número de crianças possíveis, de estudantes. E naquela época não se via isso, era tudo muito generalizado, as turmas eram muito grandes, eram muitos alunos, os espaços eram muito grandes na escola, então eu acho que seria um pouco menos difícil.

Pesquisador: Me diga uma coisa, tu tens uma função na escola que tu lidas tanto com os alunos, quanto com os professores e quanto com os pais, né? Lidas com toda a comunidade escolar de uma maneira geral. O que tu percebes dos alunos e dos pais, da forma como eles observam a educação física na escola?

Secretária: Eu não vejo nada parecido com o da minha época em nenhuma família. Vejo um interesse muito grande, principalmente em jogos com bola. Observo que eles têm um interesse muito grande com futebol. Percebo situações de “Ah, uma turma tá trabalhando isso e a nossa

não, por que?”. Esses dias aconteceu, veio um aluno e falou, a tal turma do mesmo ano tá trabalhando futsal, e a gente, não. Mas peraí, pode ser alguma questão do currículo, ou sobrou algum tempinho e a professora liberou. Então eles sentem, eles têm um interesse tão grande que eles percebem o que as outras turmas estão trabalhando e tentam, né, naquilo que é mais perto do interesse deles e tentam até questionar para que isso também volte para eles, assim. E assim, o que chega, né, caso um aluno não possa realmente realizar uma atividade, uma aula de educação física, é realmente questão de saúde, né? Alguma fratura, alguma predisposição que precisa se afastar, realmente com orientação médica, assim. Percebo muitas meninas fugindo de determinadas atividades, mas referente aos pais e alunos, percebo que todos compartilham da importância deste componente dentro da nossa escola.

Pesquisador : Você acha que a educação física na escola ou nos ambientes escolares, ela precisa ser obrigatória em todos os níveis de ensino?

Secretária: Eu acho que até o ensino médio, quando o aluno ainda não trabalha, eu acho que deveria ser obrigatório. Penso que deveria vir uma habilidade ou uma proposta que envolva e desenvolva a importância da atividade física relacionada também ao desenvolvimento emocional e psicológico do ser humano. Percebemos a cada dia o quanto essa questão emocional está ligada à saúde física e o quanto isso é importante durante a carga de estudos de um estudante e o seu desenvolvimento. De acordo com a realidade de cada comunidade, eu acho que a Educação Física é imprescindível, mais do que outras disciplinas até.

Pesquisador: Falando na educação física, comparada às outras áreas, dentro da escola, tu vê a mesma importância dela comparada com outros componentes, tipo matemática, alfabetização etc.?

Secretária: Vejo. Vejo ela também como um elo forte para todas as outras disciplinas. Eu acho que a questão de se mexer, de se aliviar, o emocional, liberam vários hormônios.

Eu acho que isso pode ser benéfico para várias áreas da criança, do adolescente, inclusive, no processo de aprendizado dele dentro das disciplinas. Eu acho ela tão importante quanto com um olhar diferente, que eu acho que é esse olhar que deveria vir. Essa questão da saúde mesmo, dessa responsabilidade e desenvolvimento. Creio ela poderia trazer isso, conscientizando mais os estudantes, sabe? Na nossa comunidade, principalmente, a gente percebe o quanto as crianças já têm vários problemas emocionais, de equilíbrio, desenvolvimento e maturidade. Creio que trazendo essa consciência, eu acho que as aulas de educação física irão ajudar muito.

**ANEXO M – TRANSCRIÇÃO ENTREVISTAS: SEGMENTO PAIS E
RESPONSÁVEIS.**

Entrevista Responsável 1.

Pesquisador: Estou com uma representante do segmento Pais e Responsáveis da Unidade Escolar. Vou falar com a mãe de um aluno. O objetivo dessa pesquisa, então, é identificar a percepção que a comunidade escolar tem, da educação física e da sua prática pedagógica dentro dessa unidade. Eu vou iniciar, então, perguntando para a mãe, para ela falar um pouquinho de como que foi o tempo de estudante. Se ela terminou o ensino médio, se ela fez fundamental, se ela se aprofundou um pouco mais, fez faculdade e tudo mais. Você está livre para falar da tua época de estudante.

Responsável 1: Fiz serviço social e trabalhei muito tempo também nessa área, na área da saúde. E o meu tempo de colegial, foi assim um pouco, vamos dizer, não seria chamado de bullying na época, né? Hoje eu tô com uns cinquenta e poucos anos, hoje eu tô diagnosticada com distrofia muscular, então, na época, eu já tinha problemas. Eu não conseguia fazer tantos exercícios, exercícios que precisava mobilidade maior de pular, de correr, eu tinha muitas dificuldades desde aquela época, só que eu não tinha diagnóstico. Então, eu era taxada de “*mandriona*”, de aluna indisciplinar, de aluna que não queria fazer, não queria respeitar as aulas e ninguém me entendia. No entanto, até hoje eu tenho um trauma de uma professora de educação física, não posso nem ouvir falar o nome, é sério. Então, aí, hoje eu entendo o meu filho, né? Só para ter um resumo.

Pesquisador: Deixando um pouco de lado, a questão da educação física ainda, no teu tempo de estudante, no cotidiano da normal da escola, assim, como é que tu era? Tu eras uma aluna aplicada, qual que eram as tuas preferências, as disciplinas que tu não gostava, qual era o sentido que escola tinha para ti naquela época?

Responsável 1: Ah, eu sempre gostei muito da época de estudante, minha mãe nunca precisou me mandar estudar, me mandar fazer tarefas, eu já vinha do colégio, já fazia minhas tarefas. Eu gostava de todas as matérias em geral, não tinha uma que eu não gostasse.

Pesquisador: E o que a escola representava para ti naquela época?

Responsável 1: Ah, na época a gente estudava, bem a verdade, porque precisava, né? É muito dito dos pais, se tu não estudar, tu não vai ser nada lá na frente, tu não vai ter um emprego bom. Então, a gente já vem com essa expectativa, eu vou estudar porque eu preciso. Porque, na verdade, assim, eu gostava da aula, mas se dissesse assim, ah, tu prefere ir para a

aula ou ficar em casa, né? Óbvio que a gente tinha aquela, ah, hoje eu não estou com vontade de ir para a aula. Ah, mas eu tenho que ir porque senão eu vou perder matéria. Eu não gostava de perder a matéria, né? Eu era muito disciplinada, na verdade.

Pesquisador: Ainda falando do teu tempo de estudante, agora sendo mais específico à educação física, né? Você já comentou, anteriormente, que teve um certo trauma, né? Lembrar o nome da professora,. Mas como que era a aula de educação física na tua época? Não te preocupe em falar ainda do teu trauma, a gente vai falar sobre ele um pouquinho também. Mas, assim, quais eram os conteúdos, quais eram as atividades? Caso você conseguir lembrar, como eram as aulas nos anos iniciais e anos finais do Ensino fundamental e depois no ensino médio.

Responsável 1: No início era, vamos dizer, brincadeiras, né? Principalmente em épocas de chuva, a gente brincava muito, era, deixava mais livre, não tinha tanto conteúdo até teórico, né? Eram mais brincadeiras. Depois, no ensino médio, no fundamental, a gente vai tendo teorias sobre tipo de vôlei, né? Sobre a história da educação física. E tinha muito, eu me lembro que tinha muitas brincadeiras, eu não sei se seria dito como exercícios, né? Ou era brincadeira, tipo, pular, tinha um cavalete, a gente tinha que correr, parar, pular, no outro lado. São coisas que mais me recordo, assim, né?

Pesquisador: Mas como o professor tratava esses conteúdos para vocês, como jogo ou como uma brincadeira?

Responsável 1: Trazia como um jogo. Na minha época, o que eu me lembro mesmo era isso. Quando chovia, fazíamos exercícios mesmo de, tipo, alongamentos. Que hoje é dito como alongamento, né? Na época eu nem me lembro se era dito.

Pesquisador: Agora vamos falar um pouquinho desse teu trauma. Hoje você possui um diagnóstico de uma doença que vem acompanhando você ao longo dos anos, inclusive na vida escolar, mas que na época de estudante não estava muito claro. E fala um pouquinho sobre isso, se não te incomodar, tá? Se não te incomodar, não tem problema. Mas fala um pouquinho sobre esse momento. Pois esta tua fala pode vir a moldar o teu olhar da Educação Física a partir da tua experiência.

Responsável 1: É, como eu já tinha comentado. Um exercício até que vem muito na mente, que foi o primeiro que eu falei, tinha esse cavalete que a gente tinha que correr para colocar as mãos e pular do outro lado. Eu tenho a distrofia, então eu tenho muita fraqueza muscular. Eu não tenho firmeza nos braços. Então, desde aquela época, eu já tinha isso. Era

muito de cair. Eu corria, mas eu corria toda, vamos dizer a palavra assim no popular, desengonçada. Eu corria e caía. Na hora de pular, eu não conseguia firmar os braços para pular. No vôlei, a bola batia nos braços. Meus braços já não tinham a firmeza nem de tocar uma bola. Eu sempre tive essa dificuldade. E, como eu te falei, eu era taxada de quê? A mole. Ah, não sabe fazer nada. Tanto da professora quanto dos meus amiguinhos. Ninguém queria eu na turma, no time. Ah, vamos fazer o time, mas ninguém nunca me queria, justificando que eu não sabia jogar. Eu caía muito, sabe? Aí, quando era em exercício de alongamento, eu adorava. Exercícios marcados, né? Eu me lembro que a professora dizia: “Ah, tá, quando é exercício assim, bonzinho, aí tu quer fazer. Viu como você é?” Me taxava de nomes pejorativos que hoje tá aqui, né?

Responsável 1: É possível perceber a marca negativa desse componente curricular na tua vida. A formação do professor, de uma maneira geral, ela é bem diferente de hoje em dia, comparada a antigamente. Se algo, por exemplo, acontecesse como aconteceu contigo hoje nas aulas, chamaria a nossa atenção. Hoje, tem uma equipe pedagógica toda envolvida com todas as disciplinas pra tratar, pra tentar ajudar o aluno, pra identificar e resolver questões. Quando não temos a competência pra resolver, acionamos os órgãos competentes pra poder resolver, né? Então, aqui, a gente já vê como que era tratada a educação como um todo, não só a educação física no teu tempo de estudante. Deixa eu te fazer uma pergunta que eu esqueci. Você procurou opinião profissional para tentar identificar que algo estava acontecendo com você?

Responsável 1: Então, até eles associarem e ver realmente que tem algum problema, vamos dizer assim, né? Uma coisa, um diagnóstico, uma coisa. É realmente difícil, né? Até porque, na época, minha mãe me levava no médico e eles diziam que era fase de crescimento, que isso ia passar, que isso ia melhorar. Sempre tem isso, né? Hoje, tem uma visão bem mais ampla.

Pesquisador: A última pergunta ainda desse teu tempo como estudante. mesmo tu passando por esses problemas com a educação física, na tua fala ainda percebi que mesmo você sofrendo bullying por parte dos outros alunos e da professora, consegui perceber que haviam momentos que você gostava de participar das aulas. Naquele tempo, tu achava que era importante a educação física na escola?

Responsável 1: Achava. Eu achava porque, assim, eu aprendi muita coisa na época. E hoje eu carrego, tipo assim, em termos de saber sobre a teoria de vôlei, basquete, sobre os conhecimentos da história da educação física. Hoje, eu sei muita coisa porque eu aprendi. Então, foi válido, sim. Eu só sofria, como eu te comentei, eu só sofria nesse ponto. Tanto é que quando era para fazer, assim, tipo coreografia, ia ter apresentação no teatro, que eu me lembro, aí teria que fazer uma coreografia de uma dança, eu conseguia fazer. Eu gostava de dançar e dançar para mim até hoje é uma das terapias que o médico até me indica porque esquenta a perna e para de doer, né? Então a dança me fez “gostar” da educação física. Então isto é um dos pontos que me chamam a atenção, do conhecimento que eu tive lá atrás que hoje eu carrego comigo e essa época do gostar, que eu gosto muito hoje de dançar. Então, eu já vinha desde aquele tempo. Então, tinha alguma coisa sempre de bom, né?

Pesquisador: Muito bem. Vamos focar agora na questão do teu filho. Ainda não vou entrar no teu filho na questão da educação física, mas na organização de vocês, assim. Qual é o estímulo que você dá para ele se movimentar? Incentiva ele a fazer alguma atividade? Brinca junto com ele? Realizam exercícios físicos juntos? Etc.

Responsável 1: Eu levo ele duas vezes na semana comigo para a academia. Eu caminho com ele aos sábados e aos domingos, que é o tempo que eu tenho. E andar mais com ele assim. De bicicleta. Ah, vamos na padaria? Vamos de bicicleta. Eu vou caminhando e ele vai de bicicleta. “Vamos dar uma volta, mãe?” “Ah, vamos”. “Meus amigos querem ir, mãe. Posso ir com eles?” “Eu vou junto”. Eu tenho medo nessas estradas aqui. Mas assim, estimulo ele, até eu jogo bola com ele. Assim, do meu jeitinho, né? Ele joga bola para mim e eu chuto. Fico paradinha e fico chutando. E ele... Ah, a bola foi para lá. Eu estimulo ele a pegar. A minha casa tem dois pisos. Então, assim, eu... Ah, ele está lá em cima e eu o convido para tomar um café e ele, às vezes, mandriãozinho. Não quer vir buscar. Eu digo: “Não, desce para buscar”. São esses os estímulos que eu faço. Também dou muito tarefas em casa para ele. Em termos de cuidar dos cãozinhos. Lavar as coisas. Dar comidinha. Então, assim, é tudo para fazer ele não ficar parado. Para não ficar na mesmice.

Pesquisador: Vamos focar agora na escola, tá? Especificamente na disciplina de Educação Física. Como que tu percebe o seu filho? O que ele te relata sobre a Educação Física na escola?

Responsável 1: Não sei se pode citar que ele tem TDAH e o TOD, o diagnóstico. Ele é uma criança mais difícil para limites, para ordem. Então, tu tem que trabalhar muito em cima dele, sempre, todo dia. É uma jornada todo dia que eu tenho com ele a respeito disso. Então, assim, ele chegava e eu comentava quais as aulas que tinha hoje. Eu já tinha Educação Física, sabe? O que foi feito na Educação Física? Ah, foi feito tal coisa. E tu gostasse, fizesse? Ah, eu não gosto. Por que é que tu não gostas? Aí eu vim lá e me lembrava do meu tempo. Por que é que tu não gosta? Ah, tipo assim mãe, tem que correr. Eu não consigo correr. Realmente, ele tem uma grande dificuldade de locomoção. Ele tem também essa dificuldade. Já estou fazendo acompanhamento médico também para ver se tem alguma coisa, né? Mas, assim, ele é adotivo, né? Então, assim, eu faço o possível para que ele goste. Mas por que é que tu não gostas meu filho? Ah, porque eu corro e daí eu corro toda atrapalhado e eles ficam rindo de mim. Ah, tá. Hoje teve, vamos dizer... Ah, o que fizeram hoje? Ah, hoje a gente ficou na sala porque estava chovendo. Então, a gente ficou só jogando jogos e tal. Aí ele já vem com um sorrisinho maroto, como se dissesse que gostou. A gente sente a diferença.

Pesquisador: Tu consegues perceber que ele demonstra alguma importância na educação física?

Responsável 1: Na verdade, não. Porque, assim, eu vejo que com essas dificuldades que ele enfrenta... Ele enfrenta essas dificuldades e ele não... Ele diz assim, para mim é dificuldade. Então, tudo que é difícil para ele tem uma interrupção, ele não quer ir além. É isso que eu trabalho muito nele, entendeu? Eu ando com ele de bicicleta eu comento, que tem que se exercitar exercitar, andar de bicicleta é um exercício de educação física também. Está vendo como é bom? Quanto mais exercício tu fizer lá no colégio, na hora que é a educação física, melhor tu vai ter aqui fora. Melhor tu vai andar de bicicleta, melhor tu vai andar, né? Tu vais movimentar melhor, tu vais ter flexibilidade. Eu tento explicar para ele. Eu sou muito presente nisso, entendeu? Não estou só falando, não. Eu sou realmente assim, sabe? Eu sou, às vezes, até muito metódica, muito chata. Mas é que eu gosto de associar uma coisa com a outra. Para eles terem uma visão, né?

Pesquisador: Encerrando aqui a parte da educação física específica. Agora, uma pergunta para ti. Compara o teu tempo de aluna com o tempo do teu filho hoje enquanto aluno, né? Tu consegues perceber, no teu olhar, na tua visão, na tua percepção, a importância da educação física no teu tempo de estudante. Tu achas que hoje é diferente do tempo atual do teu

filho enquanto estudante? Tu consegues enxergar uma diferença nesse teu envolvimento com a educação física ou nessa importância que tu enxergou a educação física para ti enquanto estudante, que está sendo para o teu filho enquanto estudante hoje?

Responsável 1: Uma grande diferença que eu vejo é que, naquele tempo, a educação física era como uma matéria curricular. Entendeu? Eu tive meu aprendizado, eu carrego hoje. Mas, muita gente, a educação física era só educação física. Hoje, não. Hoje, eu vejo a educação física, na minha visão, como um jeito de tu aprender para ter uma profissão, para ter cuidados, saúde. Eu tenho essa visão hoje. Naquele tempo, eu não via isso, não.

Pesquisador: Então, tu achas que hoje é mais importante?

Responsável 1: Mais importante, com certeza.

Pesquisador: Se tu fosses aluna nos dias de hoje, tu achas que estarias mais inserida dentro da disciplina? Tu achas que seria mais importante para ti hoje enquanto aluna do que naquele tempo?

Responsável 1: Com certeza. Até devido, talvez, por hoje eu saber, tocando de novo nesses problemas que as pessoas podem ter e não são compreendidas, eu até poderia fazer, vamos dizer, se eu tivesse essa mobilidade, como eu não tenho, mas para aprofundar nisso, para fazer isso. Eu trabalhei uma época até com crianças no colégio, quando eu fiz o meu estágio de serviço social, foi numa creche. Eu gostava, na época, de fazer com as crianças, “Ah, vamos fazer exercício? Vamos brincar?”. Então, eu inseria isso com eles. Então, eu gosto disso hoje, dentro do meu limite. Então, eu acho muito mais interessante hoje. É vista uma preocupação hoje, não somente na matéria curricular.

Pesquisador: Para encerrar, o que que tu esperavas da escola, de uma maneira geral, com todas as suas disciplinas no teu tempo de estudante? E, o que que tu esperas hoje como mãe da escola do teu filho?

Responsável 1: Na verdade, o que eu esperava na minha época é que eu fosse mais compreendida. Assim, em outras matérias, eu não sei se eu específico, tipo, eu era compreendida em matérias, porque, como eu te falei, eu era bem disciplinada. Eu só tinha essa, eu chorava, tinha aula de educação física, “putz, amanhã tem educação física”. Então, eu não gostava, era da educação física, por esse motivo somente, por não ser compreendida. E o que eu espero hoje da escola do meu filho é que talvez teria também uma compreensão maior, um olhar mais aprofundado em, realmente, em ver se a criança realmente tem essa facilidade, ou

se ela tem, ou se ela quer, ou realmente ela tem essa dificuldade, né? Porque, como eu passei por tudo isso, eu também sei que é difícil, então eu... E também vejo, assim, que ele... Eu queria que os estudantes tivessem mais oportunidades de conhecer mais, assim, outros tipos de atividades. Ah, levar a turma pra conhecer o esporte, a natação, pra ver como é que é. Tem crianças que se interessam muito com isso, fazem como rotina a natação, mas não se interessam lá na frente. É nisso que eu acho, assim, que poderia ser, teria que ter, mas isso, claro,